

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIEDADE E CULTURA NA
AMAZÔNIA

JEANNE CHAVES DE ABREU

Igualdades e diferenças: os sentidos simbólicos da dor e prazer nos corpos dos
gêneros masculino e feminino

Manaus
2013

JEANNE CHAVES DE ABREU

Igualdades e diferenças: os sentidos simbólicos da dor e prazer nos corpos dos gêneros masculino e feminino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas para a obtenção do título de Mestra. Linha de Pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais orientada pela professora Dra. Iraildes Caldas Torres

Manaus
2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Abreu, Jeanne Chaves de

Igualdades e Diferenças: os sentidos simbólicos da dor e prazer nos corpos dos gêneros masculino e feminino, Manaus, 2013.

100 p.

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas.
Linha de pesquisa: Sistemas Simbólicos e Manifestações Socioculturais.
Orientadora: Torres, Iraildes Caldas.

1. Gênero e corpo social: um espectro de subjetividade histórica. 2. Os corpos sexuados e a vivência de dor e prazer. 3. Trajetória de vida de homens e mulheres vivenciadas na dor e prazer.

JEANNE CHAVES DE ABREU

Igualdades e Diferenças: os sentidos simbólicos da dor e prazer nos corpos dos gêneros masculino e feminino

Dissertação apresentada ao Programa de Pós Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas, como requisito final para a obtenção do título de Mestra em Sociedade e Cultura na Amazônia.

Aprovada em: ____/____/____

Banca Examinadora

Prof^a. Dr^a. Iraildes Caldas Torres

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof^a. Dr^a. Artemis de Araújo Soares

Instituição: Universidade Federal do Amazonas

Julgamento: _____

Assinatura: _____

Prof. Dr. Ricardo Gonçalves Castro
Educação Social

Instituição: Instituto de Teologia Pastoral e

Julgamento: _____

Assinatura: _____

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me indicado o caminho da educação e ensino, o qual só tem me proporcionado prazeres.

A minha orientadora professora Dra. Iraildes Caldas Torres pelas palavras de incentivo, dedicação e apoio em todos os momentos.

À professora Dra. Artemis de Araújo Soares pelas contribuições ao nosso projeto por ocasião do exame de qualificação, sobretudo por me ensinar o gosto pela beleza estética do movimento ginástico. E pelos anos que sou agraciada por sua amizade.

Ao professor Dr. Renan Freitas Pinto pelas suas contribuições por ocasião do exame de qualificação.

Ao meu esposo Jefferson Oliveira pela compreensão em entender meus momentos de estudo e reflexões.

Aos meus filhos Paula Karynne, Jean Marcelo, Andrey Michell e Anderson Bruno por me incentivarem nos momentos mais difíceis.

Aos alunos e bailarinos da Pajé Cia. de Dança, almas deste estudo, pela sinceridade e seriedade com que expuseram suas experiências de vida, num gesto de grande confiança em mim.

À Universidade do Estado do Amazonas, minha Instituição de trabalho, por ter me oportunizado o prazer de conduzir um grupo de dança.

Aos amigos professores Wagner de Oliveira, Miguel Ângelo Moreira e Moacir Átila Moreira do Curso de Educação Física da Universidade Paulista, pela ajuda nos momentos difíceis em que era impossível conciliar trabalho e estudo.

O que o ser humano deseja mesmo é que
o outro o deseje.

(Jacques Lacan)

RESUMO

Esta pesquisa assumiu o propósito de analisar a conexão comportamental entre os gêneros masculino e feminino no tocante ao prazer sexual, à dor da traição e ao preconceito homossexual na sociedade manauense. O tema referente às questões passionais em épocas passadas era exacerbado e na atualidade pouca coisa mudou. Todos os dias são veiculados notícias de violência contra mulheres que traem seus companheiros. O vivido em meio aos preconceitos de toda ordem estão representados nas falas dos indivíduos homossexuais, a intolerância à sua orientação, a rejeição de suas famílias e a indiferença da sociedade. Há diversas formas de busca do prazer sexual, no entanto, os caminhos nem sempre são prazerosos para conquistá-lo. A intenção deste estudo consistiu em comprovar se, de fato, homens e mulheres apresentam igualmente em seus corpos que são estruturas sensíveis a dor da traição, a dor do preconceito contra o homossexual e a plenitude do prazer orgástico. Para tanto, o presente encontra-se ancorado na perspectiva da fenomenologia, na qual é possível observar os sentimentos e a subjetividade sobre o gênero masculino e feminino e a compreensão dos diversos significados oferecidos no interior de suas relações cotidianas. Nesse contexto, o estudo mostra que perceptíveis são os momentos onde as desigualdades entre o gênero masculino e feminino se tornaram tênues e até mesmo inexistentes, quando em alguns segundos ou minutos homens e mulheres se encontraram em condições de igualdade quando seus corpos sentiram a dor e o prazer. Abordando os conceitos de gênero e corpo social, é importante ressaltar que o estudo se deteve sobre os corpos sexuados e a vivência de dor e prazer, discutindo os sentidos simbólicos da dor e do sofrimento. E, como resultado verificou-se que homens e mulheres vivem mais momentos de dores do que situações de prazer, uma condição única e exclusivamente humana.

Palavras-chave: gênero, corpo, dor, prazer, homossexualidade.

ABSTRACT

This research assumes the purpose of notice is at the apex of sexual pleasure the bodies on how male and female gender, even amid the pain of betrayal and of the same prejudice in society people from Manaus. The subject of passionate issues that in past times were exacerbated and that little has changed today, when every day are aired news of violence against women who betray their comrades. The lived in the midst of the prejudices of all kinds are represented in speeches of homosexual individuals, intolerance to its orientation, the rejection of their families and the indifference of society. The various forms of sexual pleasure and the search is not always pleasurable ways to win it. Our intention was to demonstrate if indeed men and women are also on their bodies that they are pain-sensitive structures of the betrayal, the pain of prejudice against the homosexual and the fullness of Orgasmic pleasure. The study was anchored in the perspective of Phenomenology that is possible to perceive the feelings and the subjectivity of the studied phenomenon and understanding the various meanings offered in everyday relations. Find times when the gap between the male and female have become blurred and even non-existent, when in a few seconds or minutes men and women met on equal terms when their bodies felt the pain and the pleasure. We discuss the concepts of gender and social body, focused on the study of us sexual bodies and the experience of pain and pleasure discussing the symbolic meanings of pain and suffering. It was clear the fact that men and women live longer moments of pain than pleasure situations and this is a solely human condition.

Keys word: gender, body, pleasure, pain, homossexuality.

SUMÁRIO

| | |
|---|-----------|
| INTRODUÇÃO | 09 |
| 1 GÊNERO E CORPO SOCIAL: UM ESPECTRO DE SUBJETIVIDADE HISTÓRICA | 13 |
| 1.1 Um sobrevoo sobre gênero e corpo | 13 |
| 1.2 A subjetivação do masculino e do feminino na mente e nos corpos | 23 |
| 1.3 A função social do corpo na sociedade contemporânea | 30 |
| 2 OS CORPOS SEXUADOS E A VIVÊNCIA DE DOR E PRAZER | 41 |
| 2.1 Os sentidos simbólicos da dor e do sofrimento | 41 |
| 2.2 A dor da traição | 48 |
| 2.3 O prazer dos corpos amantes | 58 |
| 3 TRAJETÓRIA DE VIDA DE HOMENS E MULHERES VIVENCIADAS NA DOR E PRAZER..... | 67 |
| 3.1 Corpos e vidas transpassadas pelo preconceito homossexual masculino..... | 67 |
| 3.2 Vidas silenciadas e corpos negados pelo preconceito homossexual feminino..... | 78 |
| 3.3 Trabalhando o preconceito com um grupo focal | 83 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS | 93 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS | 97 |

INTRODUÇÃO

O tema proposto assume o propósito de analisar se no ápice do prazer sexual, na dor de uma traição e no preconceito homossexual existe compatibilidade de reação entre o gênero masculino e feminino, no âmbito da sociedade manauense.

Todavia, é válido ressaltar que as questões passionais emergem de épocas passadas, e de forma exacerbada. O duelo era a conduta adotada para lavar a honra do homem ofendido. Geralmente os amantes pagavam com o ônus de suas próprias vidas. Sob esse aspecto, na atualidade, pouca coisa mudou e quase todos os dias são veiculados notícias de violência contra mulheres que em virtude de situações diversas e adversas traem seus companheiros.

Frente a isso, a elaboração deste estudo toma como ponto de partida e inspiração o sofrimento de um homem traído por uma mulher. A dor transpassando o corpo desse homem faz entender que homens e mulheres podem sentir em seus corpos da mesma forma a dor da traição. Nesse sentido, corpo, dor e prazer, são aspectos que demandam especial atenção, direcionando uma reflexão criteriosa.

A dor da traição é inerente ao indivíduo que acredita que tem a posse do outro (companheiro, marido, namorado, amigo e etc.). Acontece que na mente do primeiro o outro se torna um objeto de sua propriedade, exclusividade e, isso ocorre independente de gênero ou de orientação sexual.

Outra variável da dor decorre do preconceito contra o homossexual. *Gays*, lésbicas e travestis sentem em seus corpos a dor do preconceito com relação à sua orientação sexual, a rejeição da própria família e da sociedade que pune com a indiferença o ser que não siga o modelo julgado como único e correto, excluem e ignoram suas presenças no meio que vivem. Tanto quanto em homens e mulheres a dor do preconceito contra a orientação homossexual se apresenta inexorável.

Na modernidade, a sexualidade está se apartando cada vez mais da obrigação de constituição familiar tradicional e da reprodução em decorrência do desenvolvimento científico-tecnológico e da diminuição do poder da igreja cristã. Essa liberdade de agir, tanto

no que diz respeito às questões do prazer sexual quanto na escolha de procriar ou não, tem permitido aos indivíduos a satisfação de se sentirem livres de condicionamentos religiosos e sexofóbicos.

Os indivíduos em geral fogem da dor e procuram desesperadamente a felicidade e o prazer. O ápice do prazer acontece com o encontro dos corpos amantes. Dos corpos que anseiam a plenitude, o prazer total provocado pelo orgasmo, esse momento de prazer supremo apaga a dor, e nesse sublime deleite, os corpos são felizes. Desavenças, desigualdades e diferenças são esquecidas, homem e mulher não estão apartados, ao contrário disso, os gêneros se unem no prazer do orgasmo. Louro (2011, p. 83) indica que “a interação através das fronteiras de gênero, ou seja, o contato com o outro, tanto pode abalar e reduzir o sentido da diferença como pode, ao contrário, fortalecer as distinções e os limites”.

Sendo assim, quando então seus corpos sentem a dor e o prazer, homem e mulher, alcançam condições de igualdade. Exatamente nesses momentos as diferenças entre o gênero masculino e feminino se tornam tênues e até mesmo inexistentes.

Por outro lado, importa salientar que as desigualdades de gêneros são construídas socialmente, e muitas vezes estão a serviço de ideologias de sistemas de ideias culturais e socioeconômicas. Em algumas culturas ocidentais, as meninas desde que nascem devem obedecer a certas regras e aprendem atitudes e maneiras de agir e atuar na sociedade de forma diferente dos meninos. A construção social da identidade feminina é estabelecida sobre um corpo frágil, passivo, no qual a beleza física é fundamental. Em contrapartida, na formação dos meninos é necessário um corpo forte, agressivo, viril, o que é o sonho de todo pai.

Entretanto, as mulheres sempre foram sujeitos fortes que sobreviveram séculos e sobrevivem ainda hoje à opressão e dominação por parte de uma sociedade patriarcal. Essa guerreira era mantida invisível e passou a vir à luz do sol a partir das lutas por seu lugar de direito na sociedade. O feminismo é a teoria que preconiza o aprimoramento e a ampliação do papel e dos direitos das mulheres na sociedade. De forma objetiva, o patriarcado é criticado pelo feminismo que busca a igualdade social, política, cultural e econômica entre homens e mulheres. Para Louro (2010, p. 25):

O feminismo e os movimentos sociais de grupos minoritários, que vieram junto com ele ou depois dele, e os que se agregaram a eles, ajudaram então a redefinir e a ampliar não só os sentidos de educativo, mas também os de político, de um modo tal que temas com corpo, sexualidade, maternidade, relações afetivas e muitos outros mais pudessem ser problematizados a partir deles.

Nesse contexto, o corpo é mais do que uma estrutura de carne e osso. Para Sant'Anna (2006, p. 22) “o corpo é, contudo finito, sujeito a transformações nem sempre desejáveis e previsíveis. Ao longo dos anos, mudam suas formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos”. Possui, pois, assim uma função social, institui ideias, comporta emoções e linguagens. Trata-se de uma interação motora que dá sentido à ação, com uma dimensão de subjetividade que o permite estar produzindo sentidos fundados em sua cultura, desejos, paixões, afetos, emoções, enfim, o seu mundo simbólico.

O estudo foi ancorado sob a perspectiva da fenomenologia, segundo a qual é possível perceber os sentimentos, a subjetividade e a compreensão dos diversos significados oferecidos no interior das relações cotidianas. Recebe em sua configuração em uma pesquisa participante, ou seja, um tipo de pesquisa social com base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação, na qual pesquisadores e entrevistados, representativos da situação ou problema, estão envolvidos de modo cooperativo e participativo. Delimita-se como lócus da pesquisa a Pajê Cia. de Dança., sobretudo porque é formada por um grupo bastante diversificado, com indivíduos de ambos os gêneros (masculino e feminino) e orientação sexual. Além do que essa Companhia representa um projeto de extensão coordenado na Universidade do Estado do Amazonas. E, é neste ambiente acadêmico e no seio da sociedade que esses sujeitos sofrem todo o tipo de preconceito, principalmente os negros, os homossexuais e de baixa renda.

No processo do trabalho de campo utilizou-se a técnica de entrevista semiestruturada com o uso autorizado do gravador e grupo focal, o que possibilitou a obtenção de dados subjetivos relacionados com a opinião, valores e atitudes dos sujeitos. O nome de cada um dos envolvidos foi omitido substituindo-os por nome de pedras preciosas. A amostra empírica foi composta por 12 bailarinos profissionais na faixa etária entre 13 e 35 anos, dos quais somente 10 foram entrevistados, tendo em vista que 02 dos bailarinos eram menores de idade, não incluídos, por esse motivo, no perfil da pesquisa. Após a qualificação foi percebido a necessidade de incluir no universo da pesquisa outros 05 sujeitos. Na coleta dos dados de campo iniciamos com o uso da técnica do tipo observação direta, tendo por base a pesquisa participante, momento em que colhemos alguns relatos coletivos e posteriormente a entrevista individual.

A dissertação está estruturada em três capítulos. No primeiro capítulo é feito um breve resgate da história e dos conceitos de gênero e corpo social. Traz-se para a discussão o fato de que homens e mulheres são diferentes e que a igualdade depende do reconhecimento

dessa diferença. Todavia, pontua-se nesse aspecto que homens e mulheres devem ser iguais em direitos.

No segundo capítulo o estudo se detém sobre os corpos sexuados e a vivência de dor e prazer. São enfatizados os sentidos simbólicos da dor e do sofrimento, especificamente da dor da traição e a dor do preconceito contra os homossexuais. E, ainda, ao final deste, direciona-se a abordagem para a sensação de pleno prazer dos corpos amantes ao atingirem o orgasmo.

No capítulo 3 destaca-se a dor e o prazer vivenciados por homens e mulheres homossexuais, cujos corpos são violentados pelo preconceito com relação a sua orientação sexual. Uma importante reflexão permite analisar que os indivíduos quando nascem não devem ser rotulados de heterossexuais apenas por terem seus órgãos sexuais masculinos ou femininos. A individualidade biológica está presente nesse corpo, e esse corpo deve estar livre para que sua orientação sexual possa se desenvolver normalmente. Um corpo que sofre e vive a dor do preconceito é o do homossexual, seja ele feminino ou masculino e, essa é uma questão histórica e social.

Nesse sentido, esse estudo se justificou e ganhou relevância não só porque representa um importante instrumento de contribuição à sociologia e à antropologia do corpo, mas fundamentalmente, porque serviu como subsídio à compreensão dos problemas intersubjetivos vividos pelos sujeitos que praticam a dança como terapia para lidar com esses problemas. Nesse contexto, fez-se necessário ampliar as discussões da sociologia do corpo no âmbito do antagonismo dor e prazer, apontando a cumplicidade entre os gêneros como capaz de viabilizar uma convivência mais pacífica sem tantos conflitos.

1 GÊNERO E CORPO SOCIAL: UM ESPECTRO DE SUBJETIVIDADE HISTÓRICA

1.1 UM SOBREVÃO SOBRE GÊNERO E CORPO

Na antropologia, gênero é a forma como se manifesta social e culturalmente a identidade dos indivíduos homem e mulher; refere-se às relações sociais desiguais de poder entre homens e mulheres as quais são o resultado de uma construção social que encontrou terreno no processo socioeducativo de sociabilidade desses sujeitos. Em contrapartida, o sexo está relacionado às características específicas dos aparelhos reprodutores femininos e masculinos, ao funcionamento e aos caracteres sexuais secundários decorrentes dos hormônios.

Pontuar as diferenças naturais e essenciais não significa exaltar as diferenças sociais entre homens e mulheres. A igualdade inclui e depende do reconhecimento da existência da diferença. Todavia, certo é que se os indivíduos fossem idênticos não haveria necessidade de buscar a igualdade. As diferenças não são pontos negativos, são apenas diferenças e não implicam, necessariamente, em desigualdade.

O que se percebe como diferenças e a associação destas com a desigualdade são frutos de construções sociais e históricas. Essas desigualdades são bem perceptíveis a partir da escrita androcêntrica dos processos históricos no mundo ocidental. Os homens que dominaram a escrita e a ciência por muito tempo ignoraram a presença das mulheres. Sob esse aspecto, Perrot (2012) postula que em todas as épocas as mulheres foram ignoradas pelas ciências, sua história foi mantida em silêncio e, por isso, ocorreu uma dissimetria sexual das fontes que são variáveis e desiguais.

Os críticos do movimento feminista em determinada época se perguntaram o que afinal queriam as mulheres: a igualdade ou a diferença? Para Louro (2011) a resposta soa como um desafio e representa uma armadilha, visto que é uma dicotomia falsa, já que igualdade é um conceito político que supõe diferença. E ainda: que não há sentido em reivindicar a igualdade para sujeitos que são idênticos, ou que são os mesmos. Reivindica-se que sujeitos diferentes sejam considerados não como idênticos, mas equivalentes.

A identidade de gênero é construída social e culturalmente e se transmuda conforme a sociedade e o tempo. Essa construção inicia-se desde que o feto é desenvolvido no ventre materno quando o clã familiar movido por expectativas iniciam a tarefa de preparar o enxoval de acordo com o sexo. Cor de rosa para as meninas e azul para os meninos. Assim que o casal recebe a notícia de que um filho está a caminho, a espera do quarto mês de gestação é

aguardada ansiosamente, pois a partir deste, os pais e a família já podem saber se o seu futuro herdeiro será menina ou menino e, a partir desse momento, iniciam-se as especulações. Se for menina vai estudar balé e se for menino vai lutar judô e jogar futebol. Ou seja, por ter genitais femininos ou masculinos eles são ensinados pelo pai, mãe, família, escola, mídia, sociedade em geral, a adotarem diferentes modos de pensar, de sentir, de atuar, o que vai determinar as relações de gênero. Perrot (2012, p.63) relembra que,

De Aristóteles a Freud, o sexo feminino é visto como uma carência, um defeito, uma fraqueza da natureza. Para Aristóteles, a mulher é um homem mal-acabado, um ser incompleto, uma forma malcozida. Freud faz da inveja do pênis o núcleo obsedante da sexualidade feminina.

As relações de gênero nascem desde a detecção de homens e mulheres na face da terra, e o patriarcado está relacionado a essa época. Sempre e em todas as épocas o mundo foi dominado pelo patriarcado e desde tempos imemoriais foram identificadas raríssimas sociedades consideradas matriarcais. O matriarcado foi bem demarcado nas sociedades primitivas, os grupos populacionais agrupavam-se em volta das mulheres que são consideradas criadoras do sistema de agricultura.

Na era neolítica os homens saíam para caçar e passavam alguns dias para retornar às aldeias, nesse período de ausência as mulheres ficavam encarregadas das responsabilidades e cuidados com a família, desempenhavam o principal papel no campo econômico, regiam a estrutura social e exerciam o poder, não havia a relação de união estável e casamento. A gravidez não era associada ao ato sexual, acreditava-se que a mulher sozinha criava um novo ser através da reprodução assexuada, ou seja, sem a participação do homem, a gravidez era atribuída à relação entre a mulher e a Deusa Terra Mãe.

Coler (2010) indica que algumas dessas sociedades ainda são encontradas até os dias atuais, dentre elas cita-se os Nagovisi, da ilha de Bouganville, situada ao norte da Austrália, próxima a Papua Nova Guiné. Nessa aldeia todas as propriedades são das mulheres e os homens dependem da permissão delas para prover sua subsistência através do plantio e da colheita. O conceito de união marital refere-se basicamente a dormir juntos. Outra sociedade que conserva identidade cultural similar fica localizada a oeste da Sumatra (Indonésia), são os Minangkabau, onde as mulheres são guardiãs das economias, sendo da responsabilidade delas guardar a única chave onde são acumulados os bens da família, assim como prover de alimento, teto e educação a sua prole. Acrescenta-se ainda dentre estas, os Khasi, situados a nordeste da Índia. Nessa sociedade o que identifica a família é o nome herdado da mãe e,

somente as mulheres o herdam e tem todos os direitos. O clã se perpetua somente quando há o nascimento de uma filha, e se, uma família não tem condições de colocar todos os filhos na escola, os meninos é que ficam analfabetos.

Ganha destaque como a sociedade matriarcal mais forte dos dias de hoje a tribo Mosuo, localizada as margens do Lago Lugu na China. Com o quantitativo populacional de 40 mil pessoas, os papéis sociais de homens e mulheres são bem definidos, a propriedade particular e o nome da família são passados de mãe para filha. Já os homens fazem as atividades domésticas e são comandados pelas mulheres.

Essa situação, no entanto, é uma exceção. E, certo é que o patriarcado é um sistema político que está presente nas diversas sociedades e culturas universais. É muito mais forte que qualquer outro sistema político. Há tempos em que o patriarcado parece esvair e há momentos em que ele renasce com toda força para se estabelecer nas mais variadas culturas, entre mitos e crenças religiosas, ideologias e com sistemas econômicos e organizações político-sociais em todos os tempos e lugares.

Os principais elementos do patriarcado são: o controle da fidelidade feminina, a conservação da ordem hierárquica com a autoridade do masculino sobre o feminino, bem como dos mais velhos sobre os mais novos e, a manutenção dos papéis sociais; o homem assume a responsabilidade da provisão material e a mulher é voltada para os afetos, a maternidade e os cuidados do lar.

No patriarcado, desde a era primitiva as tarefas e atividades entre homens e mulheres eram divididas. Os homens ficavam encarregados da caça e as mulheres de cuidar dos filhos, tanto porque precisavam amamentá-los quanto porque o choro das crianças poderia espantar a presa, além disso, ainda eram responsáveis pelas atividades da coleta de plantas e frutos.

Abreu (2008) revela que no período neolítico as sociedades ditas tribais dividiam inclusive as danças. Havia as danças praticadas exclusivamente por homens (solares, de guerra, dança da caça e da pesca) e as danças para mulheres (lunares, fertilidade, agrícolas, nascimento e fúnebres).

Por outro lado, Bourcier (2001) assinala que um dos poucos períodos históricos em que houve a igualdade na importância do exercício de funções entre homens e mulheres foram vividos na época dos arquétipos. Encontrados no antigo Egito, apresentam as mulheres ocupando o nobre lugar de sacerdotisas, com os mesmos privilégios que os sacerdotes homens. Mas, essa igualdade de funções só acontecia nos templos, fora deles ela tinha o tratamento igual ao dado para às outras mulheres egípcias que ocupavam uma posição de destaque na sociedade da época.

Os padrões de gênero começaram a se complexificar com o advento das civilizações em que começa a existir o sistema de trocas culturais. Antes da existência das grandes navegações as sociedades não se conheciam e isso dificultava as trocas, no fim do período clássico essas trocas foram expandidas através das novas possibilidades de contato por meio de invasões externas como também por intermédio de missões religiosas.

Para Stearns (2005, p. 31),

à medida que as civilizações se desenvolveram, a partir dos contatos e das limitações das trocas, os sistemas de gênero – relações entre homens e mulheres, determinação de papéis e definições dos atributos de cada sexo – foram tomando forma também. Por fim, essa evolução haveria de se entrelaçar com as das civilizações.

Com a formação das civilizações clássicas expandiram-se seus aparatos culturais, políticos e comerciais. O comércio interno se especializou, as cidades mais ambiciosas se tornaram impérios, com destaque para a China, e as religiões fortaleceram o sentido do patriarcado.

Na Idade Média com o domínio eclesiástico a situação da mulher muda significativamente porque a igreja passa a exercer forte pressão sobre os deveres e a cega obediência dela ao marido. Para Araújo (2010) o fundamento escolhido para justificar a repressão da mulher era simples: o homem era superior e, portanto, cabia a ele exercer a autoridade. Essa concepção era baseada nas leituras pré-definidas que os homens faziam dos escritos sagrados.

Desde o mito de Eva, a mulher é considerada culpada de todo o mal na terra. As figuras malignas possuem características femininas assim como as bruxas são detentoras de saberes e poderes ensinados por Satanás. As mulheres são vistas como pessoas imperfeitas porque são facilmente manipuláveis, não têm consciência de seus atos, sofrem influências de seres espirituais inferiores. Os desejos sexuais e a língua de uma mulher são veículos de pecados mortais que devem ser controlados.

E assim, a igreja vigiava constantemente as mulheres. Era frequente, os párocos inquirirem-nas em seus confessionários sobre questões relativas ao comportamento íntimo. Araújo (2010) pontua que a própria igreja que permitia casamentos tão precoces, cuidava disso desde o confessionário vigiando de perto os gestos, atos, sentimentos e até sonhos das jovens meninas. Pais e padres que se consideravam protetores e defensores da moral e dos bons costumes mantinham em constante vigilância atos e atitudes para que a virgindade fosse assegurada até o casamento.

O poder eclesiástico era o legitimador dessas ideias de forte apelo patriarcalista. Alguns historiadores consideram que uma justificativa chave para assegurar a existência do patriarcado era garantir, com o máximo de certeza possível, que os filhos da mulher fossem do marido.

Mesmo após o casamento a igreja continuava o seu papel de controladora. Na vida íntima do casal não era permitida a lascívia e os jogos sexuais. A moderação, o freio dos sentidos, o controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos.

A igreja indicava que o fim único do casamento era a maternidade, pois ao parir a mulher se afastava da Eva pecadora e aproximava-se de Maria, a mulher que engravidou e pariu virgem. Araújo (2010, p.52) revela que São Jerônimo (392) prescrevia que,

[...] escandaloso é também o marido demasiado ardente para com sua própria mulher, porque nada é mais imundo do que amar a sua mulher como uma amante [...]. Que se apresentem à suas esposas não como amantes, mas como maridos. Moderação, freio dos sentidos, controle da carne, era o que se esperava de ambos, pois o ato sexual não se destinava ao prazer, mas à procriação de filhos.

O cerceamento da vida das mulheres pela igreja aumentava a solidão e a vida sem sentido. Os padres que ao mesmo tempo mantinham essa vigilância eram responsáveis por vários desregramentos no interior dos confessionários.

Não obstante disso, nos dias atuais, parece ainda haver algum tipo de controle da igreja sobre as mulheres. Segundo o relato de uma das mulheres ouvidas nesta pesquisa isso pode ser facilmente comprovado:

Há mais ou menos uns 20 anos quando eu fui fazer minha primeira comunhão eu quis correr da igreja, eu tinha dez anos e o padre me perguntou se eu já tinha feito imoralidade no mato, eu respondi que não! Mas, até hoje nunca mais entrei num confessionário. Depois dessa vergonha me confesso sozinha prá Deus. (Esmeralda 30 anos, entrevista/ 2013).

Para agravar ainda mais a configuração da realidade de hoje, escândalos de padres pedófilos estão sendo levados a público, conspurcando a imagem da igreja. Foi citado em notícia amplamente divulgada pelo Jornal Hoje, da Rede Globo de Televisão, no dia 25/02/2013, que um padre de 56 anos da cidade de São José, São Paulo, foi indiciado por molestar sexualmente por vários anos duas irmãs, uma desde 13 anos e a outra desde os 07 anos de idade. Levado a justiça para prestar depoimento, o padre negou as acusações de

estupro de vulnerável, mas confirmou a conjunção carnal com a vítima mais velha, que nessa data já estava com 19 anos.

É possível observar diante disso que antes de serem padres eles são homens e como tal são seres humanos com desejos e fantasias sexuais. A Igreja até tenta camuflar esses crimes, mas, a cada novo escândalo os liames que prendem à confiança de seus milhões de seguidores vão se tornando fragilizados.

O mundo modernizou-se e a humanidade evoluiu, a sociedade civil já não aceita facilmente os desregramentos e soa como hipocrisia acreditarmos no celibato e na castidade dos pastores. Perrot (2012) indica que ainda hoje para a Igreja de João Paulo II e de Bento XVI, a sexualidade constitui um bastião de resistência ao mundo moderno, uma linha Maginot da moral cristã ou mesmo do sagrado.

Importante é a explicação em que Louro (2010) assinala que segundo a Organização Mundial de Saúde a pedofilia pode ser definida como a ocorrência de práticas sexuais entre um indivíduo maior de 16 anos com uma criança na pré-puberdade (13 anos ou menos), classificando como doente a pessoa que a pratica.

Retomando a discussão, lembra-se que em todas as épocas os homens sonhavam em ter filhos do sexo masculino com o intuito de preservar o nome para a posteridade, acreditavam que quando nascia um filho varão existiam maiores probabilidades da perpetuação da espécie. E, que quando nascia uma filha ao casar-se ela perdia o sobrenome do pai e adotava o sobrenome do marido.

Nas sociedades patriarcais os homens são considerados criaturas superiores. Um artigo publicado na Revista Feminina (12/1915) intitulado “como as esposas devem pensar” dá a dimensão da submissão da mulher no início do século XX. A mulher deveria educar seu pensamento e jamais se esquecer de satisfazer um pedido do marido, seus pensamentos deveriam estar voltados para atender e entender os desejos do cônjuge. Em um dos parágrafos desse texto Dangennes (1915, p. 14) comenta que a esposa que não tem pensamentos para o marido deveria ter uma mentalidade inferior ou o seu afeto por ele ocupa tão pouco lugar na sua vida, que os desejos dele não podem ter preponderância no seu pensamento. A esposa confessa assim o vazio do seu cérebro ou o caos da sua vontade moral.

O passar do tempo mostra que as mulheres ocidentais conquistaram alguma independência através do trabalho fora do lar, e em virtude dessa liberdade, a desigualdade entre o gênero feminino ocidental e o oriental tendeu a crescer muito mais. A mulher judaica até hoje é proibida de participar de grupos ou tocar no homem, inclusive em seu marido quando está menstruada, pois nesse período natural da mulher ela é considerada impura. No

muro das lamentações homens ficam de um lado e mulheres de outro. Nas sinagogas e mesquitas o mesmo se repete. Na Índia, o sistema de castas coloca a mulher em posição inferior ao homem e a lei é muito severa com qualquer evento delituoso que tenha a participação da mulher, como exemplo, o adultério, que em alguns países árabes é punido com o apedrejamento das mulheres em praça pública.

Para esboçar um quadro sobre a realidade, considera-se que os estudos de gênero tem avançado consideravelmente, com aumento significativo do número de pesquisadores que estudam as relações de gênero destacando a visibilidade da mulher como objeto de estudo. Dentre outras, a preocupação dos pesquisadores consiste em não traçar um perfil único de mulher.

Scott (1990) acrescenta que são de estudos voltados para a elucidação das relações de gênero levando em conta a intersecção que este conceito estabelece com outros conceitos como classe social, raça/etnia, com uma análise diversificada sobre as mulheres nas sociedades ocidentais. Para a referida autora não há linearidade ou pelo menos não deveria haver nos estudos de gênero, pois ainda se cultiva a ideia e a visão masculina da ciência moderna que atua com dicotomias e unilateralidade, o que dificulta a compreensão do significado histórico da participação das mulheres na sociedade.

Perrot (2012) afirma que até para entender a história das mulheres há que se esbarrar nas comprovações e, para escrever a história são necessárias fontes, documentos, vestígios, o que é uma dificuldade, pois segundo a autora, as mulheres cientes de sua insignificância na sociedade, quando se aproximava o fim de suas existências, destruíam os seus papéis pessoais e sua história de vida.

Organizar arquivos, conservá-los, guardá-los, tudo isso supõe uma certa relação consigo mesmo, com sua própria vida, com sua memória. Pela força das coisas é um ato feminino. A perda, a destruição, a autodestruição são muito frequentes. Os descendentes se interessavam com muito mais frequência pelos homens importantes da família, e muito pouco por suas mulheres, apagadas e obscuras, cujos papéis destruíam ou vendiam (PERROT, 2010, p. 30).

Na visão dos patriarcalistas o lugar da mulher é em casa e seu papel e aptidão para o trabalho derivam da sua anatomia. Em decorrência disso, crianças e jovens são socializados de modo sexista. Com relação a isso, estudiosos, nos anos 70 e 80, perceberam que os próprios cientistas sociais acreditavam que a mulher era o reverso da moeda homem, o que sempre dificultou o entendimento da mulher como personagem histórica.

A sexualidade feminina era vista sob o prisma das proles ilegítimas e das uniões esporádicas, ao contrário dos casamentos, que representavam uma negociação. Segundo Araújo (2010, p.45)

[...] das leis de Estado e da Igreja, com frequência bastante duras, à vigilância inquieta de pais, irmãos, tios, tutores, e a coerção informal, mais forte, de velhos costumes misóginos, tudo confluía para o mesmo objetivo: abafar a sexualidade feminina que, ao rebentar as amarras, ameaçava o equilíbrio doméstico, a segurança do grupo social e a própria ordem das instituições civis e eclesiásticas.

Observa-se, ante aos fatos, que as mulheres sempre estiveram à margem da história, sexualmente elas não existiam, o sexo feminino era somente um depósito de sêmen – líquido sagrado da vida – do homem. Sobre isso, Perrot (2012, p.63) destaca ainda que na geração da vida, “a mulher não é mais que um receptáculo, um vaso do qual se pode apenas esperar que seja calmo e quente”.

Os seios, com sua sensibilidade ao toque são comentados na história das mulheres como o provedor de alimento ao novo ser que chegava. Quando nascia uma criança o marido era ignorado pela mulher, por esse motivo ficavam enciumados inclusive por ver aquele bebezinho em contato tão íntimo com sua esposa. Castoriadis (1982, p. 336) assinala que o “seio materno ou seu substituto faz parte, sem ser parte distinta, daquilo que será depois o ‘corpo próprio’, e que não é evidentemente ainda um ‘corpo’. A libido que circula entre o *infans*¹ e o seio é libido de autoinvestimento”.

Nessa linha de acontecimentos, a mulher da sociedade entra em disputa com a mulher/mãe, os maridos reclamam do tempo despendido nos cuidados com os filhos e a proibição do ato sexual no período de lactação. Castoriadis (1982, p. 357) pontua que:

A transformação da mãe objeto-sexual em mãe terna não é somente conversão do fim da pulsão, mas modificação do objeto: a mãe terna não é e não pode ser mãe-objeto sexual, porque ela só pode ser (para o sujeito) mãe terna, enquanto mãe social instituída, referida a uma quantidade de relações e de significações que ultrapassam infinitamente e só existem como significações sociais instituídas.

As famílias burguesas e comerciantes bem sucedidos recorriam a amas de leite, geralmente vindas do meio rural, que atendiam em domicílio e eram criteriosamente selecionadas por médicos. Bem nutridas, as amas de leite eram vigiadas de perto, pois as esposas tinham medo que seus maridos se envolvessem sexualmente com estas.

¹ Infans: crianças em tenra idade (recém-nascidos)

Crianças em tenra idade eram motivos de cuidados extremados, pois, a mortalidade infantil era um fantasma a espreita. Leite contaminado, doenças contagiosas grassavam nas famílias, o bebê torna-se o centro das atenções, mimado pela mãe, receado pelo pai. Pais de crianças pequenas morriam de medo de mantê-los no colo, havia um receio irracional de que não eram capazes de segurá-los e isso aumentava a distância entre pais e filhos eternamente. O homem não poderia amolecer frente aos sorrisos do ente indefeso, a obrigação do pai era puni-lo, mesmo nos pequenos deslizes infantis e adolescentes.

A figura paterna era temida tanto por filhos quanto por filhas, porém esse temor arrefecia para os meninos com a chegada da adolescência e acirrava com a chegada da adolescência das meninas. No despertar da juventude as meninas passavam a ser olhadas e cobiçadas como mulheres, as transformações corporais do corpo/menina para corpo/mulher passa a ser o foco e objeto de desejo para o homem e esse homem geralmente estava dentro ou próximo do lar.

Trazendo essas questões para a época atual convém expor um relato coletado em um dos encontros com os sujeitos da pesquisa. Pérola (19 anos) revela que,

[...] desde pequenina sofri abuso sexual de meus familiares, aos nove anos brincava de pai e mãe com meu irmão mais velho (eu deixava e gostava das brincadeiras), ele é somente um ano mais velho que eu, mas até hoje tenho nojo quando me lembro do meu tio que me agarrava com força e esfregava o negócio dele em mim, sinto vontade de vomitar quando penso nisso, pois, ainda sinto o cheiro dele suado porque ele sempre fazia isso depois que ele voltava do trabalho. Só consegui me livrar da perseguição quando graças a Deus ele morreu! Ninguém entendeu porque eu não chorei no enterro (Entrevista, 2013).

A mulher quando entra na adolescência sofre as transformações corporais inerentes à idade, os hormônios transformam aquele corpo de criança em corpo de mulher, o crescimento das mamas, o arredondamento das formas e o despontar da sensualidade e sexualidade vão promover nessa mulher novas formas de ver e encarar o mundo e a sociedade em seu entorno. Sabe-se, no entanto, que as transformações corporais estão presentes e fazem parte do universo social. O corpo do gênero masculino deve ser forte e viril e o feminino frágil e delicado, baseado nas aparências físicas e biológicas.

Com a busca desenfreada de aquisição de corpos fortes e musculosos, homens da atualidade exacerbam na ingestão de nutrientes e energéticos, injeção de hormônios, anabolizantes e atividades físicas com carga máxima de peso para exibirem corpos apolíneos. Para Sant'Anna (2006) o corpo é, contudo, finito, sujeito a transformações nem sempre

desejáveis e previsíveis. Ao longo dos anos, mudam suas formas, seu peso, seu funcionamento e seus ritmos.

Gonçalves (1994, p. 13) assinala que o homem vive em um determinado contexto social com o qual interage de forma dinâmica, pois, ao mesmo tempo em que atua na realidade, modificando-a, esta atua sobre ele, influenciando e, até pode-se dizer, direcionando suas formas de pensar, sentir e agir.

Na história do corpo as modificações antinaturais começam a acontecer por volta da década de 60 quando então se inicia a campanha “Seja sempre jovem”. O culto à beleza é imperativo e a intensa exploração comercial dos corpos torna-se acirrada. Os artistas passam a utilizar seus corpos para denunciar coações sociais, sexuais e identitárias.

A busca por um corpo belo não encontra barreiras, verdadeiros abusos são realizados de forma a se construir um corpo que cause boa impressão e que sua aparência chame atenção, ou seja, precisa estar perfeita. O corpo, dessa forma, está inserido na sociedade como um objeto de exibição, uma vitrine do pretense corpo perfeito. De acordo com Goffman (1985) pode-se chamar de “aparência” aqueles estímulos que funcionam no momento para nos revelar o *status*² social do ator.

As mulheres comedidas e racionais da atualidade vêm buscando um modelo corporal que as afastem da imagem frágil e anoréxica, tão sonhada por modelos e manequins. A nova mulher deseja um corpo mais vibrante e atlético, conquistado através da prática de musculação, caminhadas, corridas. Nesse ponto, Bourdieu (2002) pontua que a prática intensiva de um determinado esporte determina nas mulheres uma profunda transformação da experiência subjetiva e objetiva do corpo.

A atividade física, a busca da liberdade de ir e vir, os desafios do mercado de trabalho vêm mudando o perfil corporal da mulher. Esse novo perfil de corpo pode estar influenciando o surgir de uma mulher mais determinada, convicta de sua posição na sociedade, adepta da liberdade pessoal e com suas escolhas profissionais bem definidas, ou seja, é o surgimento de mulheres independentes financeiramente.

Não obstante às mudanças que ocorrem na sociedade no que se refere às relações de gênero, as próprias famílias continuam transmitindo as desigualdades de gênero as suas descendências.

² Status – lugar simbólico que o indivíduo ocupa em um sistema de hierarquização social.

1.2 A SUBJETIVAÇÃO DO MASCULINO E DO FEMININO NA MENTE E NOS CORPOS

O que é ser masculino e o que é ser feminino? Partindo de uma concepção etimológica pode-se dizer que o termo “masculino” refere-se a tudo que está relacionado ou que seja próprio ao indivíduo macho; trata-se daquilo que é oposto ao feminino. A masculinidade é conhecida também como sinônimo de virilidade, o indivíduo para ser reconhecido como homem deve possuir características que se supõe serem adversas das características ditas femininas.

Sob a perspectiva do patriarcado as características masculinas e femininas são binárias ou dicotômicas, o que implica em relações preconceituosas para com as mulheres. Dentre estas características binárias destaca-se: a inflexibilidade, que implica em uma rigidez do homem em suas atitudes e tomadas de decisões, ao passo que a mulher é conhecida como mais flexível, ou seja, fácil de ser controlada. Outra característica do patriarcado diz respeito à razão que prevalece no homem, enquanto na mulher o que a domina é a emoção. Em outras palavras constitui-se como ideologia do homem a firmeza em suas ações e da mulher a insegurança e a falta de iniciativa; a agressividade do homem para abrir caminhos e a postura defensiva da mulher; a coragem que é indispensável ao homem e o medo confesso das mulheres.

Concorre ainda que para o senso comum, feminino é sinônimo de cor de rosa e masculino, de cor azul; que a mulher é um ser passivo em vez de ativo; e, um ser emotivo e não racional. Para Castoriadis (1982) a sociedade constitui seu simbolismo, mas não dentro de uma liberdade total. O simbolismo se crava ao natural e se crava no histórico (ao que já estava lá): participa, enfim, do racional.

No final do século XIX, o modelo burguês de família estava sendo construído. Nesse período acirravam-se as divisões de classes sociais e a burguesia se apartou do povo num momento em que era importante a privacidade familiar. D’Incao (2010) aponta para o fato de que a chamada família patriarcal brasileira era comandada pelo pai detentor de todo poder sobre a mulher, os filhos, agregados e escravos. O todo poderoso habitava a casa grande e dominava a senzala.

A presença feminina nos lares burgueses era a garantia de um lar organizado, limpo e asseado, e os filhos gerados nesse ambiente seriam educados dentro das normas de etiquetas europeias. A mulher era educada para ser guardiã do lar e da família, ser pura, casta e estar totalmente a serviço do seu esposo. De acordo com D’Incao (2010, p.230), “considerada base moral da sociedade, a mulher de elite, a esposa e mãe da família burguesa deveria adotar

regras castas no encontro sexual com o marido, vigiar a castidade das filhas, constituir uma descendência saudável e cuidar do comportamento da prole”.

Na alta classe social era usual a abertura de suas casas para receberem outros ricos nos grandes bailes e saraus, o que geralmente servia de encontros para futuros compromissos entre filhos e filhas da burguesia. Noivados e casamentos eram arranjados, o que causava expectativas e alimentava os sonhos de muitas moças da época que esperavam a oportunidade de participar das grandes festas para serem cortejadas por um “bom partido”.

O sonho de ser Cinderela era uma constante na cabeça das jovens pertencentes às camadas sociais baixas. D’Incao (2010) comenta que o casamento entre famílias ricas e burguesas era usado como um degrau de ascensão social ou uma forma de manutenção do *status* (ainda que os romances alentassem, muitas vezes, uniões “por amor”).

O curioso é perceber que essa situação também ocorreu em Manaus em meados dos anos 70 quando as jovens da sociedade manauense disputavam um convite para participarem dos bailes do Atlético Rio Negro Clube. Aquelas que não conseguiam, assistiam em frente ao clube (no sereno), a entrada dos convivas. No período do reinado de Momo o mesmo se repetia, havendo donzelas que se preparavam o ano todo para tais eventos, somente com o intuito de tirar a “sorte grande”, ou seja, ser cortejada por um rapaz da classe alta. Esses eventos eram motivo para o surgimento de novos encontros entre moças e rapazes da alta sociedade, as mulheres luxuosamente vestidas, penteadas e maquiadas eram cobiçadas pelos homens dependendo sempre do nível social e patrimonial dos pais.

As meninas eram educadas por suas genitoras e/ou preceptoras para serem boas esposas e mães, pois, era tudo que a sociedade da época esperava de uma moça bem criada. Daí o surgimento da expressão “moça de família”, que povoa até hoje o imaginário social. A principal função dessa moça era mostrar para a sociedade o quanto ela era feliz ao lado do homem que geralmente os pais tinham escolhido para ser seu esposo. Para Araújo (2010, p. 53) “se, no espaço público a esposa era contida e recatada, na intimidade da alcova ela dava liberdade às suas emoções, dores, frustrações e fantasias”.

A igreja bem que tentava domar os pensamentos e os sentimentos, muitas vezes até com algum sucesso, mas nem todo mundo aceitava passivamente tamanha interferência quando o fogo do desejo ardia pelo corpo ou quando as proibições passavam dos limites aceitáveis.

Desde sempre a sociedade androcêntrica tenta a todo custo controlar a sexualidade feminina. As mulheres que eram pegadas em transgressões das leis morais e religiosas, ou ainda, em atitudes ditas levianas, passavam a ser molestadas inclusive pelos párocos das igrejas, que

as abordavam dentro do confessionário quando as mesmas iam à busca de um perdão pelo seu suposto pecado. Eles se aproveitavam da confissão do “pecado” e as assediavam descaradamente. Araújo (2010, p. 60-61) pontua que:

Em 1792, um vigário foi surpreendido em Goiás ‘atracado na moça com tão cega fúria, que lhe rasgou a saia’; ela gritou, pessoas acudiram, mas o padre justificava-se dizendo que aquela mulher casada ‘vivia com bastante lassidão nos costumes contra a castidade’ e ele, descontrolado, viu-se de repente tocando nas suas partes pudendas tendo-a confessado.

As mulheres mais destemidas e libertárias procuravam seus amores na clandestinidade, por não terem em casa o carinho, o amor e o respeito necessário dentro do casamento. Os maridos as consideravam “bonequinhas de luxo”, mimadas e intelectualmente inferiores, um “bibelô”, que servia para ornamentar a casa e que estivessem prontas a acatar as ordens de seu amo e senhor.

Para Telles (2010, p. 406), a situação de ignorância em que se pretende manter a mulher é responsável pelas dificuldades que ela encontra na vida criando um círculo vicioso, “como não tem instrução, não está apta a participar da vida pública e não recebe instrução porque não participa dela”.

Elas sofriam caladas e muitas vezes vingavam-se da indiferença marital com a traição às vezes deliberada, e às vezes com a esperança, enfim, de encontrar o grande amor de suas vidas em um mundo cheio de atrações que existia fora das suas quatro paredes. O adultério ou o abandono do lar deixavam marcas perenes nessa mulher frente à sociedade. Araújo(2010, p. 59) lembra que o adultério, com efeito, assombrava os homens como um fantasma que podia aparecer nos lugares e nos momentos mais inesperados, aterrando suas mentes sempre apavoradas com o estigma de marido que não satisfaz sexualmente a mulher.

Parece que a preocupação maior do marido não era a perda do amor e do respeito da esposa, mas o estigma de homem que não era suficientemente “macho” para satisfazer a mulher. Conforme Soibet (2010), o código penal brasileiro de 1890, penalizava a mulher que cometia o adultério, e ao homem restava a honra ferida e o direito de puni-la com a morte. Ao homem adúltero não cabia pena, pois é da natureza do macho a posse de várias fêmeas.

Para Giddens (1993, p.16):

Um único ato de adultério por parte de uma esposa era ‘uma violação imperdoável da lei da propriedade e da ideia de descendência hereditária’ e a descoberta punha em ação medidas altamente punitivas. O adultério por parte dos maridos, ao contrário, era amplamente encarado como uma fraqueza lamentável, mas compreensível.

Frente às agruras do casamento de suas mães, a esperança de encontrar o príncipe encantado no coração das jovens crescia cada vez mais, e o sonho de cada uma delas era que suas vidas fossem iguais a das heroínas que protagonizavam os romances e as novelas da época. Trancadas em seus quartos se guardavam para aquele que seria o amor de sua vida e juntos viveriam seu grande amor para sempre. Dificilmente esse sonho era concretizado e o que as aguardavam era um casamento arranjado pelo pai. Na noite de núpcias a moça se deparava com um homem estranho dando início a um tempo de rotinas de cuidados com a casa, filhos, tédio conjugal, solidão e noites insones e mal dormidas, enquanto os maridos se divertiam nos cabarés.

Atente-se para o fato de que,

[...] o amor conjugal pode existir. Mas é um golpe de sorte ou o triunfo da virtude. O amor se realiza mais fora do casamento: amplamente tolerado para os homens, cuja sexualidade seria incoercível, é muito menos tolerado para as mulheres, cujo adultério é passível de ser levado aos tribunais, enquanto o dos maridos, só pode ser condenado se praticado no domicílio conjugal (PERROT, 2012, p. 47).

No início do século XX, em razão da relativa liberdade que haviam conquistado às mulheres já era permitido frequentar cafés, salões e teatros, mas, eram constantemente vigiadas pelos homens da família (pai, irmãos, cunhados, primos etc.) Apesar dessa rígida vigilância elas eram constantemente molestadas pela própria parentela masculina. Diversas crianças, pré-adolescentes e adolescentes tiveram a sua primeira conjunção carnal com pessoas de sua confiança e próximas a elas tais como: padrasto, pai, tios, primos e irmãos como vimos nos relatos de nossa pesquisa de campo apresentados anteriormente.

Ainda no início do século XX, as mulheres eram educadas para serem mães e esposas exemplares, as prendas domésticas faziam parte do currículo escolar. As mulheres deveriam ser bem prendadas, ou seja, realizar as atividades de bordar, coser, cozinhar, lavar, engomar, pois, esses atributos eram indispensáveis à formação de uma excelente esposa e mãe. Educadas exclusivamente para o matrimônio, essas mulheres eram mestras em saber educar os filhos e atender as mínimas vontades e necessidades do seu par.

Após o horror da 2ª Guerra Mundial, o Brasil enfrenta a modernização da moral e dos bons costumes. Aos poucos as mulheres iam conquistando seus espaços na sociedade, mas ainda eram obrigadas a se guardar virgens para o casamento. Não passava na cabeça de

nenhuma mulher dessa época a hipótese de não casarem, pois o medo de “ficar prá titia” era um fantasma à espreita. E a presença desse fantasma gerava a dor forte da rejeição.

Conforme Pinsky (2010, p. 619),

[...] o grande medo da maioria das moças era ficar solteira. O problema não era apenas a solidão, às mulheres de família não era permitido amenizá-la com aventuras amorosas ocasionais, teriam de se preocupar também com seu sustento já que, sem marido, iriam se tornar um peso à família e sofreriam com o estigma de não terem cumprido com o destino feminino.

Nos anos “dourados” os casamentos arranjados já não eram tão comuns e as moças e rapazes já podiam escolher livremente o seu consorte desde que esses pertencessem ao mesmo nível social. A busca pelo “bom partido” era uma verdadeira caça ao tesouro, assim como as moças de “boa família” eram disputadas pelos rapazes. D’Incao (2010, p. 234) assinala que “a virgindade feminina era um requisito fundamental. Independente de ter sido ou não praticada como um valor econômico e político, sobre o qual se assentaria o sistema de herança de propriedade que garantia linhagem da parentela”.

As meninas deviam saber comportar-se socialmente, serem boas filhas, ter conhecimentos culinários e serem inocentes com relação aos prazeres do sexo. Aos varões caberia ser bons provedores do lar, educados e trabalhadores, e, poderiam divertir-se sexualmente desde que fosse com as profissionais do sexo.

As moças que experimentassem o sexo antes do casamento eram consideradas levianas e eram tidas como companhia imprópria para as moças de família. Segundo Pinsky (2010), eram raros os homens que admitiam sem problemas a ideia de casar-se com moça deflorada por outro. Quando alguma menina cometia essa “contravenção” era considerada imprópria para o casamento e sofria a dor do preconceito de não ser virgem, e apesar de experimentar o sexo antes de contrair matrimônio, muitas dessas mulheres, passaram pela vida sem sentirem o prazer do orgasmo. Giddens (1993) lembra ainda que as garotas mais sexualmente ativas eram depreciadas pelas outras, assim como pelos próprios homens que buscavam “aproveitar-se delas”.

Até por volta dos anos 60 não se falava em prazer ou orgasmo feminino. A cópula no casamento servia apenas para o prazer do homem e para a procriação. Com a descoberta da pílula anticoncepcional essa realidade começa a esvanecer e as mulheres passam a buscar o prazer do orgasmo através de relações sexuais sem medo da gravidez.

A liberdade sexual culmina com os primeiros escritos sobre o orgasmo feminino. O orgasmo caracteriza-se por um intenso prazer físico acompanhado por ciclos de rápidas contrações musculares dos músculos pélvicos que rodeiam o ânus e os órgãos sexuais associados a outras ações involuntárias em outras partes do corpo como espasmos³ e uma sensação de euforia geral. Para Reich (1989, p. 136),

[...] o orgasmo apresenta-se como um pico rápido de excitação seguido ou não de ejaculação e com rápida queda na sensação de prazer. Uma vez que os órgãos sexuais tem a mesma origem embriológica em ambos os sexos, a sensação é equivalente para homens e mulheres. Nas mulheres, as contrações musculares causam expulsão de líquido através da vagina, caracterizando a ejaculação feminina. É um período de grande relaxamento e queda da pressão arterial, devido a liberação da prolactina. Há também redução temporária das atividades do córtex cerebral.

Nos dias atuais a situação da anorgasmia feminina não sofreu grandes mudanças. Percebemos que as mulheres continuam com dificuldades em atingir o ápice do prazer nas relações sexuais. Diversos motivos são apontados, tais como: o parceiro não ajuda, a educação rigorosa prejudica a mente, a vergonha do companheiro, a pressa do companheiro, a falta de intimidade, o desconhecimento do próprio corpo, e tantas outras queixas apresentadas principalmente por mulheres recém-iniciadas nas atividades sexuais, pelas casadas e as com filhos.

O tipo de educação das mulheres fundadas numa moral cristã e o desconhecimento do seu próprio corpo parecem ser as principais causas da ausência do orgasmo na vida sexual das mulheres atuais. Das cinco mulheres que compõem os sujeitos da pesquisa, duas relataram que primeiro tiveram que conhecer o próprio corpo através da masturbação para depois terem intimidade e falar para o companheiro qual era a melhor posição e quais as carícias que mais prazer causava a elas. Com a prática elas atingiram o orgasmo.

O corpo feminino é considerado frágil e mais suscetível aos reveses da vida e às tentações, enquanto que o corpo masculino deve ser forte e másculo o suficiente para ser capaz de enfrentar as mais duras intempéries e adversidades. Conforme Soibet (2010, p.289),

[...] a honra da mulher constitui-se em um conceito sexualmente localizado do qual o homem é o legitimador, uma vez que a honra é atribuída pela ausência do homem, através da virgindade, ou pela presença masculina no casamento. Essa concepção impõe ao gênero feminino o desconhecimento do próprio corpo e abre caminhos para a repressão de sua sexualidade. Decorre daí o fato de as mulheres manterem com seu corpo uma relação matizada por sentimentos de culpa, de impureza, de

³ As mulheres quando atingem o clímax levam uma grande vantagem em relação aos homens, porque o orgasmo vaginal provoca uma sensação de plenitude, pois, elas conseguem manter os espasmos ou contrações vaginais por até cinco minutos.

diminuição, de vergonha de não ser mais virgem, de vergonha de estar menstruada etc.

Falar sobre a sexualidade e os desejos femininos ainda é tabu, o gênero feminino avançou em várias questões, porém, as questões íntimas relacionadas ao prazer ainda permanecem obscurecidas, as mulheres não se mostram a vontade para falar de orgasmo e prazer. Inclusive, percebeu-se, nos primeiros encontros dos grupos focais dessa pesquisa que a educação familiar e a moralidade proveniente de uma rígida educação são os principais entraves para a abertura e o desvelamento desta questão.

É interessante pontuar ainda que enquanto acreditava-se que os sujeitos da pesquisa se mostrariam mais liberais durante os questionamentos, falando sem problemas sobre intimidade e desejos reprimidos surpreendemo-nos ao perceber que quando abordamos o assunto prazer orgástico eles mostraram-se tímidos e reticentes. Dos 10 sujeitos da pesquisa, 02 revelaram que se masturbam frequentemente porque só conseguem sentir o prazer através dessa prática. Esmeralda, 30 anos, revelou que dificilmente atinge o clímax numa relação sexual. Ela acha que o que sente não é o orgasmo tão desejado, pois não chega nem perto do gozo que sente quando se masturba. Em entrevista ela revela o seguinte:

Já tive vários namorados, homens que desejei e me empenhei para chegar lá, porém alguns destes não variavam nas preliminares, gozavam rapidinho, depois dormiam e eu ficava lá com a xereca coçando querendo mais. Acho que ainda não encontrei a pessoa certa (Entrevista 2013).

Alguns homens em virtude de ejaculação precoce podem frustrar o orgasmo na mulher. Varella (2010) explica que ejaculação precoce é aquela que ocorre antes ou logo após a penetração, sem que o homem tenha controle sobre o evento e só pode ser considerada uma disfunção se ocorrer frequentemente. Em se tratando do ato sexual para agradar o homem sem que a própria mulher abra mão do seu prazer e satisfação Turmalina, 18 anos, uma das dançarinas que compõe a amostra deste estudo revela:

Tenho muita vergonha de falar dessas coisas, mas, vou lhe contar um segredo, eu ainda sou virgem na frente, minha mãe fala que na frente é prá casar. Então eu dou atrás, mas, não gosto dói muito e eu não vejo graça nisso! Eu dou porque eu gosto dele e se eu não o der ele vai atrás de outra(Entrevista/2013).

Observe-se que ainda parece haver uma estreita relação entre o comportamento das mulheres atuais com relação às mulheres do século passado, pois a submissão ao gênero

masculino ainda é muito forte principalmente relacionadas à sexualidade. Contudo, o dualismo entre os gêneros, fortemente presente nas sociedades patriarcais, parece estar próximo de sua derrocada.

Contribuindo para o avanço de um processo de despatriarcalização, os diversos acontecimentos históricos no século XX. O controle da sexualidade feminina já não se apresenta tão forte como antigamente. A mulher de hoje, nas sociedades ocidentais, já possui o direito de escolha, inclusive de escolher seu parceiro que pode ser homossexual, bissexual ou heterossexual. O modo e o lugar da prática do sexo saíram do âmbito doméstico e as mulheres liberais frequentam regularmente os hotéis e motéis e já não escondem as suas preferências. A mulher moderna trabalha, estuda, cria sozinha os seus filhos e são independentes financeiramente.

Deve-se reconhecer ainda que em todas as épocas as sociedades tiveram mulheres que se destacaram em diversos ramos da atividade humana tanto na ciência quanto na política, nas artes, na indústria, comércio etc. Portanto, mulheres e homens podem ser iguais, na medida em que não há nada que comprove cientificamente a incapacidade feminina para qualquer tipo de trabalho. Eis, que essas mulheres vêm galgando patamares cada vez mais altos na luta e na tentativa de quebrar alguns paradigmas instituídos pelas sociedades patriarcais.

O desafio para o século XXI é, pois, construir uma sociedade pós-patriarcal, com equidade de gênero, com igualdade de oportunidade para homens e mulheres e com liberdade de orientação sexual.

1.3 A FUNÇÃO SOCIAL DO CORPO NA SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

O estudo do corpo vem ganhando notoriedade nos últimos anos, mas o seu conceito continua complexo e polissêmico. Imprescindível é, portanto, abordar nesse contexto, o corpo social, todavia, atenta-se que sua percepção e leitura desse corpo não é uma tarefa simples, é preciso compreendê-lo em sua expressividade e forma de comunicação.

Perceber o que o corpo quer dizer através da gestualidade é fácil para a maioria das pessoas, mas aquilo que ele não quer mostrar é complicado de detectar. Entender o que o corpo expressa e comunica supõe proceder a uma leitura não só do corpo que se encontra próximo, mas do mundo que o cerca e no qual todos fazem parte.

Assim, para Marques (2010, p. 31),

[...] ler não diz respeito somente aos olhos fixos no papel, nas paredes, nas telas. Ler diz respeito ao corpo todo transitando entre papéis, paredes, telas, ruas, pisos, árvores, pessoas, prédios, brinquedos, praças, teatros, pátios, museus. A leitura crítica do mundo não se dá apenas por meio dos olhos e sobre as palavras, acrescenta-se aqui a necessidade de entrelaçamento crítico dos corpos que somos ao ato de ler o mundo.

O corpo é movido por intenções provenientes da mente. Dito de outra forma, o corpo manifesta as determinações da mente numa interação com o mundo e esse mundo responde ao corpo, que comunica à mente através de seus órgãos sensoriais. A mente ao fazer uma análise das respostas obtidas do ambiente, muda ou reafirma suas intenções, utilizando o mesmo processo para novas manifestações.

A palavra corpo etimologicamente tem origem no latim *corpus*⁴ que indica os objetos materiais e visíveis em oposição àquilo que os sentidos dos homens não podem captar. Esse corpo visível se torna invisível quando se deixa de perceber as suas sensações e aquilo que se apresenta à frente visivelmente, geralmente está camuflando sensações que não se deseja serem perceptíveis para os outros. É assim que o corpo se torna um enigma.

Segundo Fontes (2006) um corpo pertence ao mundo sensível, ocupa uma extensão no espaço, tem um peso. Soares (2006, p. 9) associa o corpo a um território construído por liberdades e interdições, e revelador de sociedades inteiras; a primeira forma de visibilidade humana. O sentido agudo de sua presença invade lugares, exige compreensão, determina funcionamentos sociais, cria disciplinamentos e desperta inúmeros interesses de diversas áreas do conhecimento.

O corpo é mais do que um conjunto constituído de músculos, ossos e órgãos. Nele estão marcados signos sociais que expressam a cultura de um povo. Atuar sobre o corpo é atuar sobre a sociedade. Pelo corpo manifestam-se os aspectos da existência humana, além de fatores culturais e sociais.

O corpo enquanto vivenciado não é o início nem o fim: ele é sempre o meio no qual e através do qual o processo de vida se perpetua. Lefebvre (1991, p. 69) pontua que:

O uso social do corpo muda no correr dos séculos; o ‘gestual’ se modifica; as expressões físicas, enquanto conjuntos significantes (gestos, caretas, mímicas), se transformam; mas o corpo não se metamorfoseia. Quanto às necessidades fisiológicas e biológicas e às capacidades correspondentes, recebem a marca dos estilos, das civilizações, das culturas.

⁴ Corpus: palavra latina que significa corpo.

Jade, 31 anos, revela durante a pesquisa “queria ser mais magra, todas as vezes que me apresento como bailarina as pessoas ficam duvidando porque acham que bailarinas devem ser altas e bem magrinhas”. (entrevista/2013).

Diamante, 23 anos, completa “e eu então que peso mais de cem quilos, só aqui mesmo é que me sinto a vontade, já participei de vários grupos na cidade e sempre fui vítima de preconceito por causa do meu corpo. Só não desisti porque amo dançar” (Entrevista/2013).

As histórias de vida, cultura, registros e traços de vivências no mundo estão escritos no corpo. Pelo contato que ele estabelece com as informações de fora (externas) com aquelas que lhes são próprias (internas) ocorre uma reorganização que desencadeia a produção de novas informações. Para Setenta (2008, p. 38) “o corpo é sempre o estado de um processo em andamento de percepções, cognições e ações mediadas. O corpo organiza as suas mediações e a sua relação com o mundo, onde tanto opera a regularidade quanto o acaso”.

O corpo do gênero feminino em todas as épocas foi motivo de escândalos, a mulher para ser considerada casta tinha que primeiramente ter o cuidado de não expor o seu corpo, nem usá-lo como fonte de prazer. A masturbação feminina ainda no século XX era totalmente proibida e fonte de pecado mortal, algumas adolescentes desinformadas acreditavam que poderiam engravidar somente com a introdução de seus dedos na vagina. As mães dessas adolescentes tinham vergonha e falta de conhecimento para falar de sexualidade e explicar às suas meninas a chegada da pré-adolescência e a erupção de hormônios que se instala no corpo a partir dessa fase da vida.

O desconhecimento era tão intenso que o momento da menarca era marcado por extrema tensão e vexame, assim como o desenvolvimento das mamas era motivo de vergonha, e, muitas dessas meninas adquiriam problemas posturais por conta de tentar esconder seus seios. Algumas apertavam os seios com tiras de panos para que os outros não percebessem que estavam ficando mocinhas. O desenvolvimento natural do corpo de menina para mulher era acompanhado de certa vergonha social. Como assinala Perrot (2012, p.44) “o que se vê é o silêncio do pudor, ou mesmo da vergonha, ligado ao sangue das mulheres: sangue impuro, sangue que ao escorrer involuntariamente é tido como ‘perda’ e sinal de morte”.

A menstruação, que é a expulsão de um óvulo não fecundado através da descamação da camada que reveste o útero, sempre e em todas as épocas foi acompanhada de tabus. Em décadas passadas as mulheres não tomavam banho, não comiam determinados alimentos como o ovo porque causava mau cheiro, não chupavam manga, pois talhava o sangue e tantas outras crendices populares. Nas sociedades urbanas da atualidade muitas dessas crenças já foram abolidas, porém, homens e mulheres não se sentem a vontade em manter relações

sexuais no período menstrual, a queixa comum é o nojo que o cheiro do sangue carregado de nutrientes provoca.

Um dos maiores avanços do gênero feminino da contemporaneidade está relacionado à exposição dos corpos. A vergonha e preconceito marcaram a relação da mulher com seu corpo, em décadas passadas. A nudez corporal frente ao gênero masculino era proibida até mesmo para os próprios maridos, as relações sexuais conjugais eram praticadas com as mulheres vestidas com suas camisolas que geralmente possuíam uma abertura na altura da genitália para evitar que suas vestes fossem levantadas e seu esposo olhasse mais do que era permitido a uma senhora honrada e educada nos preceitos cristãos.

Para a esposa, mostrar o corpo despido ao seu esposo era causa de grande constrangimento para ela e indignação para ele, pois o homem acreditava que sua esposa, mãe de seus filhos estaria apresentando um comportamento indigno comparando-a e nivelando-a a uma prostituta, que era o exemplo de mulher totalmente indigna para a sociedade da época.

Giddens (1993) pontua que em sua maioria, as mulheres estiveram sido divididas entre as virtuosas e as perdidas, e “as mulheres perdidas” só existiam à margem da sociedade respeitável. Os homens visitavam os prostíbulos e alguns mantinham as prostitutas financeiramente como objeto exclusivo de provimentos dos prazeres da carne, mas, assim como as esposas elas passavam por todo o tipo de humilhações e agressões.

Nas sociedades contemporâneas as prostitutas das classes médias e altas recebem o nome de “garotas de programa” ou “damas de companhia”, nas camadas mais baixas da sociedade elas recebem a denominação de “putas” e “meretrizes”. Desigualdades sociais que vão sendo cristalizadas. As garotas de programa de classe média que vendem seus corpos no seio da classe média e alta geralmente são estudantes universitárias que necessitam de um provedor para bancarem seus estudos, suas roupas de *griffe*⁵ e uma vida de ociosidade. As da classe baixa por terem menos oportunidades econômicas, sociais e educacionais, geralmente, iniciam na prostituição quando ainda são adolescentes e passam a vida nesse “*métier*”⁶. Muitas estão na prostituição por serem obrigadas por suas próprias famílias para ajudar no sustento da casa, outras se por serem filhas de pais que não se fizeram presentes quando na sua formação como pessoas e que se encontram envolvidos no mundo das drogas, do álcool, enfim, das transgressões de toda ordem.

Acredita-se que essas mulheres situações são vítimas de uma sociedade injusta e desigual. Torres e Oliveira (2012) consideram que enquanto na indústria convencional os

⁵ Griffe – denominação, assinatura ou marca própria de um fabricante ou um criador.

⁶ Métier – palavra francesa que significa profissão ou ofício

trabalhadores fazem parte da engrenagem da produção, vendendo e negociando a sua força de trabalho, na indústria sexual as mulheres não são donas da própria força de trabalho.

O reconhecimento das garotas de programa ocorre através da exposição de seus corpos e características específicas no modo de agir e atuar. Aquelas que atuam dentro das universidades e clubes onde se divertem e encontram os potenciais fregueses são identificadas por possuírem boa educação, saberem comportar-se em sociedade, possuírem uma imagem corporal bem cuidada com características próprias de pertencimento a esse grupo ou tribo.

É comum trajar vestidos curtos, colados e com decote “tomara que caia”, sapatos de saltos altíssimos, cabeleireira vasta composta por *mega hairs*⁷ e exposição das coxas com hiperatrofiamento muscular de quadríceps, muitas vezes conquistado à custa de anabolizantes que acarretarão futuramente problemas de saúde. Para Fraga (2006, p. 61) “os consumidores dessas drogas tornam-se dependentes de forma física, inscrevem em seus corpos a metáfora do fauno, ao injetarem anabolizantes de origem animal: transformam-se em mastodontes em um curto espaço de tempo”.

As mulheres que pertencem às camadas mais baixas da sociedade e atuam como prostitutas não possuem um comportamento social adequado às normas e regras de etiqueta sociais, e geralmente, apresentam um corpo maltratado por surras e espancamentos praticados por homens nos locais que elas frequentam. Apesar de trabalharem na mesma profissão as prostitutas se dividem em duas categorias sociais que têm tratamento totalmente diferenciado na sociedade.

O corpo examinado, perscrutado, mutilado, auscultado, radiografado, manipulado, violentado, esquartejado não passa de um corpo. Muitas pessoas que trabalham com a manipulação de corpos não conseguem perceber que esse corpo pensa, sente, fala e comunica. Quando desesperado ele grita e muitos não têm a capacidade de escutá-lo, cansado de pedir socorro ele esmorece, se debilita, enfraquece e pode inclusive e principalmente se tornar inerte.

Soares (2006) reconhece que da medicina à arte, passando pela antropologia e pela moda, há sempre novas maneiras de conhecer o corpo, assim como possibilidades inéditas de estranhá-lo. Outros autores como Sant’anna (2006, p. 3), considera o corpo um verdadeiro arquivo vivo, inesgotável fonte de desassossego e de prazeres, o corpo de um indivíduo pode revelar diversos traços de sua subjetividade e de sua fisiologia, mas, ao mesmo tempo, escondê-los.

⁷ *Mega hair*: método de alongamento de cabelos.

O corpo é tão misterioso que os próprios donos não conhecem seus segredos. Em verdade, dificilmente alguém conhece o próprio corpo e às vezes se passa a vida inteira vestindo um invólucro estranho. O corpo é motivo de estranhos sentimentos por parte daqueles que os detém, muitos odeiam seus corpos, outros encontram defeitos em vários dos seus segmentos e a grande maioria não está satisfeita com ele. Nessa questão o gênero masculino e feminino parece afinar-se, à medida que na contemporaneidade a mesma preocupação com a aparência que anteriormente era mais perceptível no gênero feminino, hoje é comum também ao gênero masculino.

Sant'Anna (2010, p. 37) considera haver duas formas distintas de conhecer e tratar o corpo: a primeira através da medicina hipocrática que, sob a inspiração cristã, mantinha o corpo sobre rígidas regras morais e era considerada natural e cosmológica e, a segunda relativa à época contemporânea, que estabelece a função social do corpo no âmbito econômico liberando-o de suas origens culturais, morais, religiosas e genéticas.

Na Idade Média o corpo era motivo de vergonha e pecado, a falta de higiene, as constantes guerras e a peste assolavam o povo medieval com doenças graves, dentre elas a temível lepra ou hanseníase e a tuberculose, essas enfermidades eram consideradas castigos divinos aplicados àqueles que tinham cometido os pecados da carne. Ainda nessa época as pessoas acometidas de doenças graves e mortais não necessitavam de intervenção médica, pois nos desígnios de Deus o homem não poderia intervir. E, segundo Le Goff (1992), o período das regras femininas era atravessado por tabus: os leprosos eram tidos como filhos de mulheres que mantiveram relações sexuais durante o período menstrual.

Após as duas grandes guerras, os países ficaram povoados por corpos masculinos mutilados e o mundo se apiedou desses corpos. A partir de então, várias fundações e casas de assistência foram criadas a fim de acolher os jovens que em virtude de suas necessidades especiais tinham sido afastados do seio familiar, por não poderem mais prover suas famílias das necessidades primordiais de sobrevivência.

Cientistas do mundo todo intensificaram suas pesquisas na tentativa de poder contribuir para a melhoria da qualidade de vida desses jovens e a busca da modernização de próteses foi intensificada, chegando-se a resultados surpreendentes. O sucesso das próteses veio fazer circular no meio dos corpos ditos normais esses outros corpos.

Somente com os movimentos sociais dos anos 60 que atingiram vários setores da cultura, é que o corpo passou a ser visto não somente pelo olhar biológico, mas também pela ótica social. Segundo Sant'Anna (2006) até a década de 70 o corpo era trabalhado mais como o refúgio da verdade e da autenticidade. Entre os anos 80 e 90, a intenção não é tanto a de

liberar esta suposta autenticidade, mas de tratar o corpo como algo que pode ser reconfigurado, porque ele já é um ser artificial. Hoje já não é possível dizer onde termina o artifício e começa a natureza do corpo.

Mauss (1974, p. 49) explica que a forma de comunicação mais utilizada entre os povos é a gestualidade, definida como gestos codificados, em vista de uma eficácia prática ou simbólica. Dessa forma o primeiro contato entre os gêneros se dá correntemente através dos gestos que são universalmente aceitos e decodificados: um aceno, um baixar de cabeça, um piscar de olhos, lambar os lábios entre outros gestos que vão desde o cortês e politicamente correto, até os sensuais e sexuais explícitos, o que desagrada a maioria das mulheres. O autor afirma ainda que “as formas gestuais variam de uma geração para outra, de sociedade para sociedade e de cultura para cultura”.

Na utilização do corpo como comunicação entre os gêneros não devemos esquecer o ritual de conhecimento entre corpos. Desde a primeira comunicação que pode ocorrer em qualquer situação cotidiana, o primeiro gesto implica em dizer se um ou outro está disponível para continuarem a conversação. Nesse início de diálogo mudo, os gêneros ainda se encontram nos primeiros gestos comunicativos e um simples cruzar de pernas por parte da mulher e um piscar de olho ou afirmação com a cabeça por parte do homem, pode ser o “sinal verde”, para a aproximação e comunicação oral.

Outra técnica corporal citada por Mauss (2010) é a etiqueta corporal. Essa mesma forma de comunicação que aproxima os gêneros vai depender muito da forma como estes se comportam em sociedade. Se a mulher usar o cruzar de pernas de forma a abri-las mais do que o necessário vai quebrar uma das regras dessa etiqueta, e em vez de ser um gesto sensual ele pode ser confundido como um gesto leviano e vulgar, e a leitura que o gênero oposto vai fazer deste corpo poderá não ser a que a mulher aguarda ou espera, então haverá falha nessa comunicação.

Bourdieu (2011, p.84) esclarece que:

[...] essa contraditória combinação de fechamento e abertura, de contenção e sedução, é tanto mais difícil de realizar quando mais estiver submetida à apreciação dos homens, que podem cometer erros de interpretação, inconscientes ou interessados. [...] diante das brincadeiras sexuais, as mulheres, muitas vezes não tem outra escolha senão a de se excluir ou de participar, pelo menos passivamente para se integrar, expondo-se, então, a não poder protestar se forem vítimas de sexismo ou de assédio sexual.

Na atualidade, os jogos de sedução estão mais escancarados, sem tantos subterfúgios e brincadeiras de “gato e rato”, jogos de caça e caçador. Assim, quando um homem está interessado em uma mulher ou vice-versa é bem comum a aproximação, perguntando se a pessoa está a fim.

Esmeralda (30 anos) comenta que:

Os homens não sabem chegar numa mulher, quando se aproximam já querem logo agarrar, ninguém quer namorar de mãos dadas nem no portão ou sala como era antigamente. Eles só querem “ficar” e “comer”. Namoro de porta, nem pensar! É namoro de quarto “mermo” (Entrevista/2013).

Ônix, 22 anos, outro entrevistado do grupo diz que “as mulheres é que são ‘sem vergonha’, se a gente for devagar e cheio de ‘lero’ elas dizem logo que a gente é ‘veado’, então o jeito é ‘comer’ logo antes de levar o nome de ‘bicha’ e sujar a parada” (Entrevista/2013).

As discussões são acirradas e não chegam a um consenso, alguns sujeitos da pesquisa afirmaram que iniciam seus namoros em redes sociais porque preferem dar um tempo de conhecer melhor a “mina” antes de chegar junto e descobrir que na verdade a princesa é uma bruxa. As mulheres da pesquisa responderam em uníssono: e o príncipe vira sapo! Para Goffman (1985, p. 33) “quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente, solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles”.

Na invisibilidade das redes sociais o indivíduo pode assumir um personagem, pode criar um ser fantasioso, onde um corpo pode esconder uma mente capaz de confundir e iludir a pessoa que se encontra do outro lado. Goffman (1985, p. 34) colabora em apontar que “quando se pensa naqueles que apresentam uma fachada falsa ou somente uma fachada, que dissimulam, enganam e trapaceam, se pensa na discrepancia entre as aparências alimentadas e a realidade”.

Até esses riscos são considerados aventuras e tem suporte na modernidade. O comentário geral dos sujeitos da pesquisa a respeito desse assunto foi afirmar que o importante é a adrenalina. Na atualidade, os gêneros tem algo bastante em comum, gostam de correr riscos.

As técnicas de sedução variam de cultura para cultura, de sociedade para sociedade e estão relacionadas à idade, ao gênero, à raça, credo, ao nível social e à educação dos atores envolvidos. Entender a linguagem corporal é complexo, porque dentro da sua objetividade ela é cheia de subjetividades.

Mauss (1974, p. 65) considera que,

[...] as técnicas corporais podem ser identificadas segundo o sexo, a idade, o sono, o repouso, a atividade física, a higiene, o consumo, a alimentação, a reprodução, o tratamento, a habilidade, a transmissão, a religião, a virtuosidade e a performance, o conhecimento prático, etc. Essas técnicas dependem ainda de como ocorre a sua aquisição, pois dependem da educação, da idade, do gênero, do status social, da profissão etc.

Dentre as técnicas corporais citadas por Mauss (1974) destacam-se os sentimentos que as pessoas vivenciam, a maneira como repercutem e são expressos fisicamente no sujeito estão enraizados nas normas coletivas implícitas. Os sentimentos refletem-se no rosto, no corpo, nos gestos, na postura. O amor, a amizade, o sofrimento, a humilhação, a alegria, a raiva, não são realidades em si, são produzidos socialmente. Ou seja, as condições de seu surgimento e a maneira como são simbolizados aos outros implica uma mediação social, uma elaboração advinda do coletivo. Para Lefebvre (1991) “as emoções e os sentimentos mudam, mas não se acumulam, nem os sonhos”.

A presente pesquisa elege o sentimento da dor como uma das questões fundamentais a ser abordadas e, nesse aspecto, percebe-se que na sociedade o menino recebe uma educação com relação à dor ligada à imagem da virilidade, de força de caráter. Já nas meninas são encorajadas as manifestações de sensibilidade, as lágrimas, os lamentos, a emotividade exacerbada.

Parte disso tem origem a partir da educação que transforma as crianças em pessoas diferentes conforme os gêneros homem e mulher. Os sentimentos envolvem as percepções sensoriais que são os inúmeros estímulos que o corpo consegue recolher a cada instante, essas percepções são individuais e subjetivas, o que torna a sua mensuração impossível.

A tecnologia é a mola principal do século XXI. Os corpos, independente dos gêneros buscam através do trabalho, o progresso. Homens e mulheres buscam adaptar-se ao grupo social, precisando, inúmeras vezes, desistir de sua liberdade de ação e expressão. Sant’Anna (2006, p.20) esclarece que na verdade, numa sociedade em que o corpo se tornou um ente tão importante quanto outrora fora a alma, é pela aparência física, sobretudo, que se comprova aquilo que cada um quer mostrar de sua subjetividade.

Para Rosário (2004), junto com a industrialização, na metade do século XX, os meios de comunicação começaram a funcionar como propulsores da comunicação de massa. A reprodução do corpo não fica mais somente no âmbito da pintura, agora, ela, pode atingir um

número elevado de indivíduos. O corpo pode ser reproduzido em série, através da fotografia, do cinema, da televisão, da internet. Le Breton (2006, p.12) considera que,

A partir do início do século XX até os anos 1960, um esboço de sociologia faz abundantes descobertas relacionadas ao corpo. Sem sobra de dúvidas é somente nos últimos trinta anos que a sociologia aplicada ao corpo torna-se uma tarefa sistemática e que alguns pesquisadores consagraram-lhe parte significativa de sua atenção.

Progressivamente há uma busca de se tratar o corpo como objeto de que se pode manipulá-lo sem pensar nos seus limites. Onde encontrar o limite do corpo. Até quanto ele pode aguentar não só as mudanças físicas, mas, principalmente as mudanças internas, psíquicas e funcionais. Como evitar que esse corpo que está sendo tratado com total falta de respeito, volte a ser um corpo natural.

Pode não haver reversão, o progresso e a industrialização dos alimentos vieram contribuir para que no aspecto biológico o corpo sofra prejuízos consideráveis pela ingestão de uma alimentação carregada de gorduras que levam a mortes por isquemia, AVC'S (acidente vascular cerebral), doenças cardíacas e vasculares, altos níveis de colesterol, glicemia, taxas máximas de triglicérides determinando desde a infância uma expectativa de vida diminuída. Na parte física, o aumento do consumo de tecnologia com uso de celulares, tablets, controles remotos, computadores, internet, etc., tem contribuindo para o sedentarismo, com a falta da prática de atividade física, atualmente se passa mais tempo sentado do que caminhando e essa inércia provoca problemas na coluna, nos músculos, ossos e nas articulações.

Morin (2007) pontua que “a comunicação instantânea em todos os pontos do planeta, é um fenômeno notável no sentido que pode ter efeitos muito positivos, que permitam comunicar, entender e intercambiar informações”.

As inter-relações pessoais estão cada vez mais comprometidas pelo uso da tecnologia. Há pessoas que se encontram no mesmo ambiente e, ainda que lado a lado, emudecem, porém, na verdade, estão conectadas com outras pessoas nas redes sociais. Nos relacionamentos amorosos isso já está sendo causa de rompimento de namoros, inclusive sendo motivo de divórcios e separações.

O diálogo não existe mais nem entre os casais e nem entre pais e filhos e, este que já era difícil em gerações passadas em razão de divergências naturais de pensar e agir, hoje, encontra-se mais complicado ainda, não por questões naturais entre as gerações, mas principalmente pela tecnologia que está isolando os indivíduos. Parece que nessa época é

muito mais prazeroso estar jogando vídeo game, acessando a internet ou papeando nas redes sociais do que conversar com os pais e cônjuges.

No mundo contemporâneo há um privilégio de pensar o corpo reflexivo e o ativo, ambos são colocados num patamar de igual importância. Portanto, não deve existir uma dicotomia entre corpo e mente, o corpo é uma unicidade, ele se comunica e se expressa e a linguagem corporal é fato estudado por profissionais de diversas áreas de estudo.

2 OS CORPOS SEXUADOS E A VIVÊNCIA DE DOR E PRAZER

2.1 OS SENTIDOS SIMBÓLICOS DA DOR E DO SOFRIMENTO

A Associação Internacional de Estudos da Dor (IASP) afirma que a dor é uma experiência sensorial e emocional desagradável, associada a dano presente ou potencial, ou descrita em termos de tal dano. Esse conceito aponta na direção de que a dor é uma experiência única e individual.

Ao aceitar a individualização biológica admite-se que ninguém sente a dor igualmente e, que cada indivíduo a percebe de forma diferente. Certo é afirmar também que raríssimas pessoas nunca sentiram dores. Todavia, uns a sentem profundamente, outros superficialmente e outros ainda medianamente, assim, tem-se que a medida da dor física pode ser escalonada. É possível identificar ainda que um número significativo de indivíduos sente uma dor suportável que passa após a aplicação de medicamentos apropriados.

Nessa pesquisa identificou-se que dos indivíduos entrevistados, a maioria consegue identificar e diferenciar a dor física da dor psíquica ou emocional e, admitir que uma tenha relação direta com a outra. Isso parte do pressuposto de que quando provocados por alguma dor física, o emocional e o psicológico também se envolvem e, quando a dor é de fundo emocional, o corpo físico também se ressentem. Assim sendo, entende-se que não há como separar a dor física da dor emocional e vice-versa.

Churchland (2004, p. 19) assinala que:

Aprender o significado do termo “dor” significa aprender que a dor é um estado frequentemente causado por danos físicos, um estado que, por sua vez, causa outros estados interiores, tais como uma leve aflição ou um puro pânico, um estado que causa típicos característicos de comportamento, tais como gemer, encolher-se e repousar. Em resumo, segundo essa teoria, a característica essencial da dor é ser uma rede de relações causais, que conecta qualquer dor a uma série de outras coisas, em especial, a coisas publicamente observáveis.

Quando um indivíduo, independente de gênero, está possuído por algum estado de dor, geralmente se não consegue ficar indiferente, seja dor física ou emocional, o corpo deste indivíduo expõe através da expressividade corporal que alguma coisa não está bem, alguma coisa está perturbando aquele corpo, e, desde o primeiro momento a reação é de qualquer pessoa é tentar ajudar, de forma a aliviar a angústia que perpassa na face e que reverbera no corpo da pessoa que sofre.

Quando abordados sobre as dores do coração ou dores da alma um dos sujeitos da pesquisa revela que estava sentindo uma dor insuportável dentro do peito, pois sua irmã mais velha no último mês de gestação veio a óbito em decorrência de complicações do parto. No momento ele solicitou a palavra e entre lágrimas disse:

Quanto minha namorada terminou comigo, senti uma dor rasgando o meu peito, era uma mistura de raiva, de orgulho ferido, de incompetência por ela ter me trocado por outro idiota que tenho certeza vai levar “chifre” também, porque ela não presta.(pausa). Essa dor que sinto agora é uma dor que aperta, é uma dor oca, é um vazio insuportável, não sei nem explicar, é inexplicável, é (relato interrompido pelo choro) (ÔNIX, 22 anos, Entrevista/2013).

A dor que é da alma, mas que é percebida no corpo dá a dimensão da corporeidade. Merleau-Ponty (2007) postula que “a experiência de minha carne como ganga de minha percepção ensinou-me que a percepção não nasce em qualquer lugar, mas emerge no recesso de um corpo”.

Algumas pessoas não conseguem fingir ou esconder a dor que estão sentindo e isso se torna claro principalmente quando já se conhece a pessoa. Porém, mesmo quando essa pessoa é um estranho o estado com que se apresenta é claramente perceptível que algo não está normal e a solidariedade emerge do imo daquele que está observando e uma vontade irresistível de ajudar se apossa de quem observa o corpo sofrer.

Nas grandes catástrofes que atingem uma localidade ou um país terreno, o movimento de solidariedade cresce em todas as esferas, até quem não tem nada para doar faz questão de contribuir com alguma coisa principalmente utilizando seu corpo em trabalho voluntário.

A dor é um incômodo tão significativo que o que o outro sente acaba refletindo no corpo do outro que o observa, esse que está na condição de espectador lembra também dos seus episódios de dor para se colocar no mesmo nível do estado do outro, toma para si a dor do outro principalmente se o outro é seu próximo. É comum sofrer junto com aquele a quem ama principalmente se são entes queridos próximos. Não raro ouve-se alguém dizer: “Queria estar no lugar dele para não vê-lo sofrer”, ou, “dói mais em mim do que nele(a)”.

Merleau-Ponty (2007, p. 20) assinala que,

[...] uns e outros, próximos ou afastados, estão, em todo caso, justapostos no mundo, e a percepção, que talvez não esteja ‘em minha cabeça’, não está em parte alguma a não ser em meu corpo como coisa do mundo. Parece, doravante, impossível limitarmo-nos à certeza íntima daquele que percebe; vista de fora, a percepção desliza por sobre as coisas, e não as toca.

Não se pode afirmar que a dor que um indivíduo sente em seu corpo é igual a do seu semelhante, assim como não se pode detectar se a sensação de dor que o outro apresenta seja comparada a outra. Mas, entende-se, que todos independente de raça, cultura, gênero ou credo, sentem a dor. E, quando se aprende o significado de alguma coisa é baseado no estado mental indicativo de outra pessoa que ensinou. Essa questão também é formada culturalmente e o que pode ser classificada como dor em uma cultura pode ser diferente em outra.

Suportar a dor em silêncio pelo gênero masculino pode ser sinal de virilidade em certas culturas, e nessa mesma cultura pode ser valorizada no gênero feminino a expressão explícita do sofrimento. Talvez o estado mental do gênero masculino seja totalmente diferente do feminino, mas comportamentalmente é possível pensar que as reações corporais sejam idênticas apesar das diferenças internas ocultas.

Na cultura ocidental, as mulheres suportam com mais tenacidade e paciência algumas enfermidades, enquanto os homens sucumbem e se deixam prostrar por um mero estado gripal. Churchland (2004, p. 27) assinala que o estado físico dos órgãos sensoriais de seu corpo, por exemplo, causa experiências táteis/auditivas/visuais em sua mente. E os desejos e as decisões de sua mente não-física fazem com que seu corpo se comporte movido por propósitos. Suas conexões causais com sua mente são o que faz seu corpo ser seu e não o de outra pessoa.

Dentro de uma mesma sociedade, os indivíduos são portadores de condições sociais diferenciadas, de acordo com as clivagens sociais, entre elas, as de gênero, de classe e etnia, qualificando a realidade da dor. Pode haver maior ou menor tolerância à dor, conforme aquilo que do indivíduo se espera, segundo seu lugar social.

Dialeticamente, os indivíduos só constroem o significado de suas experiências incluindo a dor e o prazer, mediante as referências coletivas. Não existe realidade social sem significado subjetivo para os que vivem nela, ao mesmo tempo em que o significado de cada ato individual, cotidiano e singular, só existe como produto do que lhe é dado viver na sociedade e na cultura a qual pertence.

Por toda a existência homens e mulheres buscam sentir prazer e fugindo da dor. As recompensas sociais, os paraísos e os infernos vividos baseiam-se na ação desses dois fatores. Desde que a vida se manifesta surgem o prazer e a dor. O senso comum reafirma o fato de que geralmente somos criados com prazer, e nascemos pela dor, vivemos atrás do prazer muitas vezes sofrendo dores, e morremos com dor para ter o prazer da vida eterna (HUSSERL, 2006, p.2).

Castoriadis (1982, p. 155) indica que “o simbólico pressupõe o imaginário radical e nele se apoia, mas isso não significa que o simbólico seja, globalmente, apenas o imaginário efetivo em seu conteúdo”. O simbólico comporta, quase sempre, um componente ‘racional-global’: o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar ou para o agir.

Observa-se o que é vivido pelos outros fundados na percepção de suas exteriorizações corporais. Essa observação por empatia é, por certo, um ato intuente, doador, porém não mais originariamente doador. O outro e sua vida anímica são trazidos à consciência como estando ‘eles mesmos ali’, e junto com o corpo, mas, diferentemente deste, não como originariamente dados.

A dor e o prazer são inerentes ao indivíduo humano. Todo o ser vivente sobre a face da terra é passível de ter sensações de dores e passar por sofrimentos. As dores podem ser de cunho físico, moral, psicológico ou afetivo. Sempre e em todas as partes do mundo alguém já sofreu, sofre ou sofrerá dor por algum motivo.

As sensações prazerosas são mais difíceis de serem verbalizadas do que as sensações de dor. Quando um indivíduo é acometido pela sensação de dor é muito mais fácil ele dizer o que está sentindo do que quando se encontra em momento de alegria ou de prazer, parece que há um código que não permite que as pessoas estejam felizes, a felicidade e o prazer de poucos pode ser motivo de sofrimento de muitos.

Churchland (2004, p. 126) aponta que:

[...] o que a percepção exige nada mais é que nossa faculdade de julgar esteja em contato causal sistemático com o domínio a ser percebido, de um modo tal que possamos aprender a fazer, em base contínua, julgamentos espontâneos, não inferidos, mas apropriados, sobre esse domínio.

Todo esse processo de representar um papel frente à sociedade, fingir uma situação que não é a real demanda muito sofrimento. A dor é algo que se vincula a um processo ruim, por isso se evita a qualquer custo, da mesma forma com que não se mede esforços para envolver-se pela sensação de prazer. Em relato Turmalina, 18 anos, revela:

Já senti algumas dores físicas como dor de dente e dor de cabeça, essas dores que quando a gente trata, passa e a gente até esquece que já sentiu. A dor que partiu meu coração e que até hoje dói fundo quando me lembro, foi no dia em que meu pai saiu de casa. Quando ele e a mamãe decidiram se separar, eu e meus irmãos não acreditamos muito que ele ia ter coragem de ir embora. Mas, quando eu vi que ele estava com a mala na mão dizendo que ia embora e se aproximou de nós e foi se despedindo eu quase morri. Era uma dor tão grande ardendo dentro do meu peito que eu pensei que não ia aguentar. Hoje depois de 10 anos, eu não sinto mais nada, nem falta dele. A gente se fala muito raramente e eu gosto muito do meu padrasto. Quando o meu pai foi embora, parece que junto ele levou o meu amor por ele.

Às vezes é necessário que os indivíduos sofram e passem por algumas dores para conquistarem um momento de prazer. A maioria dos enfrentamentos e das dificuldades do dia a dia das pessoas demanda sacrifícios para que no futuro sejam agraciados com o prazer da vitória.

Quando os indivíduos se empenham em saírem vencedores em um concurso, seja exame vestibular, processo seletivo para um cargo de emprego, apresentação de dança, peça de teatro, lançamento de uma obra literária entre outros empreendimentos, geralmente passam noites insones debruçados em cima dos livros e/ou treinamentos intensos. Perdem o convívio social e se isolam de toda e qualquer forma de divertimento. Contudo, todo esse sacrifício é realizado para que lá na frente comemorem com prazer o sucesso da empreitada, quanto mais difícil for o acesso a esse objetivo maior prazer sentem ao concretizá-lo.

Nas relações sexuais no momento da geração de um novo ser e quando a vinda dessa criança é compartilhada e ansiada por um casal que se ama, o momento se transforma num ritual de grande prazer. Os corpos se unem na dança do acasalamento num jogo de prazer onde o orgasmo é o objetivo a ser alcançado. Se o prazer culminar com a fecundação, já nas primeiras semanas iniciam-se os incômodos da gravidez: os enjoos e azias, a falta de ar, as dores nas costas e pernas. São nove meses que parecem não ter fim, até chegar o ansiado momento em que a insuportável dor do parto culminará com o objetivo final que é o prazer de ter nos braços o filho esperado.

A magnitude deste momento de pleno deleite apaga com os inconvenientes gerados pelo período gestacional, a felicidade divina de ser mãe é imensurável. Essa felicidade suprema é sentida pelas mulheres, aos homens cabe o prazer de coparticipação. Em relato comovente Ágata, 35 anos, revela as suas expectativas com relação a maternidade:

Com exatamente 03 semanas de gestação, soube da gravidez através de exame sanguíneo. A partir daí, preciso dividir meu relato em 03 correntes: a biológica, a psicológica e a sociológica. Biologicamente, estava preparada: 31 anos de idade, atleta, dançarina, ativa, exames ginecológicos em dia, tudo pronto para a grande jornada. Dessa parte, 02 medos: vomitar e ter filho por parto natural. O psicológico por sua vez, ficou em estado de pavor, como disse meu querido obstetra, meu “sistema medroso” passou a comandar os demais. O primeiro trimestre resume-se em espera: esperar os enjoos acontecerem, esperar a barriga crescer, esperar para saber o sexo do bebê, esperar para ver seu bebê numa ultrassonografia... Enfim, esperar... Como não me sentia mal, não tinha barriga e não queria “transformar a gravidez em doença”, continuei normalmente minha rotina: trabalho o dia todo e à noite, aulas de dança. Tive um pequeno sangramento e fui orientada a ficar em repouso. Aí sim foi dolorido. Parar tudo, começar a sacrificar-se por outro. As escolhas, as vontades, o ritmo, a fome (o que comer e o que não comer), deixam de ser uma escolha pessoal e passam a ser impositivas, seja do campo social ou da

própria consciência. O mais difícil nesta fase, é deixar de ser egoísta e passar a ser concebedora. Aquela vidinha que ali se desenvolve, não acabe com a sua... E achar tudo isso lindo! Aí que vem a fase sociológica do evento. Sim, porque a pressão vem de todos, do pai, dos avós, dos tios... Todos passam a saber mais o que é melhor pra você, que você mesma. Tinha muito sono, preguiça, vontade só de descansar. E comecei aí me sentir realmente grávida: parava, mas a barriga mexia sozinha... Tinha um mar cheio de ondas entre o coração e o estômago; sensações que só têm quem passa por esse processo. Porém, como já avisada, os dois últimos meses de gestação foram quase um martírio. Já estava a quase 20kg mais pesada, andava feito pinguim, com passadas curtas e desequilibradas, não existia mais nenhuma posição para dormir que realmente descansasse o corpo. Pernas, mãos e nariz começaram a inchar. Marcados a hora, dia e local de nascimento pude enfim ver a carinha daquela pessoinha que tanto mudara a minha vida, mas não me bateu aquele tal arrebatamento fatal que esperava acontecer quando nos olhássemos. Esse amor foi se construindo a cada cheirinho, mamada, soninho, risadinha (Entrevista/2013).

Saffioti (2004, p. 33) indica que “a inveja da maternidade é tão vigorosa que homens sexualmente impotentes pagam um preço mais alto a prostitutas grávidas, somente para conversar e alisar a barriga destas. Contudo, a inveja da maternidade quase não se apresenta em livros e em artigos, vive na obscuridade”.

Como humanos procuramos sempre sentir prazer mesmo que este prazer seja algo temporário, porque algo no íntimo de cada um indica que aquela suposta futura dor, vale o prazer gerado agora. Quando os indivíduos são abordados por sua consciência sobre se determinado momento de prazer vale a pena a dor do futuro, geralmente retrucam que “o futuro a Deus pertence” que se deve viver o prazer e a alegria hoje, que não importa o amanhã. E, é dessa maneira que acontece a gravidez indesejada e não planejada, os vícios de toda ordem entre tantas outras dores.

Então, porque as pessoas fumam se são conhecedoras que esse vício provoca danos sérios à saúde, bebem até cair, traem seus parceiros, gastam todo o dinheiro em jogos, compras e orgias sem se preocuparem com o futuro, somente pelo prazer gerado no momento?

Ter prazer e fugir da dor é o que todos almejam. A busca pelo prazer é questão humana e muitas vezes inconsciente, pois, está no inconsciente de cada um a busca da felicidade. Internamente o individuo tem em si, as coisas que podem lhe proporcionar prazer.

Para algumas pessoas passar um final de semana inteira dentro de casa descansando é desejo buscado durante toda a semana de trabalho e isso pode gerar um estado de prazer e deleite. Para outros esse mesmo motivo pode causar dor, pois, algumas pessoas não conseguem estar só e esse mesmo final de semana que para um é prazer pode ser extremamente dolorido para os indivíduos que sofrem da solidão.

Para Churchland (2004, p. 21):

Cada um de nós é autoconsciente. Qual a natureza desse curioso acesso que você tem aos conteúdos de sua própria mente, mas não aos de outras mentes? O que você pode afirmar sobre eles, sem tomar como base seu próprio comportamento, o que você sente, pensa ou deseja? Nós admitimos sem questionar essa capacidade de introspecção, mas esse é um talento absolutamente extraordinário e enigmático.

Os corpos são os condutores das dores e dos prazeres que são intenções provenientes da mente. Um indivíduo pode sentir prazer na dor ou sentir dor em momentos de prazer. Nas relações sexuais os homens não conseguem fingir o sentir prazer, pois a ejaculação é prova concreta deste momento, mesmo sabendo que pode haver orgasmo masculino sem ejaculação. No caso das mulheres é comum em rodadas de “bate papo” o comentário que algumas fingem o orgasmo. Essas mulheres assim o fazem para não magoar o parceiro e continuam fingindo durante anos por não conseguirem dialogar com os maridos/companheiros sobre questões relacionadas com a sexualidade feminina. Em verdade existe uma vergonha em se expor e o receio de que o companheiro pense que ela tem outro por isso não consegue gozar com ele.

Turmalina (18 anos) relata:

Nunca senti o orgasmo, não sei nem o que é isso. As vezes sinto é dor quando ele me penetra e já terminei com outros relacionamentos por causa disso. Dos poucos namorados que tive, com apenas dois eu transei e com ambos foi uma decepção. Não estavam nem aí “prá” mim, só gozaram, viraram de costas, dormiram e pronto (Entrevista/2013).

Um número expressivo de mulheres omite as suas preferências nas preliminares e não indicam os pontos onde os carinhos e toques se apresentam mais sensíveis para que através da estimulação desses pontos elas atinjam o clímax, essas informações seriam imprescindíveis para juntos atingirem o orgasmo.

Com a omissão destas informações, um momento de prazer supremo que é o orgasmo propiciado no ato sexual, passa a ser esperado com certa ansiedade e resistência, o encontro que poderia ser de prazer e felicidade para o casal passa a ser aguardado pela mulher como momento de dor.

Dor de frustração, dor de não conseguir agradar o outro, dor de não ser capaz de sentir prazer. É nesses encontros que a mulher inventa as mais diversas desculpas para não comparecer na cama como amante. A dor de cabeça é a desculpa mais recorrente.

Topázio, 27 anos, desabafa:

Os homens não respeitam a nossa vontade tenho várias brigas com meu companheiro porque às vezes eu chego tão cansada das aulas, principalmente nos dias que dou oito aulas por dia e ele não entende que eu só quero deitar e dormir. Fico enrolando um tempão “prá” vê se ele dorme, mas, quando eu deito lá vem ele querendo transar. Se eu deixasse ele quer transar todos os dias e olha que eu gosto, mas às vezes é demais. Ele não entende que eu estou cansada e só quero dormir, ele fica com raiva e acha que eu tenho outro, que eu não gosto dele. Às vezes eu até faço amor só prá gente não brigar (Entrevista/2013).

Quando a penetração ou a tentativa de penetração ocorre com dores é necessário investigar as causas, pois problemas de ordem física ou psicológica podem provocar uma anorgasmia, e esses casos podem indicar problemas tanto de ordem física como o vaginismo, ou psíquica como abusos sexuais sofridos na infância entre outros.

O desconhecimento do próprio corpo e da sexualidade, a vergonha do companheiro, a falta de conhecimento e a ignorância em perceber que isto é um mal e que precisa ser tratado com ajuda profissional, fazem com que ainda em pleno século XXI algumas mulheres da atualidade sejam incapazes de sentir o prazer do orgasmo. Contudo, a maioria está tentando acreditar que isso é possível e a busca do prazer sexual independente da forma como se apresente é um objetivo a ser conquistado.

A busca do grande amor e do indivíduo que irá lhe proporcionar o prazer e a felicidade, a alma gêmea, a outra metade da laranja, ou seja, a sua cara metade, deve estar em algum canto à sua espera. E, a realização da cópula ideal é o desejo do ser humano independente de sua orientação sexual, pois muitas mulheres não necessitam de homens para sentirem o orgasmo, podem utilizar outros meios para tal, como por exemplos, a companhia de outra mulher ou o sexo solitário através da masturbação.

2.2 A DOR DA TRAIÇÃO

Perplexidade, este é o primeiro sentimento que se apossa da pessoa que é traída. A dor da traição é frequente e presente na maioria dos lares da modernidade. Que os homens traem mais que mulheres ainda é senso comum, porém, algumas pesquisas apontam que essa diferença já está gerando uma igualdade significativa.

Giddens (1993, p. 18) indica que a “sociedade separada e divorciada” de hoje aparece aqui mais como um efeito de emergência do amor confluyente do que como sua causa. Quanto mais o amor confluyente consolida-se em uma possibilidade real, mais se afasta da busca da “pessoa especial” e o que mais conta é o “relacionamento especial”.

No comentário de Giddens se percebe que não é necessário o amor ou a paixão para acontecer uma relação, basta a atração física, ou seja, a atração sexual. Essa traição esporádica e temporal não é caracterizada pelo traidor como traição, pois, manter relações sexuais por acaso não pode ser considerada um caso, e assim o homem vai cumprindo a pseudofidelidade, acreditando que não está traindo sua companheira, ele está somente se divertindo e aproveitando a vida como todo homem deve fazer.

A traição para o gênero masculino é muito normal porque trair é da natureza do homem, ela é significativa somente quando ele se torna a “vítima”, assim, sua companheira, seu grande amor passa a ser considerada uma vagabunda, safada e sem vergonha, e na sua formação patriarcalista credita a culpa à mulher e como consequência ela deve pagar pela transgressão, pois, uma mulher amoral merece ser punida. Este discurso extremamente machista ainda é encontrado em vários homens em tempos atuais.

Na atualidade, a vingança por parte dos homens através da violência física continua exacerbada. Nas camadas sociais onde os gêneros são mais liberais, como artistas, literatos, acadêmicos, ou seja, na classe intelectualizada e no meio artístico, a traição é encarada com mais naturalidade e a troca de casais é relativa. Por outro lado, nas classes subalternas, que possui menor nível intelectual e uma moral arraigados, às vezes baseada nos princípios religiosos tradicionais, a violência contra as mulheres que traem ainda é fato presente.

Uma das mulheres entrevistadas que já é divorciada e agora se encontra numa relação estável revelou que quando o primeiro marido a traiu, ela não lhe deu chance nenhuma de se defender. Arrumou as coisas dele dentro de uma mala e deixou no corredor do apartamento onde moravam, trocou a fechadura e uma semana depois, ela abandonou o apartamento porque o imóvel pertencia ao pai dele. Após o ocorrido se falaram apenas através dos advogados até a assinatura do divórcio.

“Prá” mim ele morreu quando eu li aquela mensagem no celular, mostrei “prá” ele e disse: você sai ou eu saio? Ele não respondeu quis me abraçar pediu desculpas, mas não teve jeito. No outro dia de manhã quando ele saiu para trabalhar, peguei minhas coisas, avisei a minha mãe do ocorrido, troquei as chaves do apartamento e uma semana depois fui morar com uma amiga que morava sozinha. Só nos encontramos no dia do divórcio. Hoje vivo bem com o meu atual companheiro, não sei o que faria se acontecesse de novo, naquela época eu tinha 22 anos, agora já estou com 35, não tinha filhos agora tenho dois, a história é totalmente diferente (ÁGATA, 35 anos, Entrevista/2013).

Percebe-se que as atitudes tomadas pelas pessoas que sofrem a dor da traição variam muito, enquanto umas tomam atitudes extremas como querer matar ou morrer, outras

simplesmente viram as costas e vão embora como se estivessem virando a página de um livro e outras tentam a todo custo conquistar o amor perdido.

Bering (2013, p. 189) assinala que,

[...] amantes abandonados dedicam-se em geral a reconquistar seus amados. Eles dissecam obsessivamente a relação, tentando estabelecer o que deu errado; e empenham-se obstinadamente na criação de estratégias destinadas a reacender o romance. Amantes desapontados muitas vezes fazem incursões dramáticas, humilhantes ou até perigosas na casa ou no local de trabalho do bem-amado, depois se retiram furiosos, de maneira intempestiva, apenas para voltar e suplicar de novo. Eles visitam lugares que costumavam frequentar e amigos comuns. E telefonam, enviam e-mails e escrevem cartas, suplicando, acusando e/ou tentando seduzir aquele que os abandonou.

O caso de Diamante, 33 anos, foi diferente. Ela traiu o companheiro com um rapaz mais novo nove anos, eles se apaixonaram perdidamente, essa paixão resultou em uma gravidez que a forçou a contar tudo para o marido.

Fui ameaçada de morte e denunciei ele na delegacia das mulheres, saí de casa e ele me perseguiu, tentou invadir a minha casa, foi um verdadeiro inferno, ele bebia muito e com a separação afogou suas mágoas mais e mais no álcool, bateu com o carro num poste e quase morreu. Depois do acidente ele resolveu me deixar em paz. Perdi o bebê e acabei ficando sozinha, mas, acho que é melhor estar só do que mal acompanhada (DIAMANTE, 33 anos, Entrevista/2013).

Como parcial dessa pesquisa constatou-se que dos 15 indivíduos entrevistados todos já foram traídos, 09 já traíram e 06 disseram que se arrependeram de não ter traído. Esse número expressivo de traídos e traidores foram percebidos tanto nas relações heterossexuais, quanto nas relações homoafetivas.

Os sujeitos entrevistados revelaram que sentem uma necessidade quase irresistível de trair, o prazer de se sentir desejado por outro, a adrenalina provocada pela ansiedade, os riscos de serem flagrados e as expectativas geradas pelos encontros, provocam uma necessidade no indivíduo de sentir em seu corpo essas sensações, e quanto mais difícil é a concretização dos encontros, quanto mais riscos correm, maior é o prazer dessa relação.

Trair é uma aptidão masculina, mas as mulheres que por séculos sentiram em seus corpos a dor da traição, estão agora tentadas a sentir o prazer de trair. A dor de quem é traído é relativa ao prazer de quem trai. A mulher quando trai é mais discreta e o homem tem mais dificuldade em descobrir que está sendo traído. Ela praticamente não muda sua rotina e seus encontros furtivos são nos horários em que ninguém desconfia que ela esteja mantendo um relacionamento extraconjugal. O homem diferentemente da mulher não consegue esconder

por muito tempo que está traindo, menos cuidadoso ele muda completamente sua rotina, passa a se cuidar mais, preocupa-se mais com a higiene pessoal (cabelo e barba), se está acima do peso frequenta a academia, passa a inventar mil desculpas pelos atrasos e outras tantas para se ausentar em horários anteriormente não comprometidos com reuniões, jogos só com amigos, partidas de futebol, pneu furado, carro na oficina, trânsito engarrafado e celular sem carga são as desculpas mais corriqueiras.

Independente da forma como a traição acontece, de quem trai e é traída, a dor que apossa o corpo do indivíduo traído é suficientemente forte e provoca muitos estragos na vida pessoal, profissional e familiar. No âmbito pessoal o indivíduo convive com a culpa, o remorso, o medo de perder o amor dos filhos e a rejeição do outro. Nas relações de trabalho se o outro for de outro meio provavelmente não será aceito pelo grupo e estes também se sentirão traídos e traindo a confiança da pessoa que foi traída. Com relação aos parentes próximos, tanto a família de um quanto de outro rejeitarão o novo companheiro, principalmente se não for benquisto por todos, passando a ser visto como um intruso que se meteu para desfazer a harmonia do casal.

Alguns indivíduos traídos conseguem perdoar a traição e tentam retornar a vida em comum, porém às vezes o intento não é revestido de sucesso porque as mágoas retornam em cada novo desentendimento. Após a aceitação e o consentimento do perdão é imprescindível esquecer o ocorrido, mas dificilmente a confiança retorna a conviver no meio desse casal. Alguns conseguem sair da relação de modo pacífico e civilizado e geralmente isso ocorre quando a relação entre os dois já estava desgastada e a traição foi o motivo para a concretização do fim de uma convivência que já havia terminado, porém, quando a relação já está desgastada e ambos não percebem, a descoberta da relação extraconjugal se torna conturbada e perigosa, as atitudes que serão tomadas pelo indivíduo traído são as mais diversas, inclusive as ameaças de morte que muitas vezes culmina com o assassinato do outro ou do amante.

A consequência advinda da dor da traição se reflete no corpo daquele que sofre. Poucas pessoas conseguem passar por esse episódio sem traumas e para a maioria são momentos que deveriam ser apagados da memória. Após o choque inicial, a mágoa, a insegurança e a busca pelos motivos que fizeram com que fossem traídos passam a povoar a cabeça do sofredor, a busca por uma forma de vingança é engendrada, o coração despedaçado e o orgulho ferido deixam o indivíduo traído em um plano suspenso, a sensação de não pertencimento ao mundo, a ausência de si mesmo, e a imaginação fértil são ativados e somente a vingança seria o remédio mais indicado para curar aquela dor.

Topázio, 27 anos, conta sua experiência de traição:

Minha experiência com a traição é muito difícil de relatar. Namorava há três anos com um cara que acreditava ser a pessoa certa para mim. Nunca desconfiei de nada, os dois nunca deram mancada. Como eu poderia desconfiar? Um dia do nada uma vizinha de casa me perguntou se eu confiava nele, eu muito segura falei que sim e ela retrucou dizendo que em homem nunca se deve confiar. Aquele papo me deixou com a “pulga atrás da orelha” e fiquei imaginando o que ela queria dizer, resolvi perguntar por que ela tinha perguntado isso, e ela me respondeu que era só uma curiosidade. Passaram-se dois meses desde o ocorrido e após esse papo, comecei uma busca maníaca para saber se ele me traía. Ligava várias vezes durante o dia, às vezes me escondia para ver se ele saía do trabalho com alguém e não consegui descobrir nada, e nem iria descobrir pois ele me traía dentro da minha casa, com a minha própria irmã. Levei muito tempo para acreditar no que sempre ouvia comentar que ninguém trai o outro com o inimigo, pois, este está longe, somos traídos pelos amigos e parentes próximos. A experiência serviu de lição e hoje não confio em homem nenhum. Todo o homem prá mim é um galinha. (Entrevista/2013).

As formas de traição são as mais diversas, ela pode ser presencial ou virtual. A forma de traição presencial vem sendo praticada desde os tempos primitivos, desde a presença do homem na face da terra. O encontro, o primeiro olhar, o clima e o jogo de sedução, a atração física, a descarga de adrenalina, e o desejo “eu quero essa pessoa de qualquer jeito” ou “esse pitel tem que ser meu”, só se acaba quando o objetivo é alcançado, a atração à primeira vista é avassaladora e passa a povoar pensamentos e ideias do casal. Após os primeiros encontros, essa sede é tão intensa que só é saciada quando os dois se entregam ao prazer, que pode ser prolongando por mais encontros ou encerrar ali quando todo aquele feitiço for quebrado através de uma conjunção carnal negativa ou mal satisfeita.

No caso da traição, a pessoa que trai encontra momentos de felicidades no novo amor e causa sofrimento e dor em toda a sua família, principalmente no companheiro e nos filhos. Sofrimento que é sentido por todos os membros da família envolvida. A descoberta da traição no primeiro momento repercute nos gêneros como se fossem pessoas incapazes de construir uma relação estável; uma sensação de incapacidade acomete o corpo traído, insegurança, medo da solidão, sentimento de rejeição entre outros, se apossam desse corpo. Posteriormente, os indivíduos são tomados pela revolta e a pergunta “o que eu fiz para merecer isso?” é uma constante na fala das pessoas que sofrem a dor da traição. Na terceira fase e achando-se donos da situação, o ser traído parte para vingança que pode vir de várias formas tais como: trair, difamar ou matar o traidor, fazê-lo sofrer, quebrar ou destruir seus objetos de estimação, entre tantas outras formas de vingança.

Todos esses sentimentos vão repercutir no corpo de forma aparentemente física através da depressão, anorexia, bulimia, que são males da alma mais que se apresentam no

corpo físico do indivíduo. Algumas pessoas optam pelo álcool para afogar suas mágoas, outros passam a utilizar sedativos para dormir e se tornam dependentes. Com isso encontram-se várias formas de se realizar uma leitura de corpo, porém, é a partir de seus movimentos que se poderá chegar a um entendimento claro. Suscita, pois, assim, experiências diversas em cada um dos seres humanos a partir das suas próprias sensações e da interpretação que se faz do outro. Para Goffman (1985):

Na medida em que os outros agem como se o indivíduo tivesse transmitido uma determinada impressão, podemos ter uma perspectiva funcional ou pragmática, e considerar que o indivíduo projetou efetivamente uma certa definição da situação e efetivamente promoveu a compreensão obtida por um certo estado de coisas.

Um estado de dor física é mais fácil de mensurar, pois, ao consultar um médico, por exemplo, o indivíduo indica os incômodos e o profissional analisa e investiga o corpo através de exames para detectar a origem da dor e a gravidade da enfermidade. Quando sai o resultado o médico analisa os exames e pontua a enfermidade em grau leve, médio ou grave recebendo assim o doente um diagnóstico e um tratamento.

Diferentemente da dor física não existem exames investigativos para detectar ou identificar o grau das dores emocionais, sabe-se simplesmente que elas podem ser profundas e provocam muitos estragos, tantos físicos quanto psicológicos. De tal forma, as pessoas podem passar pela mesma dor de forma completamente diferente, umas a sentirão e tentarão se livrar o mais rápido possível do incômodo, outras se comprazem e a adotam sofrendo profundamente.

Nesta pesquisa foi possível identificar alguns aspectos que dizem respeito justamente à diversidade biológica dos sujeitos humanos e suas reações nos eventos provocados pela dor da traição. Ao ser questionado sobre traição, Safira, 21 anos, conta que: “Já fui traído várias vezes, até perdi as contas, toda vez falo que não vou perdoar jamais, mas, é só ele me ligar e eu volto correndo. Eu sou mesmo um cachorro vira-lata” (Entrevista/2013).

Pérola, 25 anos, relatou que: “Se já é ruim ser traída por outra mulher, imagina ser traída por outro homem. Eu pensei que ele era homem, mas eu soube que ele já manteve e ainda mantém relações sexuais com outros homens. E não consigo ainda acreditar que ele é gay” (Entrevista/2013). Aproveitando, perguntou-se se a entrevistada acreditava que existia “ex-gay”, ao que ela respondeu que: “Para mim ele é muito homem, o modo que fazia amor comigo, nenhum homem antes tinha feito” (Entrevista/2013).

Churchland (2004, p. 116) indica que:

Como podemos, no entanto, estar justificando em acreditar que nossas generalizações psicológico-comportamentais são verdadeiras no caso de outras criaturas, quando tudo o que podemos observar é uma das metades da conexão afirmada: o comportamento da criatura? Os estados mentais da criatura – se é que ela tenha algum tipo de estado mental – são diretamente observados unicamente pela própria criatura.

As pessoas movidas pela paixão ou por amor ao outro fingem e procuram não ver o óbvio, ou seja, passam a acreditar naquilo que desejariam que fosse a realidade, enganando a si mesmas na intenção de encontrar a felicidade e o prazer ao lado da pessoa a qual está dedicando a sua atenção naquele momento. Dessa forma, vão vivendo dia após dia com a incerteza, o que é certamente uma dor de consumição lenta e devastadora, que com o passar dos meses irá se consolidar em males corporais e psicológicos. Churchland (2004, p. 101) comenta ainda que,

[...] na psicologia popular os seres humanos normais têm uma enorme capacidade de explicar e prever o comportamento dos outros seres humanos. Podemos até mesmo explicar e prever os estados psicológicos de outros seres humanos. Explicamos seu comportamento em termos de suas crenças e desejos, de suas dores, esperanças e medos. Explicamos sua tristeza em termos de seu desapontamento, suas intenções em termos de seus desejos, e suas crenças em termos de suas percepções e inferências.

Dependendo de crença, raça, cultura e gênero, a dor e o prazer vão se mostrar mais ou menos profundas. Em algumas culturas o ato de a mulher “parir” requer que a mesma não exprima nenhum sinal de dor, enquanto que em outras como a ocidental, o parto cesariana é o mais procurado em virtude de a mulher querer evitar as dores inerentes desse momento.

O senso comum acredita que indivíduos da raça negra são menos sensíveis às dores e que a musculatura negra é mais resistente do que as dos indivíduos de raça branca. É possível que esta crença esteja baseada nos sofrimentos que os negros passaram no período da escravidão. Para suportar as surras e os castigos no tronco precisavam ter muita resistência, a cor da pele com maior concentração de melanina provia o negro de uma couraça oriunda do trabalho de sol a sol. Essa pele mais resistente o impedia de sentir mais fortemente as dores provocadas pelas chibatadas. Havia também o orgulho da raça negra que os impeliu a uma maior resistência. Contudo, esses são fatos não comprovados cientificamente.

Nas culturas orientais, como na Índia, Japão e China, em virtude da crença e cultura locais, a dor é uma forma de aviso vindo dos céus e por isso é considerada uma graça. Já nas culturas ocidentais, as dores e sofrimentos em mulheres são incentivados, sendo a

emotividade e a fragilidade características tipicamente femininas, conseqüentemente, acredita-se que homem demonstrar dor, é sinônimo de fraqueza.

Em outra vertente, quando se fala em prazer, comum é a associação direta à carne, ou seja, ao orgasmo. Contudo, em muitas culturas e sociedades, os indivíduos podem ter prazer à mesa ou ao comprar um objeto de seu desejo, ao usar drogas, ingerir bebidas alcoólicas, entre outros. Porém, em todas as épocas acredita-se que a busca pelo prazer sexual tem provocado muitas dores, tanto físicas, quanto psíquicas e morais.

Nos relatos coletados para a constituição desta pesquisa, percebeu-se que ambos os gêneros foram unânimes em afirmar que a maior dor sentida por eles aconteceu quando perderam pais ou parentes próximos. A partir dessa proposição, compeliu-se o seguinte questionamento: será que a dor da traição é tão sentida quanto à dor da perda pelo fato de se estar, de uma forma ou de outra, perdendo alguém?

Disso advém a análise de que quando um indivíduo passa por uma situação de traição o que mais o maltrata é a certeza de que nunca mais terá o seu amor para si. É como se realmente a pessoa tivesse morrido, um vazio se apodera do corpo da pessoa traída e nada e ninguém consegue preenchê-lo, a dor é tão intensa que não se quer mais viver. Não raros são casos em que pessoas optam pelo suicídio, porque acreditam que viver só no mundo seria impossível.

Dentre os relatos colhidos, chama atenção o de Topázio, 31 anos, confessou:

Apostei todas as minhas fichas nele, íamos casar já estava tudo certo. Ele estava desempregado e morando lá em casa, estávamos esperando ele arrumar emprego. Enquanto eu saía para trabalhar ele ficava perorando e dando em cima de tudo quanto era mulher. Um dia do nada apareceu uma menina bem novinha lá em casa dizendo que estava grávida dele. A menina estava junto com a mãe dela e foi o maior escândalo. Toda a vizinhança assistiu a palhaçada e eu fui a palhaça daquele circo que ele armou, nunca mais quis saber dele e até hoje ele anda atrás de mim, sofri “prá” caramba, mas agora já passou. Dei a volta por cima, a fila anda né? (Entrevista/2013).

Dessa forma, percebe-se que muitas pessoas passam o tempo acreditando que o sentido real da vida está no outro e que de outra forma não há razão para viver, apostam sua felicidade e alegria no outro, procuram agradar e desejam o mesmo em troca, querem que os seus mínimos anseios sejam satisfeitos pelo outro, não respeitam a sua própria liberdade e nem a do outro, fazendo questão de estar atrelados e vivendo em codependência física, social, sexual e moral. Goldenberg (2008, p.) assinala que:

No Brasil, ter um marido é uma verdadeira riqueza, especialmente em um mercado afetivo-sexual em que os homens disponíveis para o casamento são escassos. Criei o conceito de “capital marital” ao perceber que as mulheres casadas sentem-se poderosas e satisfeitas por terem um marido e, mais ainda, por acreditarem que ele é fiel e completamente dependente delas.

Se usassem a razão e não a emoção, a traição não existiria porque o outro não tem dono, não pertence a ninguém, um se encontra ao lado do outro porque no momento em que seus corpos se encontraram, sentimentos como a afinidade, o amor, o respeito, a amizade afloraram e os uniram.

Quando uma pessoa trai o outro é que esses sentimentos que os uniram arrefeceram ou acabaram, então, não há traição. Não se pode trair o que não existe mais. Se for observar o traidor sem a paixão do momento ocorrido, perceberá que ele é fruto de uma sociedade que o corrompeu, de uma cultura patriarcalista, na qual ao homem é permissível e perfeitamente normal e aceitável a traição. Dessa forma, analisando a pessoa traída conclui-se que de alguma forma ela foi partícipe na traição, em que ambos contribuíram para que de uma forma ou de outra a união chegasse ao fim. Assim, ao mesmo tempo em que os dois são considerados culpados pelo fim do relacionamento, podem ser inocentes pelos mesmos motivos.

O assunto é delicado e confuso, pois após a confirmação da traição, alguns casais ainda tentam recuperar a relação, embora outros, querendo ou não, se sintam obrigados à separação, frente à sociedade que cobra uma atitude, como se fosse uma forma de lavar a honra do traído.

Os indivíduos que perdoam seus parceiros e os aceitam de volta passam a viver dois papéis, na vida em comum passam a desconfiar um do outro e em sociedade fingem que está tudo bem. Porém bem se sabe que os ressentimentos vão caminhar ao lado dos dois para o resto da vida e o casal passará a representar uma situação que não é a realidade. Nesse aspecto Goffman (1985, p. 29) destaca que:

Quando um indivíduo desempenha um papel, implicitamente solicita de seus observadores que levem a sério a impressão sustentada perante eles. Pede-lhes para acreditarem que o personagem que veem no momento possui os atributos que aparenta possuir, que o papel que representa terá as consequências implicitamente pretendidas por ele e que, de modo geral, as coisas são o que parecem ser.

O encontro *online*⁸ ou namoro virtual é a mais nova forma de traição. Oriunda das novas tecnologias, da era dos computadores e das redes sociais, muitos dos usuários passam horas se masturbando em frente aos computadores, assistindo vídeos eróticos e mulheres em

⁸ Online: significa estar na linha, ou seja, estar conectado a rede mundial de computadores.

poses sensuais, e alguns até se relacionam com pessoas totalmente desconhecidas que chegam ao seu computador através dos catálogos virtuais. Esses catálogos são distribuídos com o intuito de satisfazer o gosto de qualquer consumidor, opções são as mais variadas, loiras, morenas, brancas, negras, ruivas, asiáticas etc. Mulheres e homens que se vendem como mercadoria por qualquer preço. Todavia, há aqueles que preferam manter relações com conhecidos, ainda que pelo computador, em virtude do medo do desconhecido, a sombra da criminalidade pode estar do outro lado da tela.

Vale ressaltar que as mulheres também aderem à traição virtual, tendo em vista que há menos riscos de flagrantes e, de forma tal, a mulher pode preservar sua integridade física e moral ao mesmo tempo em que busca o prazer da “escapadinha”.

Rubi, 28 anos, um dos entrevistados relatou o seguinte:

Fui descoberto em traição por minha namorada quando o meu caso virtual me enviou um e-mail que caiu na caixa do meu grupo de amigos. Após isto feito ele postou um vídeo fazendo *strip-tease online*⁸ e postou nas redes sociais como se tivesse sido eu. De vítima passei a vilão e no final das contas fiquei sem a namorada e o amante. Hoje estou sozinho e apavorado em encontrar novamente esse tipo de criatura. Hoje em dia não sei o que é pior, se é ter relacionamento com homem ou com mulher (Entrevista/2013)

Nas relações homoafetivas as traições acontecem de igual forma e os corpos dos sujeitos envolvidos em traições, sejam gays ou lésbicas, sofrem da mesma forma a dor da traição como sofrem os que indivíduos heterossexuais. Concorde-se assim, que não há distinção de gênero ou raça, nível social ou orientação sexual, a traição está presente em qualquer forma de relação interpessoal. As traições são de toda ordem e todas sem exceção trazem sofrimento e dor. Bering (2013, p. 191) assinala que:

O ciúme em relações homossexuais, sobretudo masculinas, é um lugar em que o modismo do poliamor encontra problemas teóricos significativos. Um dos achados citados com mais frequência na psicologia evolucionária é o fato de que os homens tendem a sentir mais ciúmes quando suas parceiras fazem sexo com outro homem, ao passo que as mulheres tendem a ficar mais enciumadas quando seus parceiros mostram sinais de “infidelidade emocional”.

Cabe lembrar como outra forma de traição a que acontece entre pais e filhos. Filhos que traem a confiança dos pais geralmente estão envolvidos com o consumo de bebidas alcoólicas e drogas ilícitas, que para tal fim, roubam e enganam, mentem e dissimulam com o objetivo de conseguir dinheiro suficiente para sustentar o vício. Inúmeros pais sofrem com esse tipo de problema e tentam de todas as formas que esses deslizos cheguem aos ouvidos

dos outros familiares. A vergonha e o sentimento de não terem cumprido os seus papéis de pais dói no corpo daqueles que passam por essa provação. Algumas relações, inclusive são desfeitas porque é comum um dos parceiros jogar a culpa no outro pela incompetência em criar os filhos, e geralmente essa culpa é alegada à mãe que não deu a atenção, a educação, a disciplina e as orientações que tinha por dever fazer. Recaindo, mais uma vez, a culpa, exclusivamente da mulher.

No caso da traição entre irmãos, pontua-se, que isso acontece tanto entre os homens quanto as mulheres, geralmente estão em jogo interesses sentimentais ou financeiros. No primeiro caso, os dois se encantam pelo parceiro do outro, no segundo, envolve partilha de bens, herança ou sociedade. Em ambos os casos, brigas, desentendimentos e assassinatos são comuns entre familiares. Nessa mesma linha de afinidade há os falsos amigos, muitos traem por inveja ou qualquer outro tipo de sentimento obscuro.

Diante dos fatos, é claramente percebido que a traição está presente constantemente nas relações humanas, e que de todas as formas provoca muita dor e sofrimento às suas vítimas.

2.3 O PRAZER DOS CORPOS AMANTES

O prazer é sentido no corpo desde quando os nascituros deixam o plácido e calmo mar uterino do ventre materno e desembarcam na vida terrena. O primeiro ato de sucção da mama é revestido de imenso prazer, tanto pela criança que está mamando, quanto pela mãe que está provendo o seu rebento de alimento para sua subsistência.

Algumas mães sentem muita dor ao amamentar, mas, para suprir as necessidades do filho mesmo sentindo dores, fornecem o prazer para aquele que é sua maior realização. Outras comentam que quando o bebê suga sentem excitações e contrações vaginais em virtude da sensibilidade e das terminações nervosas. Por ser um órgão extremamente sensível esta sensação de prazer provocada pela sucção do bebê é natural e algumas mães sentem culpa ou se acham pecadoras por sentirem em seus corpos essas sensações prazerosas.

O total desconhecimento do corpo faz com que alguns indivíduos tenham significativas restrições com relação ao sentir o prazer. Não obstante, maus tratos infantis, abusos sexuais cometidos por adultos durante a infância, violência doméstica, desagregação familiar entre outros fatores podem acarretar sérias consequências no indivíduo adulto, impedindo-o, inclusive, de sentir prazer.

Sentir prazer é uma busca constante do ser humano, inerente a todo o ser vivo como a busca da perpetuação da espécie. Todavia, para o gênero feminino, a cultura e a educação baseadas no poder do patriarcado contribuíram para que as mulheres negassem a sua condição humana de sentir prazer. Educada como máquina de produzir filhos, a maternidade ficou como objetivo único para a conjunção carnal. Não havia o sexo carnal único e exclusivo para provimento do prazer, as relações sexuais tinham como único motivo a preservação da espécie.

Saffioti (2004, p. 33) sinaliza que,

[...] não foi gratuita a alta consideração devotada às mulheres por parte dos homens, quando ainda não se conhecia a participação no ato da fecundação. Capazes de engendrar uma nova vida, de produzir todos os nutrientes necessários ao desenvolvimento dos fetos e, ainda, de fabricar internamente leite para alimentar os bebês, eram consideradas seres poderosos, mágicos, quase divinos.

As mulheres sofreram por anos a ausência do orgasmo, eram proibidas de senti-lo, isso era permitido somente às mulheres da rua, aquelas que serviam para prover o homem de suas necessidades sexuais. A mulher, esposa, sofria o descaso com que era tratada na cama e o momento que seria reservado à felicidade do casal acabava se tornando motivo de pânico e medo. Não havendo preliminares sentiam como se estivessem sendo estupradas, tão somente se submetendo ao prazer sexual do homem.

Situação que se perdurou e até pouco tempo as mulheres não eram estimuladas sexualmente, o sexo era uma obrigação de esposa, o que acabou por inibir qualquer resposta erótica por parte dessa mulher, tornando o sexo mais uma tarefa a ser desempenhada.

A maioria das esposas de décadas atrás abdicou de sua realização plena como mulher, inclusive, em favor da maternidade. E, como os homens não obedeciam ao método contraceptivo utilizado pela maioria dos casais até a década de 70, a tabelinha, que tinha uma eficácia precária, as mulheres do passado acabavam gerando uma prole numerosa. Contudo, apesar de terem constantemente relações sexuais com os maridos, poucas sentiam o prazer orgástico.

Com o advento da pílula anticoncepcional, as mulheres passaram a ter maior liberdade sexual, o medo da gravidez indesejada foi se afastando gradualmente e, na atualidade vários tipos de contraceptivos já estão disponíveis no mercado. Porém, apesar disso, tudo indica que os métodos vêm sendo deixado de lado à medida que se vê todos os dias adolescentes grávidas e o número crescente dos casos de AIDS (síndrome da imunodeficiência adquirida) e DST (doenças sexualmente transmissíveis). Dessa forma,

pouco adianta as campanhas lançadas pelo Governo Federal, parece que houve um retrocesso na prevenção ou na educação dos mais jovens, que acreditam que tudo pode acontecer com o outro e não com eles.

A preservação da espécie é fato! E, quando o indivíduo atinge a idade adulta inevitavelmente ele buscará uma companhia para a consumação do ato sexual que lhe proverá essa necessidade. Em todo reino animal acontece a dança do acasalamento e com o indivíduo humano não é diferente.

Roveratti (2012, p. 241) indica que a resposta sexual pode ser dividida em quatro fases: desejo, excitação, orgasmo e resolução. O desejo consiste em fantasias sexuais até a visualização do concreto; a excitação é a mistura do sentimento de prazer sexual e alterações fisiológicas, no homem ocorre a ereção peniana e na mulher ocorre a vaso congestão pélvica, lubrificação e expansão vaginal e a turgescência da genitália pélvica; o orgasmo ou clímax do prazer sexual ocorre com a tensão sexual e contração rítmica dos músculos do períneo e órgãos reprodutores, no homem, existe uma sensação de inevitabilidade ejaculatória, seguida da ejaculação do sêmen propriamente dita e, na mulher, ocorrem contrações da parede do terço inferior da vagina, em ambos, o esfíncter anal contrai-se ritmicamente; por fim, na última fase, a resolução, ocorre o relaxamento muscular e bem estar geral. Ainda de acordo com Roveratti (2012, p. 242) durante esta fase, os homens são fisiologicamente refratários à outra ereção e outro orgasmo por um período variável de tempo. Em contrapartida, as mulheres podem ser capazes de responder a uma estimulação adicional quase que imediatamente.

Saffioti (2004, p. 32) indica que o prazer do orgasmo é registrado em apenas um ponto do cérebro masculino, ou seja, o *septum*⁹. Nas mulheres, são três os pontos em que esse registro ocorre: *septum*, *hipotálamo*¹⁰ e *amígdala*¹¹. Por isso, dir-se-ia que as mulheres desfrutam da triplicação do prazer do orgasmo.

No entanto, há que se mencionar que algumas disfunções sexuais que provocam a ausência do prazer ou orgasmo nas relações podem advir de disfunções orgânicas, que atingem a ambos os gêneros através de doenças tipo: diabetes, hipertensão, doenças do trato urinário e órgãos genitais. Nesse aspecto, ressalta-se que nas mulheres, algumas dessas

⁹*Septum*: Origem em latim da palavra septo, que significa cartilagem que divide duas cavidades.

¹⁰ Hipotálamo: região do encéfalo dos mamíferos, localizada sob o tálamo, formando uma importante área na região central do diencéfalo, tendo como função regular determinados processos metabólicos e outras atividades autônomas.

¹¹ Amígdala do cérebro: as aferências do hipotálamo provenientes da amígdala seguem duas vias. Uma é a via da estria terminalis (ou estria medularis), que liga a amígdala aos núcleos pré-óptico, anterior, ventro-medial e arcuados. A outra via que é filogeneticamente mais recente, estabelece a ligação entre a amígdala e a área hipotalâmica lateral e a área posterior do tálamo, via amígdalofugal ventral.

disfunções orgânicas estão relacionadas ainda à flutuação hormonal e o uso de pílulas anticoncepcionais.

Concorrem ainda como possíveis causas para comprometer o prazer ou orgasmo nas relações sexuais, os distúrbios físicos, tipo: estafa ou stress, distúrbios glandulares, doenças congênitas e etc. Contudo, não deve esquecer incluir como outros fatores: o fumo e o excesso de bebidas alcoólicas, o uso de drogas, o uso de alguns medicamentos e as doenças relacionadas à terceira idade.

Paralelamente, há os fatores psicológicos que estão relacionados mais intimamente com as desavenças conjugais, medo de falhar, impotência ou ausência de ereção, ejaculação precoce e todos os tipos de ansiedades sexuais. Cabe enfatizar, que algumas causas psicológicas podem estar relacionadas à cultura ou educação sexual recebida pelo indivíduo tais como: repressão ao impulso sexual, achar que o sexo é feio e imoral, abusos sexuais na infância e a anorgasmia¹² masculina e feminina, ou seja, a ausência do orgasmo.

Contribuindo com seu depoimento, Diamante, 33 anos, revelou durante a entrevista:

Toda a minha família é do interior, minha avó sempre foi carrasca na criação dos filhos, e a minha mãe nos criou do mesmo jeito, injetando na nossa cabeça que tudo é pecado. Antes de conhecer o meu atual companheiro, tinha muita dificuldade em atingir o orgasmo, as vezes eu transava por transar, mas, ter prazer e chegar a plenitude era uma raridade, muitas vezes eu achava que aquilo não estava certo. Como simples namorada de um rapaz eu achava que estava cometendo um pecado por estar transando sem ser casada. Esse pensamento me tirava todo o tesão. Quando eu conheci o “fulano”, ele me deu confiança suficiente para eu me deixar levar pelo amor que eu sinto por ele. Hoje em dia, eu não tenho mais essas leseiras. Toda vez que eu transava parece que eu ouvia a voz da minha mãe dizendo que moça que é direita tem que casar virgem (Entrevista/2013).

Com relação à anorgasmia masculina, Roveratti (2012, p. 252) assinala que:

Alguns homens não conseguem atingir o orgasmo durante o ato sexual, embora possam ejacular com estimulação manual ou oral da parceira. Outros podem atingir o orgasmo no coito, mas apenas depois de muita estimulação não coital bastante prolongada e intensa e só penetrando na mulher para ejacular o sêmen, outros ainda só conseguem atingir o ápice do prazer com a masturbação solitária.

Com relação à mulher, Roveratti (2012, p.262) aponta que a maioria dos transtornos orgásticos femininos são adquiridos ao longo da vida, pois uma vez que aprende a atingir o clímax, uma mulher raramente perde essa capacidade, a menos que problemas físicos ou psicológicos como os conflitos de relacionamento ou estupros venham acometê-la. Os

¹² Anorgasmia - pode ser definida como uma inibição recorrente ou persistente do orgasmo, manifestada por sua ausência ou retardo após uma fase de excitação sexual adequada em termos de foco, intensidade e duração.

distúrbios mais sérios que ocorrem nas mulheres e provocam a anorgasmia são as dispareunias¹³, que podem ter causas orgânicas ou psicológicas. Dentre estas, as mais comuns são: lubrificação vaginal insuficiente, infecções vaginais ou do trato urinário, tecido vaginal com cicatrizes, endometriose ou aderências, atrofia vaginal pós-menopausa, privação de estrógeno durante a lactação, doenças infecciosas de origem genital ou urinária, má formação congênita, irritações, causadas por contraceptivos como preservativos, DIU (dispositivo intrauterino), diafragma e a vaginite senil, que é comum nas mulheres da terceira idade.

O prazer que declinava ou arrefecia com a chegada da menopausa vem paulatinamente crescendo com a aplicação de hormônios bioidênticos de testosterona e progesterona. O uso dessas substâncias acaba com os temíveis fogachos, lubrificam a vagina e reacende a libido das mulheres da meia idade e terceira idade adulta, trazendo a muitos casais os reencontros, namoros e prazeres de outrora, sobretudo o retorno do prazer nas suas relações sexuais de mulheres. Anteriormente sem as terapias de reposição hormonal as mulheres no período da menopausa eram acometidas por um distúrbio do desejo sexual hipotativo, a frigidez. Nesse distúrbio a mulher não tem desejo sexual, conseqüentemente, não ocorre a lubrificação e dificulta a penetração.

Homens e mulheres podem apresentar também o distúrbio do desejo sexual hiperativo, as pessoas portadoras deste distúrbio apresentam um nível elevado de desejo e de fantasias sexuais, aumento de frequência sexual com compulsividade ao ato, controle dos impulsos e grande sofrimento. Esses indivíduos quando tentam evitar e controlar o impulso sexual ficam tensas, ansiosas ou depressivas. A pessoa se torna escrava dos seus próprios desejos e pode apresentar desde a masturbação compulsiva e prostituição até um comportamento parafílico.

Dentre as parafilias¹⁴ podem ser destacadas: o exibicionismo, que é a exposição dos genitais, característica típica do gênero masculino; o fetichismo ou uso de objetos inanimados, que servem de brinquedos para produzir maior excitação e prazer; o froteurismo, que é tocar e esfregar-se em uma pessoa sem o seu consentimento, prática bastante comum em lugares fechados e com grande concentração de pessoas como ônibus, shows populares e filas; a pedofilia, o indivíduo sente desejo sexual por crianças e pré-adolescentes; o masoquismo, que é a prática de ser humilhado ou passar por sofrimento durante a relação sexual; o sadismo, prática que leva o indivíduo a impor humilhação e propiciar sofrimento ao outro; e, o voyeurismo, que é costume de observar atividades sexuais ou o corpo desnudo de outras

¹³ Dispareunias: dor durante a relação sexual

¹⁴ Parafilias: é um padrão de comportamento sexual no qual a fonte predominante do prazer não se encontra na cópula, mas em outra atividade. Em determinadas situações o comportamento sexual parafílico pode ser considerado perversão ou anormalidade.

peessoas. Transtornos como esses tendem a ser crônicos, contudo tanto as fantasias quanto as parafilias tendem a diminuir com o avançar da idade do indivíduo adulto.

Fazendo uma análise de modo geral sobre as parafilias percebe-se que é possível uma pessoa no prazer sofrer dor, assim como na dor sentir prazer. Ilustrando na prática tal concepção, colheu-se a experiência de Safira, 21 anos, que narrou seu caso:

Sentia muita dor durante a penetração e não conseguia atingir o orgasmo, o meu parceiro teve muita paciência e colaborou muito para eu conseguir gozar. Experimentamos várias posições até que a que eu me encaixei melhor foi sentado no colo dele. Enquanto ele me penetrava eu me masturbava e assim eu conheci o que é tudo de bom (Entrevista/2013).

Antes da constituição deste estudo acreditava-se que para o homem atingir o orgasmo era muito mais fácil e natural. No entanto, após o resultado da pesquisa de campo, com a coleta das entrevistas e dos relatos, observou-se que o sexo nas relações homossexuais pode gerar muitas dores e sofrimentos, podendo ser tremendamente doloroso e traumatizante, dependendo do parceiro. Como exemplo disso, cita-se o relato de Pérola, 19 anos, que trabalha como garoto de programa e narra seu caso:

Já sofri todo o tipo de flagelação e humilhação, apanhei de cinturão, fui penetrado por objetos dos mais variados como vela ou cabo de escova, por exemplo, mordidas, arranhões, queimaduras de cigarro... (pausa) até xixi uma vez o cara quis que eu tomasse, aí foi demais. Apanhei, bati e fui embora. Hoje, antes de sair com alguém eu primeiro preciso conhecer e peço informações dos outros que por acaso já tenham saído com o bofe. Nunca mais caio na besteira de sair com desconhecidos, nunca mais faço isso, há dois anos eu era leso e inexperiente, fui na onda dos meus amigos e me dei mal. Hoje eu já diminui muito as minhas saídas, tô enjoado e cansado dessa vida...(suspiros). Agora que eu entrei na faculdade tô procurando um emprego como professor ou estagiário se eu conseguir eu largo isso. Ninguém gosta de ser objeto, de vender o corpo. Isso é muito triste!

Torres e Oliveira (2012, p.73) indicam que na indústria do sexo há pessoas, no geral homens, que se apropriam do corpo das mulheres e os negociam no mercado onde “uma prostituta não vende a si mesma ou mesmo seus órgãos sexuais, como normalmente se admite, mas contrata o uso de serviços sexuais”.

Assim como as mulheres, os homossexuais, principalmente do sexo masculino, são vítimas da exploração sexual e sofrem toda a sorte de maus tratos. Como se não isso bastasse, pelo fato de serem homens muitos que com eles se relacionam, ignoram seu sofrimento, não dando tanta importância a esses sujeitos, o que justifica em parte o crescimento gradativo da violência e o constante aumento no índice de assassinatos contra homossexuais.

Tanto nas relações heterossexuais como homossexuais, o ápice do encantamento e sublimação do amor entre o casal se concretiza com a relação sexual e o orgasmo. Esse orgasmo pode ser conquistado de várias formas e maneiras diferentes e depende muito da sincronia e harmonia do casal.

Nas relações homoafetivas entre duas mulheres, aquela que faz o papel de homem é denominada virago¹⁵ e a mulher propriamente dita é chamada de *lady*¹⁶. Com as mulheres homossexuais os primeiros contatos ocorrem da mesma forma que nos casais heterossexuais, primeiro acontece a paquera ou flerte e depois o encantamento. Nessa fase a virago espera o momento oportuno para investir e conquistar a *lady* através dos primeiros contatos, convites para jantar, saídas noturnas aos barzinhos discretos, carícias sutis, olhares apaixonados, selinhos. A virago curte intensamente esses momentos, tanto que leva um tempo maior do que o homem para chegarem à relação sexual. Quando esse momento entre o casal acontecesse iniciam as carícias e os afagos cada vez mais ousados. Vanrell e Alcântara (2012, p. 54) descrevem a relação sexual entre essas mulheres:

Beijos demorados, ardentes, sempre com contato lingual; depois retirada progressiva das roupas no “calor” da ação (esse despir pode ser cada uma por si, ou recíproco, ou apenas por parte da virago); admiração, verdadeira avaliação dos corpos nus, entrelaçamento em abraços, toques e carícias percorrendo os corpos, beijos, lambidas (banho de gato), roçado dos sexos entre si, cunilíngua.¹⁷

Depois dos primeiros contatos e de fazer todas as investigações corporais e verificar todas as opções posturais, o casal passa a usar o dildo, ou seja, o pênis artificial, que a virago “veste” com o auxílio de um arnês ou sistema de faixas de sustentação, para assim, realizar a cópula genital (até provocar o gozo genésico na parceira) ou anal (para subjugar, submeter à *lady* e mostrar-lhe o papel que cada uma representa na relação. “A relação se finda com exaurimento de ambas as parceiras ou pelo gozo da lady súcuba¹⁸ e a dupla se separa”. A lady, “se realmente atingiu seu clímax, da forma ou pelo meio que for, entra na fase de resolução” (VANRELL e ALCÂNTARA, 2012, p. 54).

Nas relações sexuais homoafetivas femininas enquanto a *lady* goza o prazer do orgasmo a virago sofre por não sentir o orgasmo masculino. A dor de não ser realmente homem a maltrata. Vanrell e Alcântara (2012, p. 55) dizem que um ponto deve ficar bem

¹⁵ Virago: nas relações homoafetivas é considerada o macho

¹⁶ Lady: nas relações homoafetivas é considerada a fêmea.

¹⁷ Cunilíngua ou *cunnilingus*: é uma prática de sexo oral que consiste na estimulação da genitália feminina com a língua e a boca, principalmente o clitóris e a entrada da vagina

¹⁸ Súcuba: é um mito de um demônio com aparência feminina que invade o sonho dos homens a fim de ter uma relação sexual com eles para lhes roubar a energia vital.

claro: “a mulher ativa (*machona* ou *sapatão*) quer, acima de tudo, ser homem”. Via de consequência e no seu íntimo, “ela se sente frustrada porque, pode até encostar o sexo dela no da *lady*, mas não tem um órgão sexual para penetrar, por mais que ela chegue a esfolar o próprio sexo”. Geralmente após a satisfação da *lady* a virago sob o pretexto de fazer sua higienização, vai para o banheiro a fim de satisfazer a si própria através da masturbação.

A lésbica ao se frustrar pode machucar e maltratar a sua amante, a vontade de ser homem é tão grande que ela se traveste de homem, usa cabelos curtos, enfaixa ou extirpa as mamas e usa gestos e expressões masculinizadas. No entanto, essas características não são comuns a todas as lésbicas, muitas são extremamente femininas e sedutoras inclusive para os homens. Jade, 31 anos, inquirida a emitir sua opinião sobre a homossexualidade feminina relatou: “acho tudo muito natural e acho também que sou multissexual, porque já experimentei de tudo, já tive um ‘rala e rola’ com uma mulher, sou noiva de um homem, mas também já namorei e transei com uma ‘bicha’ enrustida” (Entrevista/2013).

Abordando sexualidade, corpo, prazer e dor, depara-se com o estupro, uma forma que provoca prazer em quem pratica e dores e sofrimentos àqueles que são vítimas desta aviltante, mesquinha e tenebrosa forma de prática sexual.

Não lembro bem como tudo começou. Eu era bem pequena tinha uns 6/7 anos, talvez menos. Eu estava deitada na cama da minha mãe esperando a hora do almoço. Nessa época o meu avô morava lá em casa. Um dia, ele se sentou na cama e colocou meus pés em cima da coxa dele, ele contava muitas histórias da vida dele no interior e eu gostava de ouvir, então ele começou a contar uma dessas histórias. Enquanto ele contava a história ele acariciava meus pés e pernas, as carícias foram subindo até chegar na minha florzinha (risos), ele arriou minha calcinha e ficou brincando com o meu clitóris. Sei que não foi só uma vez e só parou depois que ele foi passar uma temporada na casa dos outros filhos. Como ele era viúvo, vivia pulando de galho em galho (Rubi, 25 anos, entrevista/2013).

A forma de abordagem do aliciador e violador varia de acordo com seu grau de instrução e o nível econômico e social. Nas camadas mais ricas a sedução inicia com o pai dando maior atenção a filha, presentes, passeios, viagens etc. As carícias passam da ternura à lascívia.

Saffioti (2004, p. 21) indica que,

Como a sexualidade da mulher é difusa por todo o corpo e a sexualidade infantil não é genitalizada, as carícias percorrem toda a superfície de seu corpo, proporcionando prazer à vítima. Posteriormente, recorrendo o adulto a pomadas especiais, dilata o ânus e o reto da filha ou filho, a fim de preparar o caminho da penetração anal, pois o oral já ocorreu e também provocará prazer na vítima. [...] nas camadas pauperizadas, o processo é rápido e brutal. O pai coloca um revólver, na mais fina das hipóteses, ou uma faca de cozinha junto à cama ou sobre ela, joga a menina

sobre o leito, rasga-lhe as roupas e a estupra, ameaçando-a de morte, se gritar, ou ameaçando matar toda a família se abrir a boca para contar o sucedido a alguém.

O estupro é considerado pela lei brasileira crime hediondo, entretanto mesmo com a punição que é a prisão do infrator, cresce em número elevadíssimo a quantidade de mulheres abusadas sexualmente, principalmente crianças e adolescentes. Na entrevista realizada para a elaboração deste trabalho mais da metade dos sujeitos, tanto homens quanto mulheres, disseram ter sofrido abusos sexuais de parentes próximos, porém não quiseram entrar em detalhes.

É de natureza humana um homem desejar uma mulher e satisfazer com ela os seus desejos e fantasias. Alguns pais acreditam que suas filhas são sua propriedade e que por serem dele, deve então este, ser o primeiro a manter relações sexuais com elas. Ele deve ensiná-la como se comportar quando for esposa. Esses pais geralmente são de nível econômico e social baixo e com pouca instrução.

De acordo com Saffioti (2004, p.19) Freud analisava que os relatos das mulheres que frequentavam seu consultório quando contavam sobre abusos sexuais contra elas perpetrados por seus pais, eram fantasias derivadas do desejo de serem possuídas por eles, destronando, assim, suas mães.

Os condicionamentos sociais induzem muitos a acreditar na incontrolabilidade da sexualidade masculina. Se assim fora, ter-se-iam relações sexuais, ou mesmo estupros, nas ruas, nos salões de dança, nos restaurantes, nos cafés etc., obviamente qualquer pessoa, seja homem ou mulher, pode controlar seu desejo, postergar sua concretização, esperar o momento e o local apropriado para a busca do prazer sexual (SAFFIOTI, 2004, p. 27).

A busca do prazer sexual e da satisfação pessoal do indivíduo ao longo dos milênios vem sendo um dos motivos de maior desagregação e violência entre a raça humana. É uma herança do instinto animal a busca de preservação da espécie e a sobrevivência dos genes dominantes. Porém, é em nome do prazer que violências das mais diversas formas são infringidas sobre o outro, seja ele criança, adolescente, adulto, idoso, heterossexual, homossexual de qualquer raça ou etnia, de qualquer profissão ou classe social. Para além das dores que provocam ou dos prazeres que se obtêm, a busca pelo prazer do orgasmo está contida no desejo humano.

3 DOR E PRAZER: TRAJETÓRIAS DE VIDA DE HOMENS E MULHERES

3.1 CORPOS E VIDAS TRANSPASSADAS PELO PRECONCEITO CONTRA O HOMEM HOMOSSEXUAL

Os indivíduos humanos quando nascem não podem ser rotulados de heterossexuais apenas por terem seus órgãos sexuais masculinos ou femininos. A individualidade biológica está presente nesse corpo, e esse corpo deve estar livre para que sua orientação sexual possa se desenvolver normalmente. Um corpo que sofre e vive a dor do preconceito é o corpo do homossexual, seja ele feminino ou masculino e, essa é uma questão histórica e social.

Historicamente sabe-se que os homossexuais sempre sofreram pressões e humilhações por sua orientação. Em algumas culturas como a brasileira está ocorrendo um avanço na legislação em prol do homossexual. Cumpre enfatizar nesse ponto que no dia 14 de maio de 2013, o Conselho Nacional de Justiça – CNJ aprovou uma resolução que obriga todos os cartórios do país a celebrar casamentos entre pessoas do mesmo sexo. Notícia que foi amplamente divulgada nos principais noticiários do país, porém, como a maioria da população está baseada na moral cristã, duras críticas foram postadas nas principais redes sociais.

A religião cristã afirma que a orientação sexual é uma decisão tomada pelo indivíduo durante a puberdade e que pode ser mudada a qualquer momento com um persistente aconselhamento e muita oração. Vanrell e Alcântara (2012, p. 52) contrariam afirmando:

Essa noção é falha, pois se há inúmeros homossexuais que não aceitam sua orientação por terem inculcado dentro de si o medo de um castigo divino e sofrendo por causa dessa condição, seria um absurdo dizer que permanecem nesse estado de sofrimento por mera opção. A partir do momento em que o indivíduo se aceita e percebe que a homossexualidade faz parte de sua natureza, o sofrimento íntimo acaba. O que não acaba é a dor da rejeição que ocorre muitas vezes, mas então não se torna mais um problema de autoaceitação, mas um problema externo, com as pessoas do entorno.

Cientificamente alguns estudos apontam que a orientação sexual é fixada já no início da vida ou até no máximo quando a criança atinge a idade escolar. Bering (2013, p.199) salienta que “um ar inusitadamente leve, delicado e efeminado no andar de um menino pequeno, muitas vezes associado ao gosto por leituras solitárias, ou um pulso mole, um interesse por bonecas, maquiagem, princesas, vestidos, e uma forte aversão por brincadeiras abrutalhadas com outros meninos”, podem ser um forte indicativo da orientação homossexual de alguns indivíduos.

Vanrell e Alcântara (2012, p. 52) defendem que “em muitos casos, acontece antes do nascimento, até o fulcro anatômico na região anterior do hipotálamo. Para os que seguem esta noção científica, a orientação sexual está fora do controle da pessoa ou da educação dos pais”.

Nos dias de hoje, percebe-se que os homossexuais sentem muito a dor do preconceito com relação à sua orientação sexual. Fator determinante nesse aspecto é a herança da cultura na qual está inserido o indivíduo, o que ditará se sofrerá ou não com as suas escolhas. Contudo, insta lembrar, conforme pontua Laraia (2007, p. 68), que em épocas passadas algumas tribos das planícies norte-americanas “o homossexual era visto como um ser dotado de propriedades mágicas, capaz de servir de mediador entre o mundo social e o sobrenatural e, portanto, respeitado”.

Boswell (1980, p. 83) relembra que na Antiguidade Clássica grega o homossexualismo era um hábito cultural e considerado natural, os jovens Lícios praticavam as relações homossexuais em troca de moedas de ouro, a fim de acumular um dote para o casamento. A orientação homossexual era bem aceita e desprovida de preconceitos e encarada como parte integrante e legítima da vida sexual masculina na Grécia e em Roma. No entanto, com a queda do império romano o poder político passou a mãos dos senhores feudais, período em que a igreja católica ganhou força e instituiu o poder do medo pela fé, conduzindo os indivíduos a acreditarem que tudo era pecado incluindo, principalmente as relações homoafetivas.

A oposição à orientação homossexual dos homens criou forças e se estabeleceu a partir do século XII quando jogaram no mesmo “caldeirão” os homossexuais, judeus, muçulmanos e hereges, com vistas a preparar o material para a futura Santa Inquisição. “O endurecimento representado por essa mudança de atitude encontrou apoio nos princípios da moral e do direito canônico, fundamentados na Patrística, notadamente na doutrina de Santo Tomás de Aquino, que colocava, na Summa Theologica, como finalidade natural do homem produzir filhos”. E, assim, passaram-se os tempos, contudo a homossexualidade até hoje é considerada uma transgressão séria e pecado mortal contra os dogmas canônicos (VANRELL E ALCÂNTARA, 2012).

Caminhando na esteira do tempo, na Idade Moderna o homossexualismo passa a ser considerado crime e sofrer os rigores da lei. No século XIX foi incluída como patologia ou doença mental. O homossexual era considerado ao mesmo tempo um louco e um pervertido.

Durante a Segunda Guerra Mundial os homossexuais capturados pela polícia nazista eram enviados para os campos de concentração não para serem exterminados, mas, para serem curados, como se doença fosse. Doses altíssimas de hormônios masculinos eram

injetadas em alguns homossexuais para aumentar sua masculinização e, outros passavam por cirurgia de lobotomia¹⁹, acreditava-se que com a supressão de uma parte do cérebro, os homossexuais seriam capazes de esquecer sua orientação e assim curar-se da doença.

Stearns (2010, p. 176) indica que:

Tratamentos para o homossexualismo não tardaram a surgir. Hipnose, castração e terapias reparativas para alterar as preferências e desejos dos pacientes foram tentadas. Uma terapia usada era a lobotomia. Na Alemanha Ocidental, elas só deixaram de aplicadas em 1979. Na Dinamarca, o número de pessoas submetidas à operação foi de 3,5 mil, sendo a última em 1981. Nos EUA, as vítimas chegam à casa das dezenas de milhares.

Em meio a tantas adversidades, merece destaque a primeira manifestação pública em favor dos homossexuais, que aconteceu no ano de 1969 aconteceu, em Nova York, no Stonewall, um bar frequentado por simpatizantes da causa. Contudo, durante o evento a polícia nova-iorquina adentrou no bar e expulsou todos os presentes. Respondendo a altura, os policiais foram apedrejados e insultados. Esse movimento de contestação foi denominado “*Gay Power*”.

Stearns (2010, p. 89) assinala que:

Foi no meio dessa turbulência que um caso tornou-se emblemático na história dos direitos dos homossexuais, o do escritor e dramaturgo irlandês *Oscar Wilde*. Casado e pai de dois filhos, *Wilde* teve várias relações com homens e se apaixonou por *Alfred Douglas*, filho do marquês de *Queensberry*. Os dois conheceram o submundo homossexual de Londres, que frequentavam para satisfazer suas predileções por jovens da classe operária [...] citado por sodomia com pelo menos dez jovens, acabou declarado culpado por atentado ao pudor e condenado a dois anos de trabalhos forçados.

Recapitulando a história é possível analisar que durante séculos muitos indivíduos foram perseguidos por sua orientação sexual e ao longo dos tempos pessoas de diferentes raças, gênero, etnia e orientação religiosa, tiveram seus nomes marcados por terem suas vidas transpassadas e condenadas à exclusão por não fazerem parte da dita “maioria”. Casos de preconceitos extremos foram catalogados e ainda hoje vemos as mesmas coisas acontecerem com as pessoas do nosso tempo.

¹⁹Lobotomia: atualmente chamada leucotomia, é uma intervenção cirúrgica no cérebro, onde são selecionadas as vias que ligam os lobos frontais ao tálamo e outras vias frontais associadas. Foi utilizada no passado em casos graves de esquizofrenia. A lobotomia foi uma técnica bárbara da psicocirurgia que não é mais utilizada.

As pessoas que pertencem a grupos diferenciados, o das minorias, são perseguidas e humilhadas pelas sociedades que formam a maioria, no caso, os heterossexuais, os quais cultuam o etnocentrismo; se acham o centro da humanidade e quem não se encaixa nesse contexto está excluído.

O cerne da questão está embutido nos condicionamentos aos quais os indivíduos estão inclusos em cada sociedade. Nas sociedades patriarcais não é permissível que um indivíduo homem que pense ou atue como mulher faça parte dessa mesma sociedade. Dessa forma não há tolerância, bom senso e respeito pela orientação sexual do indivíduo homossexual, tendo este que enfrenta sérias dificuldades para sobreviver dentro dessa conjuntura social. Nesse contexto, Laraia (2007, p. 45) alerta que:

[...] o homem é o resultado do meio cultural em que foi socializado. Ele é um herdeiro de um longo processo acumulativo, que reflete o conhecimento e a experiência adquirida pelas numerosas gerações que o antecederam. A manipulação adequada e criativa desse patrimônio cultural permite as inovações e as invenções.

A cultura é dinâmica e sofre mudanças ao longo dos tempos, são essas mudanças que abrem um abismo entre as diferentes gerações. Pais que não entendem o comportamento dos filhos, e filhos que não entendem a “caretime” dos pais. Porém, cada mudança faz parte da iniciativa de alguém ou grupos de pessoas que ousaram burlar as regras e geraram conflitos, porque sempre e em algum momento estarão em litígio os conservadores e os inovadores. Cada ideia ou atitude inovadora pode ser aprovada ou rejeitada e vai depender da aceitação da sociedade. Dentro dessas transformações, indivíduos homossexuais veem lutando há décadas para serem aceitos na sociedade. Contudo, grande avanço já existe para estas pessoas nas culturas mais desenvolvidas, onde podem viver mais tranquilamente com sua orientação sexual. Na Europa grandes avanços ocorreram, cita-se como exemplo a Suécia que em 1944 legalizou a união homossexual.

Para aqueles homossexuais que sofrem a dor do preconceito faltam respostas para seus principais questionamentos: Porque somos tão humilhados? Porque tantas pessoas nos olham de forma diferente? Porque nos perseguem? Porque não nos respeitam? Outros, já nem tentam encontrá-las por saberem de antemão que tudo é preconceito de uma sociedade que os excluem.

Água Marinha, 23 anos, entrevistada durante a pesquisa de campo, conta que sempre teve que negar a sua orientação em virtude da moral religiosa praticada desde criança por ele e seus familiares. Muito constrangido ele pontua que:

sempre neguei e nego minha orientação sexual, estou confessando prá você porque é um trabalho sério e científico. Sei que ás vezes dou mancada principalmente quando eu estou dançando, mas, de forma nenhuma a minha família pode saber que eu sou gay (não gosto nem de falar essa palavra). Minha mãe é muito evangélica e meu pai é muito ignorante, Deus me livre se eles descobrem, não sei nem o que eles são capazes de fazer. Prá disfarçar mais esse meu gosto por homem, eu uso essa barba e esse bigode e tento, de todas as formas, parecer mais homem(Entrevista, 2013).

Indivíduos que não se aceitam como homossexuais e se autocondenam tendem a sofrer mais, sentindo bastante a dor do preconceito. Geralmente os homossexuais possuem duas vidas, uma no lar, negando veementemente sua orientação e, outra com seus pares, quando podem dar vazão aos seus sentimentos.

Alguns homossexuais procuram atividades mais próximas da convivência com pessoas do mesmo grupo e assim formam-se as comunidades. A dança pode ser considerada uma atividade artística que concentra um percentual significativo de indivíduos com orientação homossexual, assim como: a estética, a culinária, o *designer*²⁰, as artes manuais, a costura, etc. Nessas comunidades o preconceito é mínimo ou quase inexistente, eles se sentem aceitos não tendo que fingir como quando estão fora de seu espaço social. Bourdieu (2012, p. 138) indica que “falar de um espaço social, é dizer que se não pode juntar uma pessoa qualquer com outra pessoa qualquer, descurando as diferenças fundamentais, sobretudo econômicas e culturais”.

Ônix, 22 anos, colaborando com seu relato comentou:

Eu trabalho numa instituição baseada nas morais religiosas. Não sei que moral é essa, porque pedem dinheiro prá tudo, vivem extorquindo os pais, mas, deixa isso prá lá. Só sei lhe dizer que lá eu tenho que disfarçar a minha orientação. Eles são muito conservadores, sabem que eu sou gay, mas assim que o diretor desconfiou veio falar comigo indicando que eu deveria me portar e agir como homem. Indiretamente ele sugeriu que se eu não fizesse isso, corria o risco de ser demitido. Ainda concluiu que gostava de contratar professoras de dança porque todo professor de dança é gay. Fiquei p... da vida mais como preciso do dinheiro vou aguentando (Entrevista, 2013).

Diante do caso narrado, observa-se tanto no ambiente de trabalho, no familiar ou em sociedade, o indivíduo homossexual é perseguido pelo preconceito. Na família, é um choque coletivo quando se descobre que aquele que deveria ser o varão, o “macho” capaz de perpetuar a espécie é afeito às mulheres. O pai se desespera, a mãe recebe a culpa por ter criado um macho mimado e assim instaura-se um conflito familiar. Como se não fosse o bastante sofrer a rejeição dos parentes, ainda tem que enfrentar diversas dificuldades

²⁰ Designer: especialista em projetar um determinado tipo de objeto.

emocionais e físicas – mais uma vez o corpo sofre também as consequências dessa rejeição, problemas de anorexias nervosas, bulimia, depressão e, até suicídio, principalmente em adolescentes quando os hormônios afloram e a sexualidade desponta.

Saffioti (2004, p. 74) assinala que muitos pais recorrem à violência, supostamente respaldados, como se fosse uma medida para “curar esse mal” do filho homossexual que obrigatoriamente deveria ser macho. Tal fato comprova que “o gênero, a família e o território domiciliar contem hierarquias, nas quais os homens figuram como dominadores e exploradores e as crianças como os elementos mais dominados-explorados”. Importante ainda ressaltar que “as violências físicas, sexuais, emocionais e morais não ocorrem isoladamente. Qualquer que seja a forma assumida pela agressão, a violência emocional está presente”.

Safira, 21 anos, contribuiu relatando seu exemplo:

Sempre fui gay, só não vii que eu nasci assim que não quis, apanhava feito cachorro do meu pai, ele dizia: Para com essa frescura, p...! fala como homem, parece uma bichinha. Eu chorava e não entendia, por quê? eu achava que eu era normal e não via diferença nenhuma entre mim e as outras crianças. Por que eu não podia brincar com a minha irmã? Por que eu não podia ficar dentro de casa? Por que eu era obrigado a jogar bola? Eu não entendia isso que meu pai cobrava e me obrigava a fazer. Cada vez mais fui ficando com raiva dele, até que um dia eu já estava com 14 anos e me apaixonei por um colega da escola. Meu pai descobriu e me expulsou de casa, a minha sorte é que tenho uma tia que me aceitou e até hoje moro com ela. Nunca mais falei com meu pai. Para mim, ele morreu. Ele também fala que não tem filho, só filhas. Nesse caso eu me incluo também. (risos) (Entrevista, 2013).

Ao descobrirem a orientação homossexual de seus filhos, os pais tomados pela certeza do que era apenas uma leve desconfiança tendem a expulsá-los de casa não aceitando em hipótese alguma conviver ou manter próximo de si um filho *gay*.

Voltando à atenção para o nível de compreensão entre pais e mães de filhos homossexuais, pode-se dizer que a aceitação do pai é a mais difícil, já as mães tendem a ser mais generosas. Um dos principais motivos da rejeição por parte do pai é a preocupação com o que os outros, principalmente seus amigos, vão pensar. Nesse caso a justificativa para com a sociedade é mais relevante para ele do que a atenção, o apoio, o amor e a compreensão que o filho irá necessitar a partir de então para não sucumbir aos efeitos psicológicos e emocionais que poderão ser desencadeados quando assumir sua orientação sexual. O pai criado num ambiente androcêntrico não consegue entender o filho e o porquê de ter acontecido justamente com ele, que sempre foi tão macho.

Alguns homossexuais quando são expulsos de seus lares vão buscar ajuda na casa de outro parente que o aceite, geralmente as avós. O amor e o entendimento de que ela não foi

partícipe direta nessa educação a exclui do sentimento de culpa que os pais carregam por não terem percebido a tempo que o filho era homossexual. Quem tem a sorte de encontrar outros familiares ou amigos que os acolham, se consideram afortunados da sorte, pois a maioria dos parentes próximos, tios e primos, também os rejeitam, tornando o homossexual “*persona non grata*”²¹ no seio familiar. Sozinho e na rua sem ter com quem se manter o homossexual geralmente cai na vida da prostituição.

Zircônia, 20 anos, em relato, comentou que nunca teve uma relação amigável com o pai. Lembra inclusive que ficou feliz quando viu o pai sofrer por descobrir a verdade sobre sua orientação sexual e, que em vez de tratá-lo com o olhar superior típico de mantenedor da casa, passou a manter o olhar cabisbaixo e triste, um olhar de quem se sentia culpado por não ter percebido antes. Comenta ainda que:

Até hoje não entendi qual foi a do meu pai, pensei que ele ia me meter a porrada como era de costume, mais em vez disso, ele me olhou com aquele olhar de quem está condenado a morte, baixou a cabeça e muito triste falou: “A partir de hoje não tenho mais filho, para mim você morreu”. Ele estava quase chorando, virou as costas e saiu. Nunca mais falou comigo, já faz uns quatro anos...(pausa, choro). Naquele dia eu fiquei feliz por vê-lo sofrer, mas até hoje eu sofro muito por ele fingir que eu não existo, mas, eu tenho fé em Deus que um dia ele vai me aceitar e me receber de volta (Entrevista, 2013).

As primeiras experiências sexuais e a iniciação da vida sexual dos meninos são com seus pares, vizinhos e parentes próximos. Dos sujeitos participantes da pesquisa 10 relataram aceitam bem sua orientação sexual e 08 confessaram que preferiam não ser homossexuais.

Os homossexuais que não se aceitam acreditam que a orientação sexual não se trata de uma escolha, mas de condição humana, lutam contra o seu “eu” na busca de afirmar a heterossexualidade. Procuram no casamento a solução para dar uma satisfação à sociedade, tem filhos e constituem um lar. Mas, a relação não avança e além de frustrarem-se com a experiência, compromete a vida da esposa e dos filhos que passam a sofrer os preconceitos e as humilhações da sociedade.

Giddens (2005, p. 44) assinala que:

Os homossexuais ainda enfrentam um preconceito profundamente enraizado e, muito comumente, uma violência aberta. Suas lutas emancipatórias encontram resistências talvez tão profundas quanto àquelas que continuam a obstruir o acesso das mulheres à igualdade social e econômica.

²¹*Persona non grata*: Indivíduo que por diversos motivos, não é bem-vindo ou benquisto em algum lugar.

A atualidade mostra que muitos jovens temem que sua orientação sexual seja revelada, que seus pais e familiares descubram ou percebam que eles são homossexuais, contudo isso não tem como ser camuflado por muito tempo, o que pode acontecer é que alguns pais preferem iludira si mesmos negando a realidade a ter que aceitar que o filho “transgride” as normas sociais ditas “normais”. Acrescenta-se nesse ponto o depoimento de Preciosa, 38 anos, em que conta que pertence a uma família extremamente conservadora e possui uma mãe superprotetora. Filha mais velha, Preciosa é lésbica e o seu irmão mais novo *gay*.

Eu sou a filha mais velha e quando era criança era tratada como menino para agradar ao meu pai que queria ter tido um filho homem. Brincava de carrinhos e usava as cuecas do meu primo, ninguém se preocupava e achava normal. Quando eu entrei na adolescência esses comportamentos começaram a ser contestados pela minha família. Tentei namorar com um homem, mas, foi em vão, a minha orientação sexual falou mais alto, por fim resolvi me assumir e hoje tenho como companheira uma ex-colega de trabalho. Após os primeiros conflitos familiares e a rejeição natural da família por minha companheira, com o passar do tempo aconteceu à aceitação natural. Hoje eu convivo muito bem com minha família e minha companheira é muito bem aceita por todos. No caso do meu irmão mais novo ele é um rapaz extremamente introvertido, quase não mantém diálogo com ninguém, é reticente e monossilábico mesmo cursando uma faculdade e tendo relação bem diferente com seus colegas. Quando ele era criança foi muito mimado pela mamãe que sempre o tratou como bebê e os dois apresentam um comportamento muito estranho, ele é muito agarrado com ela, parece até que ela só tem esse filho. Ele tem como “*hobby*” a arte culinária e gosta de confeccionar bijuterias. Ele finge para a família que não é gay e a mamãe e o papai fingem que ele não é. Parece que eu estou vendo um filme em “*replay*”²² (Entrevista, 2013).

Faz-se uma ressalva ainda com relação ao depoimento acima que não é que heterossexuais não possam ser bons cozinheiros e excelentes artesãos, mas a sociedade credita às mulheres essas atribuições.

Há algumas décadas passadas, a homossexualidade era considerada na literatura clínica como uma patologia, uma forma de distúrbio psicosssexual ao lado do fetichismo, *voyerismo*, travestismo. E, apesar dos avanços e de maior tolerância por parte dos heterossexuais, ainda nos dias de hoje os *gays* sofrem violências diversas por parte dos homofóbicos.

Giddens (2005, p. 23-24) explica que a palavra *gay* está associada a colorido, abertura e legitimidade; um grito muito diferente de outrora.

²²*Replay*: palavra inglesa que significa tocar novamente. Na gíria brasileira significa repetição, acontecimento recorrente.

Todos os seres humanos possuem uma constituição biológica semelhante, entretanto, não são as semelhanças que definem o corpo humano, mas a forma como os conceitos e as definições ao seu respeito são construídos culturalmente. Daolio (1995, p.100) reflete que “a antropologia considera a humanidade plural e procura abordar os indivíduos a partir das suas diferenças”. Refuta, assim, o etnocentrismo, que considera uma sociedade como o centro do mundo e a partir da qual as outras são analisadas de forma preconceituosa.

Um costume ou uma prática de um determinado grupo não devem ser vistos como certos ou errados, melhores ou piores do que a de outros grupos, ambos têm significados próprios que os justificam na ambiência em que foram construídos. Nesse contexto, a diferença não deve ser pensada como inferioridade, visto que o que caracteriza a espécie humana é justamente sua capacidade de se expressar diferenciadamente.

Carvalho (2003, p. 8) aponta que:

[...] se crenças e valores são determinados exclusivamente pela cultura a que se pertence, quaisquer reorganizações ou dissipações que porventura venham a ocorrer na infraestrutura tácita de conceitos, ideias e crenças de um grupo social passam a ser vistas como anódinas, rebeldes, arbitrárias, implausíveis.

Um fato social que está se consolidando nessa última década são as conjugalidades *gays*, ou seja, casais de homossexuais que desejam constituir uma família. Porém, um grande entrave na constituição dessas novas famílias é a posição secular do cristianismo que ainda resiste a esse novo modelo familiar, diferente em sua composição da tradicional família heterossexual.

As pessoas que fazem parte do episcopado e defendem ou se insurgem contra esse pensamento ortodoxo são severamente punidas. Exemplo real disso foi o caso apresentado no Programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, no dia 05/05/2013, em que o Padre Beto Daniel, pároco da cidade de Bauru, município do interior de São Paulo, declarou à imprensa que foi excomungado da igreja pelo fato de defender o amor e ser inteiramente a favor dos indivíduos que se amam, independente de orientação sexual. Beto Daniel enfatizava em seus discursos que os homossexuais merecem respeito como todas as outras pessoas ditas “normais”.

As famílias constituídas por indivíduos homossexuais vêm crescendo seja através da adoção de crianças, barrigas de aluguel ou fertilização “*in vitro*”²³, tudo para que esse modelo de família seja semelhante ao das famílias heterossexuais.

A sexualidade dos indivíduos vem passando por significativas transformações. Uniões de todas as formas vêm acontecendo. Heterossexuais femininas casadas com homossexuais masculinos, gerando filhos e mantendo relações com outros homossexuais gerando conflitos significativos na vida das mulheres casadas com os homossexuais. Caso que se enquadra em tal configuração é o de Esmeralda, 32 anos, quando entrevistada declarou estar envolvida com um homossexual desabafando que:

Sempre namorei homens que só sacanearam comigo, me tratavam com total falta de respeito além de ter sofrido traição por todos eles. Acho que sempre tive azar no amor ou talvez eu não tenha sido feita para viver um grande amor. Só sei dizer que a convivência na dança e a atenção com que ele me tratava fez com que eu me apaixonasse perdidamente. No início eu tentei fugir dessa atração em virtude de já o conhecer anteriormente e saber que ele era homossexual, mas ele me tratava com tanta atenção e carinho que foi ficando cada vez mais difícil eu me afastar dele. Após a nossa primeira relação foi impossível me desvencilhar da companhia dele... Ele me proporcionou prazeres que nunca tinha sentido, parecia que ele já conhecia cada ponto que me proporcionava maior prazer e foi com ele que eu tive realmente o orgasmo, foi com ele que aprendi a conhecer o meu corpo, foi com ele que eu conheci concretamente a palavra gozar, a plenitude, o prazer, o “estar completa”. Para mim, ele é homem! Sei que ele me trai com outros homens e sei também que corro riscos, mas, é mais forte do que eu e não consigo me afastar dele. Quando a gente briga, ele me envia flores e me pede perdão de joelhos. Que homem vai fazer isso comigo?

No mundo da dança é comum encontrar esse tipo de relação, a convivência constante, o contato corpo a corpo, tudo pode sugerir e impulsionar a sexualidade, porém a dúvida que fica é se somente essa interação poderia ser motivo para o início de uma relação. Bering (2013, p. 158) alude que “mulheres que gostam de homens homossexuais são denominadas ‘*fag hag*’, são mulheres que gostam de gravitar em torno dos homens *gays* lisonjeadores”. Esse tipo de comportamento geralmente ocorre com mulheres que possuem uma baixa autoestima provocada muitas vezes por traumas oriundos da falta de atenção do pai ou de ex-companheiros. A cumplicidade dos casais nessa relação vai além das aparências e percebemos que o companheiro que é heterossexual aceita mais tranquilamente as traições do

²³ *Fertilização in vitro*: a fertilização *in vitro* é um processo que envolve a retirada dos óvulos do corpo da mulher, fertilizá-los dentro do laboratório de FIV, com o sêmen do macho doador e transferir os embriões resultantes para o seu útero dois a seis dias mais tarde.

companheiro homossexual do que quando ambos são heterossexuais. Inclusive, em alguns casos a companheira heterossexual também trai o parceiro homossexual com indivíduos heterossexuais.

As relações estão sendo transformadas e os indivíduos mais expostos e livres para exercerem sua sexualidade. Dois sujeitos homens, homossexuais, que fizeram parte da amostra na presente pesquisa se definiram como bissexuais, declarando que sentiam prazer também em relações sexuais com mulheres, mas preferiam os homens. Um deles é pai de um menino e se mostrou preocupado com a futura orientação sexual do filho, desejando desde já que o menino não seja *gay*, porque não quer vê-lo sofrer. Em relato ele comenta que sofreu muito na sua adolescência:

Quando tive a minha primeira relação homossexual fiquei desesperado porque gostei. Eu mesmo não sabia se era *gay* ou não. Comecei a sair com várias mulheres tentando me livrar daquela vontade de voltar a transar com homens, foi nessa época que uma dessas mulheres engravidou, quando eu soube que ia ser pai logo pensei, eu sou um homem e aquilo que eu fiz foi um erro e não vai se repetir. Que nada, quando a gente é “veado” não tem como fugir, ser *gay* ou não, não depende da gente, está contido na gente, faz parte da nossa natureza. Só que eu percebi que gostava também de algumas vezes transar com mulheres, é um contato diferente, a pele é macia, o cheiro também. Eu sou feliz assim, sempre que quero vario o prato... (risos)(RUBI, 28 anos, Entrevista, 2013).

O programa Fantástico, da Rede Globo de Televisão, que foi ao ar no dia 26/05/2013 mostrou o caso de um maestro que declarou que após 10 anos de casado e pai de dois filhos, se apaixonou por um homem e, que foi somente nessa época que conseguiu enfim confessar para a mulher que era bissexual com preferência por homens. Na reportagem o maestro afirma que se pudesse escolher não teria optado por “ser desse jeito” e que se sente envergonhado por ver os filhos passando por constrangimento diante dos colegas. Contou ainda que a ex-mulher queria, inclusive, mudar de cidade. Entretanto, relembra que por ser músico não sofreu tanto no seu ambiente de trabalho. Mas finaliza, desabafando: “estou sofrendo muito, e não desejo para ninguém o momento pelo qual estou passando”.

Indivíduos bissexuais, tanto do gênero masculino ou feminino, atuam despercebidos na sociedade, não são discriminados e não são considerados *gays*. Diferentemente dos homossexuais, se vestem e se comportam em sociedade como heterossexuais, fazem questão de parecerem homens ou mulheres mesmo com sua preferência em manter relação sexual com seus pares do mesmo sexo.

3.2 VIDAS SILENCIADAS E CORPOS NEGADOS PELO PRECONCEITO HOMOSSEXUAL FEMININO

As mulheres homossexuais igualmente às heterossexuais foram bastante ignoradas na história da humanidade, sendo poucas as referências encontradas. Contudo, os livros de história contam que a primeira homossexual de que se tem notícia é a poetisa Safo, que viveu no século VII a.C., em Lesbos, uma ilha grega ao norte do Mar Egeu – a denominação de lésbica dada às mulheres que amam outras mulheres faz referência a esse lugar. Dirigidos sempre às mulheres, os poemas de Safo eram ardentes e sensuais. Era objeto de gracejos obscenos e julgamentos moralistas. Em Atenas os poetas cômicos ridicularizaram seus amores.

No Brasil, conforme indica Vainfas (2010, p. 116) não haveria muito que dizer sobre as mulheres e suas experiências na época colonial, se não existissem os papéis do famigerado Tribunal do Santo Ofício, que desde meados do século XVI passou a incluir no seu foro o que chamava de ‘abominável e nefando pecado da sodomia²⁴’. Falar dos amores femininos dessa época é, pois falar também e muito da própria Inquisição, através dela que se pode rastrear a *lesbos brasílica*²⁵.

Diferentemente à situação das mulheres as referências relacionadas à homossexualidade masculina são encontradas em quantidade considerável. O Regimento de 1640 indica que o Santo Ofício tratava especificamente e, sobretudo dos homens que praticavam a sodomia.

A homossexualidade entre o gênero feminino era considerada insignificante, tendo em vista que não havia na relação íntima a penetração. Dessa forma, pouquíssimas mulheres foram punidas por essa prática, ainda que confessassem a homossexualidade, pois não era possível comprovar a cópula sem a ejaculação. Considerava-se que relações entre mulheres eram apenas trocas de carícias e afetos. Dizia-se que dois “vasos²⁶” não poderiam executar um ato pecaminoso.

O inquisidor Mateus Homem de Leitão, alegando que o Santo Ofício somente poderia julgar atos propriíssimos de sodomia, isto é, penetrações anais através do *membrum virilis*. Ele ponderou seriamente que, se a Inquisição viesse a julgar penetrações com falsos membros – como no caso dos instrumentos dedos e similares

²⁴Sodomia: metaforicamente é entendida como meio alusivo a variados excessos sexuais, desde a masturbação até a bestialidade.

²⁵*lesbos brasílica*: lésbica brasileira

²⁶vasos: nome vulgar dado a vagina pelos inquisidores do tribunal do Santo Ofício.

– acabaria tendo de julgar penetrações em vasos falsos, o que não tinha cabimento (VAINFAS, 2010, p. 122).

Algumas mulheres casadas mantinham relações homoafetivas com suas mucamas, servas, amigas ou vizinhas, muitas vezes com a anuência do próprio marido sem que isso afetasse o relacionamento do casal, pois o homem achava impossível ser traído por uma “castrada”.

O único traço comum entre as narrativas de atos sodomíticos femininos e masculinos nos papéis do Santo Ofício é o fato de que praticamente ninguém se despia [...]. De resto a diferença é extraordinária: entre homens, pouco afeto e uso desenfreado e criativo do corpo em busca do prazer sexual; entre as mulheres, muito recato, algum sentimento amoroso e nenhuma criatividade sexual.

É interessante pontuar as ideias de Luigi-Maria Sinistrati, teólogo italiano do século XVII, que conforme indica Vainfas (2010, p. 123) comentava que,

[...] somente numa circunstância a mulher poderia penetrar, deflorar ou corromper outra fêmea: se possuísse dentro da vulva um ‘grande *nynphium*, uma excrescência carnal, mais avantajada que o comum dos clitóris [...]; e, masculinizar as mulheres e dotá-las de um “pênis clitórico” para reconhecê-las capazes de praticar desvios nefandos.

Durante séculos as mulheres tentaram e tentam até hoje manter suas relações homoafetivas distante do olhar preconceituoso da sociedade. Do comportamento discreto à vida particular das lésbicas são envoltos em mistérios. Diferentemente dos homens *gays*, elas são mais discretas, não gostam de se expor e preferem passar despercebidas, dificilmente falam de suas intimidades e sobre o relacionamento com outras mulheres, apesar disso há que ressaltar que são mulheres que amam, sofrem e vivem como as demais.

Nesse sentido, Goffman (1985, p. 133) relembra que segredos íntimos são aqueles cuja posse marca o indivíduo como membro de um grupo e contribuem para que este se sinta separado e diferente dos indivíduos que não “estão por dentro”. Os segredos íntimos dão conteúdo intelectual objetivo à distância social subjetivamente sentida.

As pessoas que possuem orientação homossexual obedecem aos mesmos preceitos que os heterossexuais, porém alguns se sentem oprimidos, levando uma vida de sofrimento e martírio, o que está intimamente relacionado à sociedade que impõe restrições e encara com preconceito essa orientação sexual. Vanrell e Alcântara (2012, p. 2) comentam que a lésbica:

[...] é um ser odiado por homens e por mulheres. As mulheres a odeiam porque estão pouco dispostas a ver em sua figura uma parte delas próprias e, os homens a ultrajam porque ela representa uma terceira força na guerra entre os sexos, um competidor concreto. As lésbicas vivem sós em um mundo que não é delas. São odiadas, são temidas e compadecidas, e, muito raramente compreendidas.

Ilustrando os casos de rejeição, Lápiz Lazzuli, 35 anos, relata seu caso:

Minha mãe descobriu que eu sou lésbica. Antes eu namorava um rapaz e estava noiva dele. Gostava de mulher, mas como minha mãe é evangélica e até a alma eu não queria que ela sofresse por isso, só que cada vez que o rapaz me beijava eu tinha nojo e queria bater nele. Essa situação foi ficando cada vez mais difícil, mas mesmo assim eu estava aguentando. Aí o negócio se complicou quando conheci a fulana, foi paixão a primeira vista. Comecei namorando escondido de todo mundo inclusive do povo daqui da faculdade. Nós já estávamos namorando uns três meses quando decidi terminar meu noivado, ninguém lá em casa entendeu, mas minha mãe já desconfiava por causa dos telefonemas e mensagens que ela tinha visto no meu celular. Um dia a fulana chegou lá em casa, buzinou e eu fui atender, ficamos um tempo conversando dentro do carro, quando tentei entrar em casa, minha mãe tinha trancado a porta e lá de dentro falou: aqui você não entra mais! Eu chamei que só, pedi para ela me deixar pegar minhas coisas, minha bolsa pelo menos. Ela permaneceu irredutível. Como estava com o celular no bolso, liguei para fulana e ela foi me buscar na porta de casa. Fiquei literalmente com a roupa do corpo, a minha sorte é que minha companheira tem uma boa situação financeira, me instalou no apartamento dela e passamos a viver junto, isso foi o que aconteceu de melhor em toda essa confusão porque agora não preciso mais fingir quem eu não sou. Foi um alívio muito grande ser enfim descoberta. Senti uma dor intensa por ter feito minha mãe sofrer.

Analisando o depoimento da entrevistada, observa-se que o prazer e a dor estão intrinsecamente ligados e o que para alguns pode ser alívio, de satisfação, para outros pode ser motivo de sofrimento.

As relações entre homossexuais femininas são exclusivistas, autônomas e não admitem a traição, porém quando isso ocorre, as crises de ciúmes trazem consigo as agressões físicas e neurotizações. Contudo, esse tipo de relacionamento é mais duradouro entre as pessoas adultas e emancipadas, os contatos são extremamente eróticos e a manipulação física, genital e corporal oferecem inúmeras possibilidades de prazer. As mulheres mais jovens tendem a ter relacionamentos passageiros e superficiais, na maioria das vezes, terminam quando a parceira ativa vai se tornando mais ciumenta e opressora, intervindo nas amizades da passiva.

Entrevistada durante a pesquisa de campo desse trabalho, Cristal, 25 anos, relatou que teve um caso bastante complicado e de difícil resolução.

Minha ex-namorada era muito ciumenta e me vigiava 24 horas por dia, telefonava, aparecia sem avisar no meu trabalho, às vezes eu a via de longe me observando. Não me deixava respirar. Aquilo foi me sufocando, incomodando, e aquela atração inicial

que havia começado com carinho e atenção foi se transformando em perseguição. Eu já não tinha vida própria, vivia a vida dela ou a vida que ela quisesse que eu vivesse. Incomodada com aquilo fui tentando me afastar, inventava desculpas para não encontrá-la, quando ela me telefonava, atendia e dizia que estava ocupada. E ela foi percebendo o meu desinteresse e começou uma perseguição mais intensa, agora já usando palavras quando eu não a atendia. Comecei a ficar com medo e resolvi baixar a guarda, me tornando mais atenta e ao mesmo tempo mostrando desinteresse na relação e me negando às intimidades. Queria que ela entendesse que eu preferia só a amizade dela. Ela fingiu que não entendeu até que um dia tentou me violentar, reagi e percebi que ela era mais frágil do que imaginava. Ela tinha problemas sérios de rejeição, convenci a ir a um psicólogo, ela aceitou e hoje continuamos mais ou menos, boas amigas.

Nota-se diante de fatos reais que as relações conflituosas não são exclusividade dos indivíduos homossexuais masculinos e heterossexuais, todo relacionamento que envolve duas pessoas em contato íntimo são controversas e, por isso, o conflito é esperado. Tudo porque cada indivíduo atua e age em sociedade de acordo com sua cultura, assim, se foi criado num ambiente hostil ou rejeitado ou se sofreu algum trauma infantil é possível que se torne um indivíduo adulto mais agressivo do que outros que tiveram uma infância tranquila. A agressão nesses casos é utilizada como forma de defesa contra dores futuras, é uma maneira que esses indivíduos encontram para parecerem mais duros do que realmente são.

Goffman (1985, p. 193) sinaliza que:

Há situações, frequentemente chamadas de ‘cenas’, nas quais o indivíduo age de modo a destruir ou ameaçar seriamente a aparência de cortesia da convivência, e embora possa simplesmente não agir com o objetivo de criar tal dissonância, age sabendo que há probabilidades de haver como resultado esta espécie de dissonância. A expressão popular ‘fazer cena’ é adequada porque, com efeito, estas rupturas criam uma nova cena.

As relações de poder também se apresentam muito fortes nas relações homossexuais femininas. Recapitula-se nesse aspecto o pensamento de alguns autores ao dizer que a mulher ativa quer, acima de tudo, ser um homem, o que indica a concretização de uma ideia de poder, de autoridade no relacionamento. Contudo, surgem controvérsias, em relato um dos sujeitos da pesquisa comenta:

Sempre me relacionei com mulheres e nunca me envolvi com homens. Me assumi como ‘sapato’ desde que me entendo por gente e minha família sempre aceitou muito bem. Nunca quis ser homem e nunca precisei me fantasiar de homem, sou mulher que gosta de mulheres e não vejo problema nisso. Não tenho vergonha e não escondo minha orientação sexual, tenho orgasmo como qualquer outra pessoa e tenho certeza que as mulheres que transam comigo não sentem nenhuma falta de

“piroca²⁷”, eu sinto o corpo delas tremer de prazer. Dou mais prazer a uma mulher do que muito macho escroto que não sabe nem fazer uma mulher feliz (AMETISTA, 38 anos). (Entrevista, 2013).

Algumas lésbicas se vestem como homens e tentam aparentar ou representar um papel masculino perante a sociedade, incorporam um personagem e exibem uma fachada diferente do seu interior, muitas vezes isso ocorre até inconscientemente. Por fachada cabe a explicação de Goffman (1985, p. 29) como sendo “o equipamento expressivo de tipo padronizado intencional ou inconsciente empregado pelo indivíduo durante sua representação”.

O tipo de representação masculinizada por parte do indivíduo homossexual feminino não é aplicado a todos, algumas lésbicas gostam de se apresentar em sociedade com trajes e postura extremamente feminina, o que pode confundir ou ludibriar a leitura corporal. Além disso, é preciso atentar que independente de sua orientação sexual, a lésbica é uma mulher e muitas gostam e se assumem como tal, no entanto diferem das demais porque apreciam, amam e sentem prazer em estar na companhia de outras mulheres, sentem prazer em produzir prazer em outra mulher.

Os processos de inferiorização das mulheres é tão forte que alguns livros tratam as relações homossexuais femininas como demoníacas, denominam ainda a lésbica ativa de *inccuba* (masculino) e a passiva de *succuba* (feminino). A antropologia considera a humanidade plural, mas procura abordar os indivíduos a partir das suas diferenças.

Três das cinco mulheres homossexuais que foram entrevistadas para a formatação dessa pesquisa expuseram que mantiveram relações sexuais com homens heterossexuais antes de se envolverem em relações homoafetivas, e consideram que as mulheres são melhores amantes do que os homens pelo fato de conhecerem melhor o corpo e as ansiedades femininas.

Importante destacar que a queixa bastante comum apresentada pelas entrevistadas é o fato de o homem não perceber que o prazer feminino está disseminado por todo o corpo, ao iniciar uma relação sexual, vai diretamente à estimulação clitoriana, o que ocasiona algumas dores e incômodos. O homem não sabe ou finge não saber por egoísmo até, que o corpo da mulher necessita ser estimulado em outras zonas erógenas antes de ser penetrado. As mulheres reafirmaram que o corpo feminino deve ser preparado tanto para a manipulação clitoriana quanto para a penetração peniana. As preliminares nas relações com mulheres devem privilegiar primeiramente os toques e os carinhos em outras partes do corpo.

²⁷ Piroca: nome vulgarmente dado ao membro sexual masculino.

Por certo, as mulheres são diferentes e complementares, mas não inferiores aos homens. Os machos sempre combateram o diferente, principalmente o homossexual. Até hoje, no Brasil, a cada dois dias um homossexual é assassinado por intolerância. Tais crimes são cometidos geralmente por machos homofóbicos. Os filhos de pessoas com esse tipo de conduta vão ser intolerantes com os colegas diferentes, que nem precisam ser homossexuais, por meio de *bulliyng*²⁸, ironias, rejeições, segregações, agressões etc. Basta que tenha modos, gosto, cor, religião, altura ou tipo corporal diferente para serem alvos de preconceitos.

Diferentemente dos homens, as mulheres homossexuais não são agredidas por mulheres heterossexuais, o respeito de mulher para mulher é muito maior e a homofobia feminina praticamente é inexistente, tendo em vista que há poucos relatos de mulheres assassinadas por outra mulher em virtude de sua orientação sexual. Nota-se com isso, que as mulheres aceitam mais placidamente a amizade desinteressada de uma lésbica e mesmo sendo alvo de comentários maldosos, principalmente oriundo dos homens, contudo, ainda assim, as relações de amizades entre lésbicas e heterossexuais femininas são mais comumente aceitas e vistas do que as relações de amizade entre homens *gays* e heterossexuais.

A atração física independe do racional e da educação, não é necessário que se ame os homossexuais como também não se precisa odiá-los, como seres humanos, têm tantos direitos quanto os heterossexuais.

De uma maneira geral acredita-se que as mulheres que possuem orientação homossexual sejam mais felizes com sua escolha do que os homens e, que o preconceito contra as lésbicas gera menos sofrimento do que o preconceito contra o indivíduo *gay*.

3.3 TRABALHANDO O PRECONCEITO HOMOSSEXUAL COM UM GRUPO FOCAL

Estudar, pesquisar ou relatar fatos, feitos, histórias de vida de sujeitos homossexuais é deveras um trabalho um tanto quanto complicado tendo em vista que muito comumente se depara com questões extremamente íntimas, feridas abertas que sangram sem cessar na vida desses indivíduos. No decorrer da formulação deste trabalho, precisamente durante a pesquisa de campo, observou-se que ao desabafar sobre suas angústias e medos os homossexuais sentiram-se aliviados, o que foi notado na expressão corporal destes. Interessante saber que muitos desses indivíduos estão seguros de sua escolha, são sensatos e maduros nos aspectos

²⁸*Bulliyng*: é um termo da língua inglesa (*bully* – valentão) que se refere a todas as formas de atitudes agressivas, verbais ou físicas, intencionais e repetitivas, que ocorrem sem motivação evidente e são exercidas por um ou mais indivíduos, causando dor e angústia, com o objetivo de intimidar ou agredir outra pessoa sem ter a possibilidade ou capacidade de se defender, sendo realizadas dentro de uma relação desigual de força e poder.

relacionados à opção sexual. Por outro lado, identifica-se que há os que não assumem sua orientação sexual, são enrustidos, introvertidos ou como diz a expressão “está dentro do armário”. Como também aqueles que extrapolam os limites do bom senso, querendo chamar a atenção, chocar, afrontar a sociedade que ainda é de certa forma, moralista.

Por certo, toma-se como parâmetro de ação que para um convívio harmonioso entre pessoas heterossexuais e homossexuais há que estabelecer um respeito mútuo entre ambos para somente então se conseguir minimizar o preconceito. Outrossim, enquanto não forem aceitas as diferenças, enquanto não se compreender que existe a igualdade e que essa igualdade é possível entre homens e mulheres independente de orientação sexual, a sociedade viverá como refém dos preconceitos de toda ordem.

Paralelamente a isso, Vanrell e Alcântara (2012, p. 31) destacam que cada ser humano pode desempenhar vários papéis em sua vida, em um momento é amigo ou namorado, aluno, filho, em outra, irmão, sobrinho, neto, cunhado, empregado, pode ainda ter dons intelectuais ou manuais, literários ou artísticos, como também ser homo ou heterossexual.

Entrementes, ao pontuar as diferenças individuais biológicas e as diversas representações sociais resulta que é quase impossível a avaliação de um indivíduo apenas por uma de suas facetas, sob pena de se perder o que de melhor essa pessoa tenha a oferecer nas suas outras qualidades. Por isso, toma-se como coerente a concepção que não se deve julgar ou proceder a juízo de valor pelo que o indivíduo aparentemente apresenta.

Vanrell e Alcântara (2012, p. 33) sugerem que o termo “orientação sexual” determina vários significados diferentes. Para aqueles que possuem uma visão positiva sobre o termo existem três orientações sexuais, todas naturais e fixas em adultos (inclusive imutáveis): o heterossexual, indivíduo que se sente sexualmente atraído pelo sexo oposto; o homossexual, indivíduo que se sente sexualmente atraído por pessoas do mesmo sexo; e, o bissexual, indivíduo que se sente atraído por pessoas de ambos os sexos, não necessariamente no mesmo grau de intensidade.

Outra categoria e que não está inclusa dentro da classificação da homossexualidade são os pseudo-homossexuais, indivíduos que por circunstâncias ambientais ou necessidades financeiras passam a ter um comportamento homossexual sem, contudo deixarem de ser heterossexuais. Geralmente são indivíduos reclusos em cadeias ou internos em conventos e colégios internos e que não tem oportunidade de contato com o sexo oposto. Ao contrário deste, o homossexual verdadeiro desde tenra idade pode manifestar sua orientação sexual. Se

isso for recebido pelos pais de forma natural a criança poderá chegar à vida adulta sem grandes problemas de identificação da sua orientação.

Quase sempre uma forma válida de se ter ideia sobre a orientação sexual de uma criança está relacionada ao seu comportamento nas brincadeiras infantis, nas quais, a partir dos dois anos de idade, o faz-de-conta faz parte desse universo, meninos representam o papel de super-herói e soldados e meninas o de mães cuidadosas de seus bebês, bailarinas e princesas.

Bering (2013, p. 199-200) assinala que quando crianças a tendência homossexual das meninas pode ser visualizada por uma postura exterior de menino, uma queda por ferramentas, um andar mais pesado, um queixo quadrado e uma disposição para lutas físicas com meninos, uma aversão a todos os adornos perfumados, delicados e rendados da feminilidade. No entanto, cumpre destacar que para o referido autor essas considerações não são determinismos biológicos, mas simplesmente serve para indexar pistas comportamentais não eróticas que melhor permitem prever que crianças com esse estereótipo, são mais ou menos propensas a ser atraídas, quando adultas, por pessoas do mesmo sexo. Reavaliando essa ideia conclui-se que, portanto, não são questões genéricas, uma vez que nem todos os meninos que gostam de brincar de fazer comidinhas serão *gays* e nem todas as meninas que não gostam de usar saias se tornarão lésbicas. Da mesma forma como se pode ver que existem muitos *gays* praticando lutas e muitas lésbicas bailarinas.

Não é a posição que o indivíduo ocupa na sociedade ou a profissão que escolhe que indicará sua orientação sexual. Comprovando tal assertiva, Ametista, 55 anos, conta seu exemplo durante entrevista para este trabalho:

Sempre gostei de dançar e nunca gostei de jogar futebol, desde pequeno nunca gostei das brincadeiras de menino, soltar papagaio então, eu odiava, não via graça nenhuma em ficar de cara para o sol, preferia pintar, tocar violão e dançar. Fiz faculdade de Direito, mas nunca deixei de dançar até que surgiu a oportunidade de ministrar aulas de dança de salão em um clube. Quando abriu o curso de dança da UEA, me inscrevi e estou cursando. Ganho minha vida como advogado, mas, a dança sempre foi e será o amor de minha vida. Já casei uma vez e me separei, estou no segundo casamento e minha atual mulher é bailarina. Da separação conjugal eu passei ileso, mas da dança só a morte pode me separar.

Infere-se conforme relatos gerais para a presente pesquisa que o mundo da dança é povoado por indivíduos homossexuais masculinos, e estes defendem que os heterossexuais devem procurar atividades masculinas, pois estão fora do âmbito da dança. É claro nesse pensamento que o indivíduo heterossexual passa por constrangimentos, sendo visto e tratado como ‘intrometido’ no meio da dança, conseqüentemente é evitado nos trabalhos em grupo,

dito que não apresenta um desempenho igual aos demais, homossexuais, além do que é repudiado pelas mulheres, que acreditam que ele na verdade é um homossexual enrustido. Não obstante, o assédio dos *gays* porque é um “bofê”, como estes últimos dizem, passa a ser outro empecilho na vida do bailarino heterossexual.

Goffman (1985, p. 192) indica que,

[...] quando um estranho acidentalmente entra numa região na qual está sendo levada a efeito uma representação, ou quando um membro da plateia inadvertidamente entra nos bastidores, provavelmente surpreenderá os presentes em flagrante delito. Embora não seja a intenção de alguém, as pessoas presentes na região podem achar que foram claramente vistas numa atividade que é inteiramente incompatível com a impressão que elas, por razões sociais, estão na obrigação de manter com relação ao intruso. Tratamos aqui daquilo que se chama às vezes de ‘intromissões inoportunas.

A convivência em um ambiente permeado por tipos diferenciados é complexa e conflituosa. Há sempre uma desconfiança de que um quer enganar, trapacear o outro. A concorrência para ser o bailarino favorito, o destaque dentro do grupo é um fator que desestrutura as relações de amizade. E nesse aspecto, compete ao coordenador do grupo gerenciar esses conflitos, tendo que atuar com bom senso nas escolhas.

Ainda no ambiente da dança outro conflito existente é entre *gays* e mulheres heterossexuais. Por não gostar de representar papéis masculinos como, por exemplo, ao levantar a mulher em um *portée*²⁹ os bailarinos homossexuais tentam de tudo para que a coreógrafa seja obrigada a retirá-lo da função. Alguns se adaptam ao mesmo par e para separá-los é uma dificuldade, outros querem levantar somente as bailarinas bem magrinhas, por motivos óbvios e outros ainda se negam a dançar com o grupo preferindo estar em papel de destaque.

Somam-se a isso os casos de ciúmes, bailarinos homossexuais que namoram bailarinas heterossexuais com o intuito de ser patrocinado por estas que, geralmente, tem um maior poder aquisitivo ou para provocar ciúmes em seu parceiro, assim como para provocar ciúmes em outra bailarina que está afim do bailarino que na verdade só quer mesmo é estar em destaque, tanto na vida pessoal, quanto na vida artística.

Por outro lado, os sujeitos da pesquisa de campo deste trabalho apontaram como positivas as estratégias utilizadas pelo grupo para reestabelecer a harmonia entre os

²⁹Portée-portée: Carregar; Referência também dada a um passo em que o movimento se estende no espaço produzindo a sensação de prolongamento e voo no espaço sendo que a pessoa é sustentada por outra durante a execução do passo.

componentes do grupo, como propiciar encontros bimestrais para que os elos de amizade sejam fortalecidos.

Convém ressaltar ainda que no meio educacional deve-se estar atento aos diversos conflitos produzidos e sentidos pelos indivíduos homossexuais, tentando conduzi-los e guiá-los para minimizar comportamentos dissonantes, quando passam pela dificuldade de serem aceitos e de se aceitarem como homossexuais. Goffman (1985, p. 79) assinala que:

O ator torna-se sua própria plateia; ele vem ser ator e assistente do mesmo espetáculo. Presumivelmente ele interioriza ou incorpora os padrões que procura manter em presença de outros, de tal modo que sua consciência exige que proceda de maneira socialmente adequada. Terá sido necessário que o indivíduo, sem seu papel de ator, esconda de si mesmo, em seu papel de espectador, os fatos de desacreditá-lo, que teve de aprender com relação à representação.

Diante da realidade contra a liberdade de escolha, muitos homossexuais vivem, pois preparados para responder, inclusive com agressões, ao menor dos ataques, na defensiva, esperando um golpe que pode vir de qualquer lado. Por essa postura há quem considere o *gay* uma criatura mordaz e dissimulada que usa sua orientação para passar como “coitadinho”, sobretudo, um alguém perigoso que não teve educação para atuar em sociedade.

Entretanto, prefere-se aqui concordar que os homossexuais são pessoas extremamente companheiras, prestativas e alegres, convivem bem com seus pares e com os heterossexuais, estão sempre de bem com a vida, importando-se em divertir-se e em fazer os outros compartilharem de sua felicidade. Não existe mal tempo, e as adversidades são encaradas como mais uma possibilidade da luta da vida do ser humano. Geralmente essas pessoas convivem bem com sua orientação sexual, são aceitas pelos familiares e vivem tranquilamente em sociedade não se importando com o que pensam a respeito delas.

Pérola, 19 anos e Safira, 21 anos, colaboradoras durante a pesquisa de campo, são exemplos de homens homossexuais bem relacionados e conceituados no grupo do qual participam. Vivem rodeados de amigos. A conversa que conduzem é sempre alegre e divertida, tem sempre uma piada ou uma história engraçada para ser contada. O primeiro é um verdadeiro artista, dança e canta muito bem, gosta de imitar vários personagens televisivos, e tem um extremo bom gosto para criar figurinos e adereços, além do que atua como professor e coreógrafo. O outro é um excelente bailarino, poder-se-ia dizer o principal do grupo, de acordo com os colegas, é muito espirituoso e qualquer desgraça na presença dele pode se transformar em uma grande piada.

Encontrar uma opinião sobre os homossexuais seria dizer que existe um equilíbrio natural na personalidade de cada um, tal como o é com os demais indivíduos, assim entre tantas pessoas diferentes encontrar-se-á umas de difícil relacionamento e outras completamente acessíveis.

Importante destacar nessa conjuntura que quando se trabalha com grupos deve-se ter consciência que é preciso saber lidar com a diversidade; indivíduos diferenciados socialmente, culturalmente, financeiramente e, sexualmente.

Goffman (1985, p.81) comenta que:

Os membros de uma equipe devem cooperar para manter uma dada definição da situação diante da plateia, dificilmente estarão em condições de manter aquela impressão particular diante dos outros. Acumpliciados na manutenção de uma aparência particular das coisas, são forçados a se definir uns aos outros como pessoas “a par dos fatos”, diante das quais não pode ser mantida uma fachada particular. Os companheiros de equipe, então, proporcionalmente à frequência com que agem como equipe a ao número de assuntos incluídos na proteção delineadora, tendem a ser ligados por direitos de que se poderia chamar de “familiaridade”.

A diversidade na dança é latente e comum à maioria dos grupos independentemente do estilo de dança, tanto no estilo de jazz e na dança clássica, quanto na dança moderna e contemporânea. Em contrapartida, nas danças urbanas e nas danças de salão essa diversidade diminui porque nessas modalidades de dança os grupos geralmente são compostos na sua maioria por indivíduos heterossexuais.

Na dança jazz os movimentos mais característicos são os requebros de quadris e os meneios de cabeça o que resulta em movimentos bastante sensuais, essas características agradam tanto o público feminino quanto os *gays* que através dessa linguagem podem extravasar seus gestos feminilizados.

Já a rigidez da dança clássica impede que os homens deem vazão a sua homossexualidade, os papéis dentro dos balés de repertório são bem definidos. Aos homens cabe representar os príncipes, elfos, bruxos e vilões. Contudo, cabe lembrar que no período do nascimento do balé, na França, somente os homens dançavam e a eles cabiam também os papéis femininos nos balés. Somente a partir do século XVIII essa formação dentro da dança clássica parou de existir.

Luís XIII apreciava muito os balés. Não somente participava deles como ator (ele gostava dos papéis de grotescos mal vestidos e dos de mulher, o que permite uma abordagem de sua psicologia ainda negligenciada pelos historiadores). Luís XIII, assim como Luís XIV participou fazendo os papéis femininos de todos os balés que criou, os passos, as árias e as vestimentas, pois tudo foi invenção de sua Majestade.

Não havia intriga, apenas a narração de uma caçada com picadores, falcoeiros, colocadores de rede, caçadores, pistoleiros, um albergueiro e sua mulher (dançada pelo rei), um fazendeiro e sua mulher (o rei)(BOURCIER, 2001, p. 101).

Diferentemente do jazz e da dança clássica, as danças urbanas e populares são mais praticadas por indivíduos heterossexuais, inclusive nas danças urbanas (dança de rua e suas vertentes) existem grupos formados somente por indivíduos homens (heterossexuais), que propõem regras rígidas para a formação do grupo, uma delas é o impedimento da participação de homossexuais, atitude extremamente machista, altamente preconceituosa, chegando às raias da homofobia, enfim uma forma de segregação.

A dança de salão e as danças folclóricas são ecléticas na sua formação, sendo compostas por pares de indivíduos em sua maioria heterossexual, porém não se excluem os homossexuais.

A dança entre tantas profissões, modalidades esportivas, opções de lazer e atividades físicas é discriminada e imbuída de preconceito. A exemplo disso, discentes da Escola Superior de Artes e Turismo da Universidade do Estado do Amazonas que estão iniciando no Curso de Dança declararam para esse trabalho que às vezes sentem vergonha de dizer que fazem faculdade de dança.

A aluna Safira, 21 anos, fala sobre os comentários maliciosos que escuta ao dizer que cursa dança:

Todas as vezes que falo que estou cursando a faculdade de Dança as pessoas perguntam: Faculdade de Dança? Isso existe? Deve ser o maior barato! Todo mundo só dançando, nem precisa estudar! Eu fico com ódio, se soubessem que aqui o que a gente faz de menos é dançar!

Em tom de revolta Esmeralda, 30 anos, ainda acrescenta:

Se fosse só isso... e a família que não aceita, não dá valor. Tive primeiro que fazer outra faculdade que minha mãe queria para depois fazer o que eu queria, que era a dança. Perdi 05 anos da minha vida fazendo um curso que eu odiava só para agradar os outros. Hoje vivo como profissional da dança e esqueci completamente que já fiz outro curso. Graças a Deus já sou professora concursada, tenho o meu emprego fixo e tudo graças à dança.

Jade, 31 anos, também se manifestou para tecer o seguinte comentário:

Já estou formada em Dança há uns 03 anos. Trabalhei em várias instituições de ensino particular e público e o preconceito pelo qual as pessoas comuns passam também se passa dentro da escola. Os professores de educação física e artes e são tratados totalmente diferente dos demais professores, isso tanto por parte de

diretores quanto por pedagogos e supervisores, para muitos essas duas disciplinas não têm importância na escola. Acredito que no pensar deles a dança não promove o desenvolvimento dos domínios motor, cognitivo e afetivo. Só serve para desestressar como eles dizem. Quase todo o dia eu tenho que ‘engolir esse sapo’ para não brigar com Deus e o mundo.

Com relação aos homens esse preconceito aumenta. Muitos se dizem rejeitados por sua orientação sexual nas escolas principalmente nas particulares e com formação religiosa. Rubi, 28 anos, comentou que em uma entrevista de emprego ouviu o diretor comentar com a pedagoga que jamais aceitaria um ‘veadinho’ dando aula na sua escola. “O que os pais vão pensar? Daqui a pouco a molecada toda vira gay. É dessa forma que somos tratados.”

O homem é o que representa em sociedade. Na rua um indivíduo que se traja vestido de branco pode ser considerado um médico, se está de paletó pode ser identificado como advogado, juiz ou empresário. Na sociedade esses indivíduos “bem trajados” são tratados com deferência e apreciação. Ao contrário disso, se um indivíduo se veste humildemente, essa mesma sociedade pode ignorá-lo, acreditando que este não merece ser incluso em seu meio.

Assim, com certo desprezo é que os artistas de forma em geral são tratados em sociedade, por isso eles fazem questão de estar em grupo onde uns aceitam os outros e todos se sentem confortáveis. Uma vez que é comum fora do ambiente da dança os bailarinos serem confundidos com prostitutas e contratados para dançarem em festinhas particulares, isso tanto pelo gênero feminino quanto masculino.

Outro ponto importante que merecer ser discutido é a falsidade ideológica, existem sujeitos na sociedade que utilizam a identidade alheia para fazer o papel dessa pessoa. No âmbito da dança não é muito diferente, conforme relatos do grupo focal dessa pesquisa existem pessoas que se passam por bailarinos com o objetivo de tirar proveito disto, usando identidade falsa, comprometendo, depreciando o nome do verdadeiro profissional da dança. Alguns indivíduos emprestam do outro uma identidade com o intuito de satisfazer um desejo, realizar um sonho ou viver uma fantasia ou ainda para satisfazer uma necessidade interior que na realidade dificilmente se concretizará. Castoriadis (1982, p. 111) indica que:

Às vezes ouvimos dizer: essa ideia de uma outra sociedade apresenta-se como um projeto, mas em verdade é apenas a projeção de desejos não confessados, disfarce de motivações que permanecem escondidas para que os utilizam. Ela só serve para veicular, em alguns, um desejo de poder; em outros, a recusa do princípio da realidade, o fantasma de um mundo sem conflito no qual estariam reconciliados com todos a cada um consigo mesmo, um sonho infantil que desejaria suprimir o lado trágico da existência humana, uma fuga permitindo viver simultaneamente em dois mundos, uma compensação imaginária.

Como os artistas da dança são indivíduos que buscam incessantemente o sucesso e o reconhecimento do seu trabalho às vezes não medem sacrifícios para vencer e se destacar em um mundo egoísta, onde as aparências e as amizades superficiais são mais presentes do que as amizades profundas.

Sendo assim, entre os próprios dançarinos existe uma hipocrisia velada, onde uns se disfarçam de amigos, quando na verdade estão torcendo para que o outro se saia mal no papel destinado a ele, principalmente se esse é o papel principal no espetáculo. Esse descompasso, esse cinismo é mais presente nos bailarinos que fazem os papéis de destaque nas obras.

Os bailarinos do segundo elenco, geralmente constroem uma boa relação de amizade e suas atitudes mudam paulatinamente quando vão subindo na escala de importância. Nesse aspecto Goffman (1985, p. 152) afirma que:

[...] as pessoas que são unidas por laços de afinidade tem condições de observar o que se passa atrás da fachada uma das outras: isto é sempre embaraçoso, mas o será menos se os bastidores dos recém-chegados mantiverem a mesma espécie de espetáculo e privarem da mesma informação destrutiva. [...] deve-se notar que pessoas que são colegas em uma determinada função e, por conseguinte, em termos de alguma familiaridade recíproca, podem não ser colegas sobre outros aspectos.

Alguns homossexuais que não se aceitam como tais encontram dificuldades de construir uma amizade livre de suspeitas. Quando homens heterossexuais iniciam uma amizade com homossexuais masculinos os comentários das demais pessoas inclinam para a malícia, por isso os primeiros geralmente se afastam e evitam ter amizades com indivíduos *gays*. As amizades mais sólidas que os homossexuais masculinos conseguem construir são com mulheres heterossexuais, alguns autores justificam isso ao fato de que por querer ser mulher, estar entre elas facilita a construção do personagem.

Ainda com relação à amizade, alguns homossexuais desconfiam das boas intenções das pessoas, acreditam que sofrem perseguições, que querem maltratá-los denegrindo sua imagem e seu nome. Por terem orientação diferente dos demais indivíduos, os homossexuais se sentem diminuídos.

Dada à fragilidade e a necessária coerência expressiva da realidade que é dramatizada por uma representação, há geralmente fatos que, caso expostos a atenção durante a representação, poderão desacreditar, romper ou tornar inútil a impressão que ela estimula. Diz-se que estes fatos fornecem 'informação destrutiva' um problema básico de muitas representações, portanto, é o controle da informação. O público não deve adquirir informações destrutivas a respeito da situação que está sendo definida por ele. Em outras palavras, uma equipe deve ser capaz de guardar seus segredos e fazer com que eles sejam guardados (GOFFMAN, 1985, p.132).

Convém observar que mesmo tendo em comum a orientação homossexual, o *gay* ou a lésbica expõe um preconceito contra seus pares. Assim como os heterossexuais eles apresentam ciúmes e inveja de toda ordem. O egoísmo permeia a vida desses sujeitos, principalmente no meio artístico profissional. Nessa perspectiva, é possível encontrar nessa amostragem dois dos componentes do grupo que tem uma relação homoafetiva, são “namorados”, mas na vida artística duelam entre si para conquistar os melhores papéis do elenco, parecem dois inimigos em cena, um querendo ser melhor do que o outro, quando que na vida afetiva são apaixonados, vivem em conflito somente com crises de ciúmes. O dito “ativo”, o homem da relação, tem ciúme até mesmo das mulheres do grupo e o “passivo”, seria como se fosse a mulher, tem um respeito muito grande pelo outro que o iniciou nas relações sexuais. Sobre isso, Safira, 21 anos, narra que:

Devo minha iniciação toda a ele, nunca me maltratou e me trata com muito carinho. Tinha medo de a primeira vez ser ruim, de sentir dor, mas, ele é mestre nisso. Eu já trai ele com outros, porque quando a gente briga eu me vingo, mas, me arrependi. Por isso é que a gente vive nesse vai e volta. Toda vez que a gente termina eu digo para mim mesmo que não quero mais. Aí eu sinto falta do carinho dele, do modo como ele me faz sentir prazer... Na “transa” ele é muito diferente desse que vocês conhecem, ele é outro homem, mais dócil, menos bruto.

A harmonia em um grupo com indivíduos heterogêneos, com vidas, ideais e valores diversificados é um desafio constante. Compreensão, generosidade, conversas educativas, encontros sociais, são alguns dos recursos válidos que devem utilizados para minimizar os desencontros e combater os preconceitos oriundos deles mesmos e dos outros. A história de vidas de muitos indivíduos homossexuais está apenas iniciando, entre 20 e 30 de idade esses corpos já apresentam marcas indelévels que juntamente com outras que ainda virão, ficarão registradas como uma identificação daqueles que ousaram quebrar algumas regras antes inquebrantáveis da sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa pesquisa foi possível constatar que a diversidade biológica e cultural é o cerne das questões relacionadas ao indivíduo e de sua inserção na sociedade, sendo esse o parâmetro seguido pelo estudo para que fosse possível identificar as diferenças e igualdades entre os gêneros.

Inicialmente quando a abordagem inclinou-se para o assunto corpo ficou clara a diferenciação existente entre os indivíduos, o que independeu de sexo ou orientação sexual. Assim, *gays*, lésbicas, heterossexuais, travestis entre outros estão classificados entre os gêneros: masculino ou feminino. Contudo dentro dessas duas categorias é possível encontrar indivíduos do mesmo gênero, porém diferentes, causa disso é o reflexo da formação histórica, cultural e social destes.

Essa relevância é dada pela constatação identificada na história de corpo e de gênero e pela formação dos indivíduos nas sociedades patriarcais tanto em épocas passadas quanto na atualidade, além e, sobretudo das relações sociais que estes estabeleceram com outros ao longo de suas vidas.

Vale ressaltar, que as relações estabelecidas entre os indivíduos e seus pares, bem como com o lugar onde vivem representam o sentimento de pertencer a um determinado grupo, seguindo costumes e crenças e, é o fundamento cultural que dá sentido ao seu modo de vida.

No entanto, o homem de um modo geral está vivenciando as transformações sociais decorrentes das constantes mudanças dado a evolução da humanidade e, principalmente devido ao estabelecimento de novos modos de compreensão e aceitação de novas formas de relacionamentos e orientações sexuais diversificadas.

Ao fazer uma análise da sociedade atual sobre o meio em que encontram inseridos os indivíduos, observa-se que o efeito do sistema patriarcal de outrora ainda perdura até os dias de hoje refletindo diretamente sobre o modo de vida desses sujeitos.

Esse fato é reafirmado através deste instrumento ora apresentado, formado pela contribuição de depoimentos reais colhidos a partir da pesquisa de campo desenvolvida e, sobretudo do referencial teórico selecionado com renomados autores. De fundamental importância há que se ressaltar ainda que a constituição desse trabalho permitiu detectar e apontar soluções para as problemáticas junto aos sujeitos da amostragem.

Respondendo aos questionamentos lançados por este estudo, comprovou-se com a discussão de teorias e relatos verídicos que tanto o homossexual masculino ou feminino quanto o heterossexual masculino ou feminino agem de forma extremamente idêntica quando surpreendidos seja na dor da traição, ou vitimizados pelo preconceito, bem como quando são arrebatados pelo prazer do orgasmo. Isso de todas as formas não tem sido um processo compartilhado com todos os sujeitos dos diversos grupos sociais, mas evidentemente ocorre com a maioria.

O presente estudo considera que os efeitos da exposição da orientação sexual pode se apresentar de diversas maneiras, algumas inclusive, irreversíveis, além do que aumentar os problemas sociais e prejudicar as práticas culturais destes indivíduos. Perceber na leitura dos corpos o sofrimento e a dor provocada pelo preconceito homossexual foi deveras desafiador, porém conseguiu-se identificar que um indivíduo exposto à sua própria dor e a de outrem passa a se sentir melhor ao perceber que outro também sofre tal como ele.

Contudo, são notórias as ações adotadas que vem surtindo efeitos para minimizar o preconceito contra o homossexual e conseqüentemente contribuir para o reconhecimento dos homossexuais como sujeitos merecedores de respeito na sociedade. No Brasil, pode-se citar a atualíssima resolução imposta pelo Conselho Nacional de Justiça a qual obriga os cartórios civis a realizarem a união homoafetiva. Além dessa, destaca-se ainda as lei que pune as pessoas que adotam atitudes e palavras que venham causar constrangimento moral nos indivíduos homossexuais.

Redirecionando o enfoque do estudo especificamente para a cidade de Manaus compreendeu-se que os indivíduos homossexuais convivem bem, dependendo do meio o qual estão inseridos. Nesse contexto, destacou-se que o meio da dança, onde é comum a inveja e o ciúme provenientes da produção artística e da performance³⁰. Cada um dos bailarinos quer se tornar o melhor entre os demais, fazendo aflorar rixas e conflitos. Por outro lado, apesar de todas as atribulações os indivíduos (dançarinos) se aceitam e se respeitam. Com relação a isso, notou-se que as expectativas para que os outros grupos sociais os aceitem ainda são ínfimas, ou seja, as políticas de inclusão ainda são incipientes.

Deparando-se com a realidade onde atitudes homofóbicas são uma constante, praticadas através de agressões físicas e morais, um tipo de violência bastante comum, e interpretando analiticamente as dificuldades que passam os homossexuais, verifica-se que não há cobranças advindas da sociedade civil exigindo um controle mais incisivo por parte das

³⁰ Performance: desempenho máximo de um movimento.

autoridades de forma a punir esse tipo de agressão daqueles que a praticam, e a partir disso compreende-se a necessidade de propor e implementar ações que minimizem o preconceito contra o homossexual, urge a necessidade de sugerir ações pensadas em conjunto com a sociedade civil para que fossem respeitados os direitos desses grupos sociais.

Nesse sentido, a partir dos relatos e entrevistas dos sujeitos que participaram dessa amostragem pode-se avaliar que os homofóbicos, dada a uma herança patriarcalista, se assumem como detentor da força e do poder de homem agindo com violência através de atitudes que excluem os sujeitos homossexuais de um universo que deve ser exclusivamente masculino.

Enveredar por realidades totalmente adversas que se inter-relacionam pelas mesmas circunstâncias, possibilitou redimensionar o pensamento e entender a noção do quão as relações sociais são intensamente conflituosas, de modo que demanda a compreensão de que os homossexuais têm sido sobrecarregados pelas pressões sofridas, resultantes dos processos de construção do seu direito como sujeito social.

Identificou-se nessa linha de abordagem que há momentos significativos em que os gêneros, independente de serem indivíduos *gays*, lésbicas ou heterossexuais se igualam sentindo em seus corpos que são estruturas suscetíveis nas sensações de dor, diante da traição ou quando agredidos pelo preconceito, bem como no momento do prazer orgástico, ou seja, agem de forma idêntica.

Isso posto deve-se trabalhar no sentido de diminuir o abismo que separa os indivíduos, tendo em vista que todos fazem parte de um mesmo contexto social, dessa forma se evitará os efeitos sociais irreversíveis, que recaem sobre os homossexuais, provocando violentas perdas e a destruição do modo de vida destes sujeitos.

Considera-se que ainda que se reconheçam os poucos avanços da lei e o movimento de pequenas ações de grupos homossexuais, constata-se que os *gays*, lésbicas e afins continuam sendo excluídos, anulados, explorados e humilhados, vistos como uma aberração. Persiste uma visão conservadora e patriarcalista de alguns grupos, principalmente homens, cujos efeitos são imponderáveis e contrasta com a evolução, transformação, liberdade de expressão, inclusive sexual, sobretudo se opõem a consolidação das identidades coletivas que aglutinam toda a comunidade de lésbicas, *gays*, bissexuais e travestis.

Consideramos ainda as profundas conseqüências e traumas sofridos por indivíduos que são surpreendidos pela dor da traição, independente de gênero, crença, raça ou orientação sexual a dor da traição é sentida e reverberada no corpo provocando sensações indeléveis de

dores perenes. Pontuamos ainda que a dor sentida no corpo possa ser adquirida a partir da busca pelo prazer, pois, a dualidade dor/prazer está intrinsecamente relacionada.

Destarte, através desta pesquisa, comprovou-se que o corpo é expressão, vivo e dinâmico, é movimento, o expositor de nossas emoções e sensações; um instrumento de comunicação cultural que vem através dos tempos relatando, expondo e construindo a história da humanidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Jeanne Chaves. **Atividade rítmica: dança, folclore e cultura popular**. Manaus: Valer, 2008.

ARAÚJO, Emanuel. **A arte da sedução: sexualidade feminina na Colônia**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

BERING, Jesse. **Devassos por natureza: provocações sobre sexo e a condição humana**. Trad. Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BOSWELL, John. **Christianity, Social Tolerance and Homosexuality**. University of Chicago Press. 1980.

BOURCIER, Paul. **História da Dança no Ocidente**. Trad. Marina Appenzeller. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. 10. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

CARVALHO, Edgar de Assis. **Enigma da cultura**. São Paulo: Cortez, 2003.

CASTORIADIS, Cornelius. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. De Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1982.

CHURCHLAND, Paul M. **Matéria e consciência: uma introdução contemporânea a filosofia da mente**. Trad. Maria Clara Cescato. São Paulo: UNESP, 2004.

COLER, Ricardo. **O Reino das mulheres, o último matriarcado**. São Paulo: Planeta/ 2009.

DANGENNES, B. **Como as esposas devem pensar**. In Revista Feminina. São Paulo, n. 19, 1915.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas: Papius, 1995.

D'INCAO, Maria Ângela. **Mulher e família burguesa**. In História das Mulheres no Brasil. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FONTES, Joaquim Brasil. **O corpo e sua sombra**. In Corpo e História. Campinas: Autores Associados: Campinas, 2006.

FRAGA, Alex Branco. **Anatomias emergentes e o Bug muscular: Pedagogias do corpo no limiar do século XXI**. In Corpo e História. Campinas: Autores Associados, 2006.

GIDDENS, Anthony. **Transformação da intimidade. Sexualidade, amor e erotismo nas Sociedades Modernas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: EDUNESP, 1993.

GOFFMAN, Erving. **A representação do eu na vida cotidiana**. Trad. Maria Célia Santos Raposo. Petrópolis: Vozes, 1985.

GOLDENBERG, Miriam. **A outra: a amante do homem casado**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2009.

GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, pensar, agir: Corporeidade e Educação**. Campinas: Papirus, 1994.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. São Paulo: Ideias e Letras 2006.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura, um conceito antropológico**. 21. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

_____, David. **Adeus ao corpo: antropologia e sociedade**. Trad. Marina Appenzeller. Campinas: Papirus, 2003.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. Trad. Alcides João de Barros. São Paulo: Ática 1991.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Trad. Bernardo Leitão *et al.* 2. ed. Campinas: UNICAMP, 1992.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: Uma perspectiva pós-estruturalista**. 13. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

_____, Guacira Lopes. FELIPE, Jane. GOELLNER, Silvana Vilodre. **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação**. 6 ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MARQUES, Isabel. **A linguagem da dança. Arte e ensino**. São Paulo: Digitexto, 2012.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. vol. 1. São Paulo: E.P.U, 1974.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Trad. José Arthur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

MORIN, Edgar. CLOTET, Joaquim. SILVA, Jurandir Machado da. **As duas globalizações: complexidade e comunicação, uma pedagogia do presente**. 3.ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. Trad. Angela M. S. Correa. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2012.

PINSKY, Carla Bassanezi. **Mulheres dos anos dourados**. in História das Mulheres no Brasil 9. ed. São Paulo: Contexto, 2010.

REICH, Wilhelm. **A função do orgasmo**. Trad. Maria da Glória Novak. Círculo do Livro. São Paulo:Brasiliense,1989.

REVISTA FEMININA, ano II, São Paulo, 12/1915.

ROSÁRIO, Nísia M. **Mundo contemporâneo:corpo em metamorfose**.Disponível: <<http://www.comunica.unisino.br/semiotica.2004>>. Acesso em: 12/jun/2013.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **É possível realizar uma história do corpo?** In Corpo e História. Org. Carmem Lúcia Soares.3. ed.Campinas: Autores Associados, 2006.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O fazer-dizer do corpo: dança e performatividade**. Salvador: EDUFBA, 2008.

SIEBERT, Raquel S. **As relações de saber-poder sobre o corpo**. In: corpo, mulher e sociedade. Elaine Romero (org.) Campinas: Papirus.

SOARES, Artemis. **A noção da pessoa e a importância da corporalidade**. In Soares: O corpo nas sociedades indígenas amazônicas. 2006.

SOARES, Carmen Lúcia. **Corpo e História**. Campinas:Autores Associados, 2006.

SOIBET, Rachel. **Mulheres pobres e violência no Brasil urbano**. In História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

TELLES, Norma. **Escritoras, escritas, escrituras**. In História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

TORRES, Iraildes. **As primeiras damas a assistência social: relações de gênero e poder**. São Paulo: Cortez, 2002.

_____ e OLIVEIRA Márcia. **Tráfico de mulheres na Amazônia**. Florianópolis:Mulheres,2012.

ROVERATTI, Dagmar. **Guia da Sexualidade**. São Paulo:Daikoku,2012.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo:Perseu Abramo,2004.

SCOTT, Joan Wallach. **História das mulheres**. In. Burke, Peter (org) A escrita da História.Novas perspectivas. São Paulo: UNESP, 1992.

STEARNS, Stephen. HOEKSTRA, Rolf. **Evolution, an introduction**. United States of America:Oxford University Press, 2005.

VAINFAS, Ronaldo. **As heresias e os pecados da história colonial brasileira**. In História das Mulheres no Brasil. São Paulo: Contexto, 2010.

VANRELL, Jorge Paulete e ALCANTARA, Nilzeth Lourenço. **Lésbicas no divã**. 3.ed. São Paulo: 2012.

VARELLA, Dráuzio. **Ejaculação precoce**. Disponível em: <<http://drauziovarella.com.br/sexualidade>>. Acesso em: 15/03/2013.